

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Laura de Barros Marinho Anitablian

**Identidade pantaneira: uma reflexão sobre a expressão artística do povo
pantaneiro**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2023

Laura de Barros Marinho Anitablian

**Identidade pantaneira: uma reflexão sobre a expressão artística do povo
pantaneiro**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Denise Gimenez Ramos.

São Paulo

2023

Anitablian, Laura de Barros Marinho
Identidade pantaneira: uma reflexão sobre a
expressão artística do povo pantaneiro. / Laura de
Barros Marinho Anitablian. -- São Paulo: [s.n.], 2023.
158p. il. ; cm.

Orientador: Denise Gimenez Ramos.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia: Psicologia Clínica.

1. Pantanal. 2. Cultura pantaneira. 3. Símbolos
culturais. 4. Relação entre cultura e meio ambiente. I.
Ramos, Denise Gimenez. II. Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados
em Psicologia: Psicologia Clínica. III. Título.

CDD

Laura de Barros Marinho Anitablian

**Identidade pantaneira: uma reflexão sobre a expressão artística do povo
pantaneiro**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Denise Gimenez Ramos.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Denise Gimenez Ramos – PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba– PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Marion Rauscher Gallbach – SBPA

Aos meus filhos e sobrinhos, herdeiros diretos da
missão de amar o Pantanal.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Beatriz, meu maior privilégio, minha figueira-mãe. Primeira leitora de cada versão desta pesquisa, entusiasta e amante do pantanal como eu. Sem você, nada disso existiria.

Ao meu pai, Tadeu, com quem aprendi a admirar a potência humana e sua capacidade de criação.

Aos meus irmãos, Beto, Daniel e Guilherme, companheiros de estrada que fizeram toda a diferença. Não consigo imaginar a beleza da vida sem a presença de vocês. O amor fraterno foi e sempre será, para mim, a forma como entendo o Amor.

Ao meu marido, José Carlos, paulista que a cada dia abre um pouco mais seu coração para a simplicidade pantaneira. Você é sempre bem-vindo e é parte do meu presente para o Pantanal. Prepare-se, que a missão se aproxima!

Aos meus filhos, Rafael, Thiago e Leonardo, que me dão a oportunidade de ser (ou tentar ser) figueira-mãe também. Que privilégio ser sua ponte para virem à vida.

À Dra. Denise G. Ramos, minha orientadora, que, com a intuição afinada, conseguiu guiar-me ao longo desta pesquisa.

Aos professores do Núcleo de Estudos Junguianos, em especial, à Prof.^a Dr.^a Liliana Wahba, que me abriram as portas para um campo junguiano mais profundo, crítico e atual.

Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, pela riqueza das trocas ao longo desses anos.

A Julieta Durce, analista e grande incentivadora. Sem sua crença na minha capacidade, não teria chegado aqui.

A Marion Gallbach e ao grupo de vivência de sonhos, pelo apoio na difícil tarefa de decifrar um sonho guia.

A Armando Lacerda e Dona Cerise que tão gentilmente me cederam seu tempo e me presentearam com sua sabedoria sobre nosso amado pantanal.

Aos amigos todos, que são as flores do meu caminho.

Que as minhas palavras não caiam de
louvamentos à exuberância do Pantanal.
Que eu não descambe para o adjetival.
Que o meu texto seja amparado de
substantivos. Substantivos verbais.
Quisera apenas dar sentido literário
aos pássaros, ao sol, às águas e aos seres.
Quisera humanizar de mim as paisagens.
Mas por que aceitei o desafio de glosar
esta obra exuberante de Deus?
Aceitei para botar em prova minha linguagem.
Que eu possa cumprir esta tarefa sem
que o meu texto seja engolido pelo cenário
(BARROS, Para encontrar o azul eu uso pássaros,
1999, n.p.)

RESUMO

Anitablian, L. B. M. **Identidade pantaneira: uma reflexão sobre a expressão artística do povo pantaneiro.** N. p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa teve como objetivo identificar símbolos significativos na produção artística do povo pantaneiro, com foco nas artes visuais, na música e na literatura. Cinco símbolos foram identificados e analisados: a figueira-mãe, o peão boiadeiro, o bugre, o homem solitário e as águas. A partir desses símbolos, pode-se entender melhor a profunda relação entre a cultura local e o ambiente natural. O papel da natureza como mãe, que cuida e é cuidada, a intuição como forma de se conectar à natureza, um espírito esportivo para enfrentar as dificuldades, a solidão da vida imersa em espaços infinitos, a noção de totalidade a partir dos ciclos de vida e morte. Por meio da análise desses símbolos e da reflexão sobre a relação do pantaneiro com eles, esperamos contribuir efetivamente para uma compreensão mais ampla da alma e da cultura do povo pantaneiro.

Palavras-chave: Pantanal. Cultura pantaneira. Manifestações artísticas. Símbolos culturais. Relação entre cultura e meio ambiente.

ABSTRACT

Anitablian, L. B. M. **Pantanal identity: a reflection on the artistic expression of Pantanal people.** N. p. Dissertation (Master in Clinical Psychology). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

This research aimed to identify significant symbols in the artistic production of the Pantanal people, focusing on visual arts, music and literature. We identified and analyzed five symbols: the mother-fig tree, the cowboy (*peão boiadeiro*), the *bugre*, the lonely man and the waters. From these symbols, one can better understand the deep relationship between local culture and the natural environment. The role of nature as a mother, who cares and is cared for, intuition as a way of connecting to nature, a sporting spirit to face difficulties, the loneliness of life in infinite spaces, the notion of totality based on life cycles and death. By analyzing these symbols and reflecting on Pantaneiro's relationship with them, we hope to contribute effectively to a broader understanding of the soul and culture of the Pantaneiro people.

Keywords: Pantanal. Pantaneiro culture. Artistic expressions. Cultural symbols. Relation between culture and natural environment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pantanal – Localização	22
Figura 2 – Sub-regiões do Pantanal.....	23
Figura 3 – Cheia de 2011 (1).....	25
Figura 4 – Cheia de 2011 (2).....	26
Figura 5 – Comitiva paramentada conduzindo o gado	38
Figura 6 – Peão montando uma peiteira	39
Figura 7 – Ilton Silva – Série “Cores e mitos”	56
Figura 8 – João Sebastião Costa – Sem título	56
Figura 9 – Jorapimo – "Pantanal com aves em Corumbá"	57
Figura 10 – Jamil Canavarros – Sem título	58
Figura 11 – Adilson Schieffer – Série Manhé Ser Sublime.....	58
Figura 12 – Adilson Schieffer – Flor do meu jardim I.....	59
Figura 13 – Humberto Espíndola – Sem título (1)	62
Figura 14 – Humberto Espíndola – Sem título (2)	63
Figura 15 – Humberto Espíndola – Sem título (3)	64
Figura 16 – Humberto Espíndola – Sem título (4)	64
Figura 17 – Jorapimo – Sem título (1)	65
Figura 18 – Daltro – Boiada e golpe de ar.....	66
Figura 19 – Jorapimo – Sem título (2)	67
Figura 20 – Ilton Silva – Lida de peão	67
Figura 21 – Joubert Pantaneiro – O canoeiro pescador	69
Figura 22 – Joubert Pantaneiro – Artesã amamentando.....	69
Figura 23 – Joubert Pantaneiro – Sem título	70
Figura 24 – Conceição dos Bugres – Sem título	71
Figura 25 – Jonir Figueiredo – Os Mapas do Paraíso – Pantanal Brasil	74
Figura 26 – Jonir Figueiredo – Sem título	74
Figura 27 – João Sebastião Costa – Rei festeiro e sirigaita mimi	75
Figura 28 – João Sebastião Costa – Sagrados corações de caju.....	75
Figura 29 – Peninha Mourão – Sem título	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE PESQUISAS	19
3 PANTANAL – GEOGRAFIA	21
3.1 Do léxico	21
3.2 Localização e subdivisões	22
3.3 Ciclo das águas	24
4 PANTANAL – ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS.....	29
4.1 Ancestralidade.....	29
4.2 Gente pantaneira	35
5 PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	42
5.1 Conceitos gerais	42
5.2 Função transcendente e símbolo	43
5.3 Relevância da arte como expressão da alma de um povo	45
6 OBJETIVO	47
7 MÉTODO.....	48
7.1 Procedimento	48
8 RESULTADOS.....	50
8.1 A figueira-mãe	50
8.2 O peão boiadeiro	59
8.3 O bugre.....	68
8.3.1 Quem é o bugre	68
8.3.2 O choque entre culturas	78
8.4 O homem solitário.....	82
8.5 As águas	89
9 CONCLUSÕES	95
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXO 1 – Bibliografias	109
ANEXO 2 – Poesias e textos selecionados de Manoel de Barros.....	114
ANEXO 3 – Letras das músicas selecionadas	139

1 INTRODUÇÃO

Os motivos que me levaram a escolher como objeto de estudo a identidade pantaneira estão profundamente ligados à minha história e ao processo de descoberta da minha própria identidade. Diante da escassez de pesquisas no campo da psicologia que tratem desse tema específico, esta introdução está ancorada justamente na minha vivência pessoal e nas minhas experiências e reflexões como a pantaneira que, afinal, descobri ser.

Minha família está em Corumbá-MS há algumas gerações. Por parte de pai, comerciantes chegados de Portugal no início do século XX. Por parte de mãe, uma história que se confunde com a própria história do Pantanal. Embora sempre tenha sabido disso, não era claro como esse passado me afetava. Não me sentia como um elo na corrente.

Isso mudou em julho de 2020, quando, durante a pandemia de Covid-19, passei a refletir sobre o significado da palavra “pantaneira” para mim. De certa forma, pantaneira sempre fui, mas foi apenas com essa reflexão que me dei conta, conscientemente, de que o era.

Apesar de todo enraizamento em Corumbá, eu só morei ali por poucos anos. Meus pais, como é comum na cidade, saíram para estudar na “capital”. Meu pai, em São Paulo, minha mãe, no Rio de Janeiro. Casaram-se, tiveram filhos (somos quatro) e voltaram para Corumbá quando eu tinha acabado de fazer onze anos. Eu mesma saí para estudar logo que fiz dezessete anos, havendo morando em Corumbá por apenas seis. Apesar de nascida em São Paulo e moradora dessa cidade a maior parte de minha vida, sempre me considerei corumbaense. É de lá meu sotaque, são de lá minhas raízes, as lembranças que me tornaram boa parte de quem sou. Mesmo morando fora, nunca fiquei afastada. Na infância, eram lá minhas férias, da mesma forma que as de meus filhos paulistanos agora são.

Sempre me causou espanto pensar que eu passava somente um mês por ano na fazenda do meu avô. Surpreendia-me que mais da metade das minhas lembranças de infância fossem de lá, e que quase todas as lembranças mais importantes para entender quem sou estivessem entre elas. Eram vivências tão importantes que sempre movi mundos e fundos para proporcioná-las aos meus filhos e, de certa forma, torná-los não tão paulistanos.

Não é muito diferente do que ocorre com meus irmãos, que, depois de se formarem, voltaram para Corumbá. Meu pai, engenheiro de alma, abandonou a profissão e voltou a cidade para ajudar a família com uma exportadora de produtos para a Bolívia. De uma maneira nada programada, acabou virando fazendeiro, e meus irmãos se formaram na área: dois agrônomos e um veterinário. Pantaneiros por parte de mãe, forjados nas mesmas vivências de férias na fazenda, trabalhando na área, meus irmãos compartilham comigo as angústias e o desejo de “criar filhos pantaneiros”.

Na nossa infância, tínhamos tempo solto na fazenda. Por mais que tentássemos replicar essa experiência para a geração seguinte, sentíamos que fracassávamos. São treze netos na geração dos meus filhos, distribuídos de uma maneira peculiar: nasceram sete meninos em oito anos, duas meninas em seguida e, depois, mais quatro meninos, praticamente no mesmo mês. Esses últimos são como “primos gêmeos”.

Os sete primeiros, incluindo os meus três filhos, amam ir para a fazenda, mas como diriam meus irmãos, “não são raiz, são pantaneiros Nutella”. Apesar de alguns sinais claros (nenhum deles realmente gosta de montar a cavalo ou sabe montar, por exemplo), são nas sutilezas que eu e meus irmãos percebemos a diferença entre a nossa relação com a fazenda e com a identidade pantaneira e a dos nossos filhos. Apaixonados pela fazenda, não trocam o programa por nada, mas têm uma maneira bem diferente de aproveitar as férias lá, e não estou falando de celulares que sempre foram banidos no período.

Não sabendo o que fazer para modificar a situação, em algum momento desistimos de intervir, deixando nossos filhos livres para viver as férias da maneira que bem entendessem. Afinal, ainda que de forma diferente da nossa, eles aproveitavam as férias na fazenda. Também nos deixamos mais livres para escolher outros programas. Se, na nossa infância, passávamos um mês soltos no pantanal, com a geração deles, por diversos motivos, acabamos reduzindo esse tempo para dez dias por ano. Contudo, em julho de 2020, com a pandemia da Covid-19, a família resolveu passar novamente um mês completo na fazenda. Nesse tempo lá, observamos algumas coisas que nos permitiram entender porque, com alguns de nossos filhos, sentíamos que falháramos em torná-los verdadeiros pantaneiros.

Os sete mais velhos, que tanto tentamos fazer pantaneiros, não o eram. Já os seis mais novos, sim, haviam se tornados pantaneiros sem que reparássemos. Vimos

a nós mesmos na figura desses seis e entendemos que quem faz pantaneiros não é pai nem mãe, é o próprio pantanal. Quando deixamos os mais novos soltos, o pantanal fez a magia. O tempo extra também fez toda a diferença. Não se pode apressar esse forjar de alma. O Pantanal tem o próprio tempo, o próprio ritmo, e a magia acontece exatamente nesse compasso diferente. Saímos dessas férias tocados, determinados a nunca mais encurtar a estadia para os dez dias que haviam se tornado usuais.

Passei os seis meses seguintes tentando entender o que havia acontecido. Apesar de sempre passarmos uma temporada na fazenda, algo em 2020 havia sido diferente. Na minha própria terapia, o assunto não morria e, ao longo daquele período fui me entendendo pantaneira e compreendendo o que isso significava. Talvez esta dissertação seja o arremate final (assim espero) dessa tentativa de entendimento.

A partir do momento em que comecei a pensar no tema pantaneiro para o mestrado, várias pessoas me sugeriram estudar a mulher pantaneira, mas a ideia me era tão incômoda que prontamente a rejeitava. Por que o incômodo? Minha impressão inicial era a de que a própria divisão em homens e mulheres não me parecia ser pantaneira. Nunca pensei sobre nós dessa maneira, o que é até estranho, já que as funções desempenhadas no pantanal são bastante definidas pelo gênero.

O homem vai para o campo, lida com o gado, é tratorista, faz cercas, exerce infinitas funções. As mulheres trabalham em casa, algumas na sua própria, outras, nas sedes das fazendas. Podem ser a cozinheira que alimenta a peonada (ainda que o cozinheiro que trabalha no campo no transporte do gado costume ser homem), ou cuidar da família e, em muitos casos, ajudar em algumas atividades na lida da fazenda, mesmo sem remuneração. Há também o importante lugar da “dona” da fazenda. Se os papéis são tão diferentes, por que me causava tamanho estranhamento a ideia de olhar as mulheres separadamente?

Acredito que porque se, de um lado, ali existem funções muito claras para cada gênero, a divisão não é rígida. Se um homem, por qualquer motivo, não pode “tocar” a fazenda, a mulher o substitui sem problemas. Isso nem é questão. E, nessa função, recebe o respeito que a posição inspira. Helena Meirelles, violeira pantaneira, no documentário sobre sua vida, conta a dificuldade em aprender a tocar violão, costume comum entre os homens. Diz que “não podia ficar nas rodas esfregando os joelhos com os homens”. Teve que aprender sozinha e, então, ocupou o espaço que escolheu. Não era comum, mas coube. O que me faz pensar que a divisão das funções no pantanal é comum, mais do que uma norma geral, e o que a organiza é sutil.

Paralelamente a isso, preciso explicar minha mãe. O mistério da minha mãe é gigante em minha vida. Entender como ela podia ser ela, tão sábia e plena e simples, intrigou-me desde que me entendi por adulta. Eu não podia ser como ela, não me via como ela. Como ela consegue? Por que parece tão fácil? Explicar o colosso que é minha mãe é tão impossível quanto, talvez, seja explicar o que é a mulher pantaneira. Porque é um colosso, mas tão simples e singelo que as palavras não dão conta, a razão patina.

Nesta tarefa para mim heroica de tentar definir minha mãe, cheguei à metáfora de uma grande árvore frondosa no meio do pantanal. Só quem já andou pelo descampado em dia de sol sabe o que é achar essa árvore. É frescor, é alívio e é muito mais do que isso. E essa imagem era a única que dava conta da minha mãe na minha psique. Tive a experiência de “emprestar” essa imagem para o meu filho caçula. Ele estava com a missão de fazer um desenho que representasse cada um da família para ilustrar um brinde de Natal. Dos 23 desenhos que precisou fazer, só travou no da minha mãe, algo um tanto quanto engraçado e que muito diz dessa dificuldade de entender o lugar, a função dela. Essa impressão que tenho, compartilho com todas as pessoas da família. Ainda assim, só para ela, ele não tinha um símbolo. Mesmo a ideia da minha mãe como árvore ele não entendeu, dizendo “ela não é jardineira!” Foi só quando expliquei a sensação da sombra e do estar aos seus pés, que ele pareceu entender profundamente o que eu queria dizer.

E qual não foi a minha surpresa quando, na primeira conversa informal que marquei para falar sobre o pantanal, diante da pergunta sobre a mulher pantaneira, obtive a seguinte resposta: “independentemente de se olhar para homens ou mulheres, você precisa entender que o pantanal é um grande matriarcado. As mulheres aqui são como grandes figueiras. São elas quem estruturam a coisa toda”. E quando pedi que esclarecesse mais sua resposta, a pessoa não conseguiu ir além. Esse lugar da mulher no pantanal é sutil, difícil de definir. Poderia se pensar em mulheres poderosas. Mas são tão distantes das mulheres fálicas que também chamamos de poderosas no patriarcado quanto a água do vinho. E seu papel não é claro. Sustentam algo para além das suas funções. Há mulheres que administram a fazenda, há mulheres que são as esposas dos administradores. Já encontrei até mulheres na função de peão. Mas a maioria costuma ser a esposa, do dono da fazenda, do peão, do tratorista. Independentemente disso, são elas quem estruturam

a vida daqueles que vivem na fazenda. Ou pelo menos era assim, quando as fazendas eram tocadas como a casa de uma família ampliada, e a função da mulher era “amar aquela terra, fazer dela uma coisa maravilhosa na sua vida, atender às pessoas que moram por ali, fazer tudo que uma pessoa pode fazer por uma fazenda e adquirir o prazer de viver naquele lugar” (dito em uma das conversas informais por uma proprietária que administrou, ela mesma, uma fazenda por quarenta anos).

É um mundo administrado como extensão das famílias. A ordem e os valores maiores parecem ser sustentados por essas mulheres que fazem isso com a simplicidade que advém da certeza de que essa é sua função. Uma função de grande valor, um sacro-ofício e não um sacrifício. O cuidado que a pantaneira amplia para além do lar parece ter como fundamento a conexão do próprio corpo com o todo maior. Ela é natureza e ferramenta da natureza. E, se o patriarcado faz pensar no papel da mulher como algo da ordem do sacrifício, a pantaneira cuida para que parte da sua função torne sua própria vida maravilhosa. Ela está incluída, não pelo outro, mas pelo todo do qual ela faz parte.

Isso me fez lembrar de situações que estranhei em São Paulo. Estranhei a postura de uma grande amiga, chateada com a cunhada que tinha tomado a liberdade de dar uma bronca no filho dela. Se estou com um grupo de crianças, sinto-me à vontade para dar bronca em quem precisar. Mais do que à vontade, sinto-me na obrigação de ser o representante da ordem ali. Nessa situação, eu sou o adulto que está cuidando de todas as crianças presentes, não só dos meus filhos. E espero o mesmo dos outros. Estranho, pois, quando um adulto vem me chamar para contar que presenciou um filho meu aprontando algo errado. Fico chocada! “Você me chamou para isso, ao invés de falar com ele no ato?!” Não seria mais claro para as crianças entender as regras como algo do mundo e não da “sua mãe”?

Cuidar do todo encrustada numa rede de várias outras cuidadoras: essa é a função da mulher pantaneira. Ela faz parte de uma rede de figueiras conectadas pelas raízes, gerando ilhas de sombra. Como isso pode perseverar ao longo do tempo? Como as filhas recebem essa função de suas mães e organizam esse universo ao seu redor? Uma amiga, espantada pelos meus achados, perguntou-me: “você sabe que, na Umbanda, a figueira representa o tempo?” Isso me tocou, porque sempre pensei na corrente formada pela minha avó, minha mãe e eu como um eixo organizador do mundo, pelo menos do meu mundo. E, com esse comentário, o meu “eixo” foi prontamente encarnado numa figueira.

Na casa que era da minha avó e que hoje é da minha mãe, vejo os meus filhos e sobrinhos brincando no quintal. E ali os vejo brincando na companhia da menina que fui e dos meus primos e, mais ainda, das imagens que guardo das histórias da infância da minha mãe. Quando olho aquele quintal, vejo as três gerações de crianças brincando, não exatamente juntas, mas em paralelo. É uma cena potente e perturbadora.

Todavia, para entender a pantaneira que sou, é útil investigar quais são as características que tornam alguém pantaneiro. A meu ver, alguns aspectos do ser pantaneiro dizem respeito a vivências profundas de conexão com a natureza. Apesar de parecerem requerimento óbvio para a identidade pantaneira, não é claro como a conexão com a natureza impacta a formação dessa identidade. A palavra que mais me satisfaz, na tentativa de descrever esse fenômeno, é uma certa inteireza, uma integridade diante da realidade. Algo que se impõe com toda uma majestade, uma beleza sedutora e implacável, contra a qual não há espaço para negociação ou pleitos. O calor infernal chega, a hora dos mosquitos enlouquecesse um desavisado, as distâncias parecem infinitas. E, no entanto, as paisagens são belíssimas, o pôr do sol é de tirar o fôlego e, apesar de dura, a natureza lá também é muito acolhedora na sua maneira plana de ser.

Desde aquele julho de 2020, quando passei a refletir sobre minha identidade pantaneira, senti-me capturada por essa dualidade de prazer e dor, tão integrada no pantaneiro. Em nossa tentativa de criar filhos pantaneiros, não entendíamos que priorizando ou o prazer ou a dor não há pantaneiro. Ele vive exatamente no encontro dessas polaridades, e consegue brincar com elas, consegue integrá-las. Para isso, conta com um espírito aventureiro e um senso de humor peculiar, além da capacidade de permanecer em contato com as coisas como elas são, e não como deveriam ser ou gostaria que fossem.

Da tentativa de mapear as questões que levantei ao longo dessas reflexões nasce esta pesquisa. Se o pantaneiro tem algo de próprio, o que é? Quando penso em investigar a identidade pantaneira, não estou pensando em características estereotipadas que são exibidas em novelas, nem em agrupar traços comuns em personalidades da região. Interesse-me pelos símbolos emergentes da produção artística pantaneira, visando entender a relação entre tais símbolos e a maneira de ser do povo pantaneiro.

Nesse sentido, o arcabouço teórico da psicologia analítica pareceu-me uma ferramenta para essa compreensão. Ainda que cheguemos à conclusão de que a persona do peão boiadeiro seja uma boa representação, aqui buscamos uma compreensão mais profunda, que leve em conta o inconsciente em todo seu espectro: pessoal, cultural e coletivo. Procuro entender aspectos que me soam como carimbos na alma desse povo. Quero entender os valores em que se apoia sua identidade. Para tanto, analiso obras da literatura, do cancionero e das artes plásticas de artistas locais, com destaque para o poeta Manoel de Barros.

Investigar a identidade de um povo é extremamente complexo. Como bem pontua Denise Ramos (2004), na pesquisa que investigou a corrupção no Brasil, são inúmeras as variáveis da cultura sobre a psique e os estudos dos efeitos situam-se, em sua maioria, em um nível superficial e descritivo. A busca por pesquisas que investigassem o pantaneiro por um viés psicológico não encontrou nada. Os textos encontrados em áreas de estudo como geografia ou história, ainda que falassem sobre identidade, tratavam apenas de trabalhos descritivos. Parece ser enorme a falta de pesquisas psicológicas que analisem em profundidade os determinantes inconscientes oriundos da cultura.

Assim, à parte a minha motivação pessoal e a importância deste estudo para o aprofundamento da minha compreensão sobre a minha identidade cultural, as principais justificativas para este trabalho dizem respeito à escassez de pesquisas psicológicas que analisem a identidade de um povo e à importância da compreensão de valores culturais na formação da identidade de um grupo, no caso a identidade pantaneira. Espero, com este trabalho, contribuir para ampliar o conjunto ainda reduzido de pesquisas sobre o tema, visando entender nossas raízes e, com isso, valorizá-las e preservá-las.

Para apresentar o estudo realizado, este trabalho está assim constituído: o capítulo 2 apresenta a revisão de pesquisas sobre o tema; o capítulo 3 aborda a geografia pantaneira; o capítulo 4 traz a história do povo pantaneiro; o capítulo 5 trata de conceitos da psicologia analítica julgados relevantes para a reflexão sobre o tema; os capítulos 6 e 7 descrevem, respectivamente, o objetivo e o método empregado na pesquisa; o capítulo 8 detalha os resultados; o capítulo 9 resume as conclusões derivadas da análise realizada; por último, o capítulo 10 traz as considerações finais.

2 REVISÃO DE PESQUISAS

O levantamento de pesquisas para subsidiar esse estudo ocorreu por meio do Portal de Periódicos da CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que reúne coleções de periódicos, bibliotecas e repositórios digitais e bases de dados nacionais e internacionais, e da plataforma Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram *pantaneiro*, *identidade pantaneira* e *cultura pantaneira*. Em razão da especificidade do tema, que está referido a uma região brasileira, foram utilizados termos de busca apenas em português.

Encontrou-se reduzido número de pesquisas envolvendo a identidade pantaneira, distribuídas, em geral, nas áreas de geografia, história, ciências sociais, meio ambiente, turismo e antropologia. Sobre a identidade cultural pantaneira, não foi encontrada nenhuma pesquisa na área de psicologia. Destaco a seguir os trabalhos de outras áreas, mas que foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

O primeiro trabalho analisado foi a tese de doutorado em Letras de Maria Leda Pinto (2007) (USP – Universidade de São Paulo). Em *Discurso e cotidiano: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros*, a pesquisadora busca nas histórias de vida dos pantaneiros a imagem discursivamente construída sobre eles. A questão que ela coloca é: em que medida é possível evidenciar as imagens do pantaneiro construídas pelo discurso oral do próprio pantaneiro? A primeira de suas conclusões é a de que os pantaneiros se colocam como trabalhadores do Pantanal. Ao narrarem suas experiências, remetem ao trabalho e às atividades que desempenham e desempenharam ao longo da vida. Além disso, caracterizam o trabalho no Pantanal pelas dificuldades: é bom viver no Pantanal, mas é difícil. Os pantaneiros apresentam o Pantanal e a si mesmos por meio de relações opositivas como “difícil X bom” ou “antigamente X hoje”.

Para a análise da obra de Manoel de Barros, foi de grande ajuda a tese de doutorado em Educação de Maria Cristina de Aguiar Campos (2007) (USP): *Manoel de Barros: O Demiurgo das Terras Encharcadas – Educação pela Vivência do Chão*. A autora faz uma leitura simbólica da obra de Barros usando, principalmente, como base, as teorias bachelardiana, junguiana e durandiana. Seleciona, da obra poética do autor, imagens simbólicas que espelham as relações entre o meio, o homem e o imaginário. Como conclusão, aponta a importância do mito da Grande Mãe na vida e obra de Barros.

Albana Xavier Nogueira é uma importante pesquisadora da região, com uma tese de doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie: *A linguagem do homem pantaneiro*. Esse estudo serviu de base para o livro *Pantanal: Homem e Cultura* (NOGUEIRA, 2002) e para o artigo “Pantanal: Entre o apego às tradições e o apelo às mudanças” (NOGUEIRA, 2009), que contribuem para a compreensão da importância da integração com o habitat na forma de ser do pantaneiro.

Outra pesquisa minuciosa e elucidativa da história da região é a de Paulo Marcos Esselin (2011), da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados: *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal Sul-Mato-Grossense (1830-1910)*, em que o autor faz um minucioso levantamento da história da pecuária na região, que esteve estreitamente ligada ao processo de colonização do Pantanal. Com isso, mostra que as limitações impostas pelo meio-ambiente foram superadas pela criação do gado bovino, o que garantiu a ocupação econômica da planície.

Eudes Fernando Leite, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/Dourados), possui diversos trabalhos com a temática da identidade pantaneira. No artigo “A Construção de uma Identidade Pantaneira” (LEITE, 2005), mostra como estratégias de vida arraigadas na região fazem parte dessa construção. Enfatiza como a imagem captada por estranhos difere do homem real e pontua a existência daqueles que se identificam e se orgulham de ser pantaneiros e daqueles que negam esse pertencimento por julgá-lo atrasado e pouco sofisticado.

Maria Olivia Ferreira Leite (2010), na dissertação de mestrado na área de Ciência Ambiental da USP, com o título *Comitiva de boiadeiros no Pantanal Sul-Mato-Grossense: modo de vida e leitura da paisagem*, esboça o universo cultural do peão boiadeiro, descrevendo a estrutura e o cotidiano dessa atividade, que segue o ritmo das águas do Pantanal, com suas fases de enchentes, cheias, vazantes e estiagens. A interpretação dos dados proporcionou uma discussão sobre as contradições e adaptações do modo de vida dos boiadeiros ante as mudanças econômicas e sociais, reconhecendo sua persistência, singularidade e complexidade como parte de um conhecimento estreitamente integrado às paisagens pantaneiras.

3 PANTANAL – GEOGRAFIA

3.1 Do léxico

Segundo Alencar (2016), o léxico pantaneiro aparece primeiramente para designar o gado e os cavalos que são adaptados à região do Pantanal. Só depois passa a se referir ao homem ou à mulher que vive na região do Pantanal, que tenha ou não nascido nesse espaço ou, ainda que já o tenha deixado, mantém algum tipo de vínculo com ele. Portanto, para entender o povo pantaneiro, precisamos conhecer o Pantanal, que forja o pantaneiro e que, de certa forma, é por ele forjado, por mais que possa parecer que o homem no Pantanal seja apenas um coadjuvante da natureza.

No pantanal [...] tiranicamente, fauna e flora dominam, sufocando qualquer lembrança para além delas mesmas. Pantanal é mata e bichos, brejos e peixes, rios e aves. O homem, no entanto, quando é lembrado, é apenas vilão. (NOGUEIRA, 2002, p. 9)

Percebe-se que a figura do homem na região do Pantanal é importante na constituição desse ecossistema, contudo a visão que se tem sobre esse homem, em muitas abordagens, perverte-lhe as ações e sufoca-lhe a voz. São recentes as pesquisas acerca do homem pantaneiro as quais o privilegiam como o centro do cenário em questão. (DELAMO; EDDINE; URT, 2012, p.113)

É importante observar que não há apenas um homem “pantaneiro”, mas sim diversos sujeitos que têm sua existência no espaço do Pantanal e produzem uma experiência cultural com traços singulares em razão das especificidades locais. Há uma série de grupos sociais diferentes entre si, mas que, por viverem no Pantanal, podem ser incluídos genericamente nessa expressão.

Para Nogueira (2009), o homem pantaneiro é o elemento nativo do Pantanal ou aquele que nele vive há mais de vinte anos, compartilhando hábitos e costumes típicos da região. Banducci Júnior (1995) amplia o conceito, referindo que se autodenominam pantaneiros os moradores do Pantanal que compartilham uma história comum, possuindo regras e redes de sociabilidade, convivência com ambientes e formas de expressão do imaginário peculiares (BANDUCCI JÚNIOR, 1995 apud CAMPOS, 2007). Segundo Campos Filho (1992), fontes orais “entendem como pantaneiros também os que sentem um compromisso com a região, além

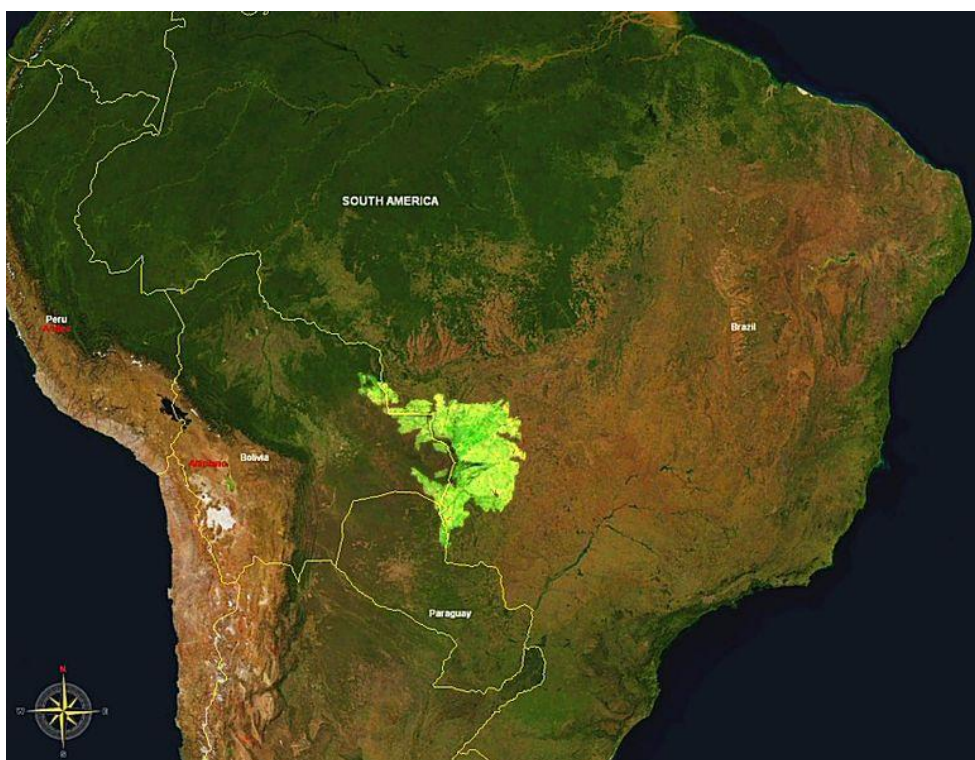
daqueles que nasceram na planície, e quem opera sistemas de trabalho e pecuário tradicionais” (CAMPOS FILHO, 1992, p. 53)

3.2 Localização e subdivisões

Se o pantaneiro é forjado pelo Pantanal, é necessário, para entender o primeiro, conhecer o segundo. O Pantanal é considerado um patrimônio nacional desde a Constituição Federativa do Brasil de 1988 (Artigo 225) e é também Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera pela Unesco desde 2000¹.

Como pode ser observado na Figura 1, o Pantanal está localizado em uma região que faz fronteira com Paraguai e Bolívia. A riqueza linguística e cultural, que será ainda abordada, concretiza-se pela convivência histórica entre os falantes do português, do espanhol e do guarani.

Figura 1 – Pantanal – Localização



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/pantanal/>

¹ Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/999/>. Acesso em: 25 out. 2023.

Segundo a Embrapa Pantanal (MORAES, 2000, p. 6), que desde 1975 atua em Corumbá para pesquisa e desenvolvimento da região, o Pantanal é considerado a maior planície alagável do mundo, com aproximadamente 210.000 km². Desses, 138.000 km² estão localizados no Brasil, nos estados do Mato Grosso (35%) e Mato Grosso do Sul (65%), e o restante estende-se entre o Paraguai e a Bolívia, onde passa a se chamar Chaco. Hoje, prefere-se usar os termos Planícies e Pantanaís Matogrossenses, diferenciando regiões pantaneiras conforme a bacia hidrográfica a que pertencem, ainda que todas façam parte, em conjunto, da Bacia do Alto Rio Paraguai.

As formas de divisão são variadas. A mais conhecida é a que divide o Pantanal brasileiro em sete regiões no Mato Grosso do Sul – Pantanal do Aquidauana, do Paraguai, da Nhecolândia, do Abobral, do Miranda, do Nabileque e do Paiaguás – e mais três regiões no Mato Grosso – Barão de Melgaço, Poconé e Cáceres – (Figura 2).

Figura 2 – Sub-regiões do Pantanal



Fonte: <https://altamontanha.com/o-pantanal-norte/>

3.3 Ciclo das águas

O Pantanal, inserido na bacia do rio Paraguai, é regido por um ciclo das águas que tem duas estações extremas: a seca e a cheia. Além do rio Paraguai, existem rios menores, baías (depressões que inundam), vazantes (rios temporários por onde as águas escoam), corixos (pequenos cursos de água permanentes) e salinas (lagoas de água alcalina, rica em carboidratos de sódio e de potássio) que são origem e destinos das águas em seus ciclos de cheias e secas (SANTOS *et al.*, 2007).

Por conta dessas estações extremas, tudo no Pantanal está em contínua adaptação. Em épocas de seca, o fogo é o grande inimigo, ao passo que, nas cheias, os desafios são trazidos pela água. Como diria Bachelard (2018), nada mais contrário que a água e o fogo, única contradição realmente substancial. E é nessa contradição e permanente instabilidade que o Pantanal se situa.

Soluções desenvolvidas para o período das secas de nada servem quando chegam as águas e vice-versa. Ainda assim, a criação bovina se desenvolveu, um casamento feliz, com todas as dificuldades e percalços que os casamentos têm, a ponto de a Embrapa hoje recomendar, mesmo para áreas de reserva, a presença mínima de uma certa quantidade de reses para controle do fogo em épocas de seca (MENDES, 2020).

O pantaneiro se organiza a partir do ciclo de chuva, enchente, vazante e seca. O ciclo da água rege tudo, e o olhar prático e aguçado do pantaneiro possibilita a organização necessária para cada fase. É necessário saber se a enchente vai ser comum, média ou excepcional. Uma enchente comum, que é reduzida e afeta pequenas áreas, pode não ser suficiente em um ano de muita seca.

As enchentes médias são frequentes e consideradas benéficas por redistribuírem as águas através dos corixos para as lagoas, reabastecendo lençóis subterrâneos e fecundando pastos. As enchentes excepcionais são perigosas, dificultando a ocupação humana e o trabalho com o gado, como a que ocorreu em 2011, quando a inundação do Pantanal Sul atingiu a marca de 5,62 metros, em seu pico máximo. Além da extensão da inundação, a região demorou a ser drenada (Figuras 3 e 4).

Já o maior ciclo de seca registrado no Pantanal foi de dez anos consecutivos (1964 a 1973). Nesse ciclo, o nível mínimo foi de 61 centímetros abaixo do zero da régua de mensuração, ocorrido em 1964, segundo a Embrapa Pantanal. Muitas

áreas, em diversas fazendas que nunca secavam, secaram, e muitos acreditaram que o pantanal nunca mais encheria da maneira usual².

Mas as águas voltaram, e a maior cheia do século passado ocorreu em abril de 1988, quando o rio atingiu 6,64 metros. Na régua de Ladário, enclave no município de Corumbá, às margens do rio Paraguai, uma cheia normal compreende de 5 a 5,99 metros. A partir de 6 metros já é considerada como uma cheia grande ou "super cheia". Em 2021, ano em que as queimadas na região ganharam espaço na mídia nacional, houve outra seca histórica. O rio Paraguai atingiu 60 centímetros negativos nos dias 16 e 17 de outubro³.

Figura 3 – Cheia de 2011 (1)



Fonte: Daniel Marinho – Acervo pessoal, 2011.

² <https://www.acritica.net/editorias/geral/rio-paraguai-esta-prestes-a-atingir-o-menor-nivel-desde-1910/553322/>

³ <https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/rio-paraguai-bate-marca-de-2019-e-atinge-3-metros-em-ladario>

Figura 4 – Cheia de 2011 (2)

Fonte: Daniel Marinho – Acervo pessoal, 2011.

Nas cheias muito intensas, as águas se fundem, dando a impressão de mar, o que explicaria uma crença local antiga de que, no passado, a região do Pantanal já foi mar, sendo até nomeado de “Mar de Xarayés”. Há, nesses casos, a necessidade de sair com o gado para os aterros, lugares mais altos, e, no processo, costumam ocorrer perdas bovinas. Em casos extremos, quando não há tempo de remanejar o rebanho, os animais ficam dentro d’água. Passados quinze dias nessa situação, os animais morrem de cansaço, já que podem até pastar debaixo d’água, mas não se deitam (ALVARENGA, 1984, apud CAMPOS, 2007).

Já na seca, os problemas são outros. A estação também pode ser mais ou menos intensa, dependendo da distribuição e intensidades das chuvas no período e da quantidade de água presente nos rios, baías e corixos no início da estiagem, o que varia bastante de um ano para outro. Usualmente, o período de seca favorece o uso de diversas áreas de pastagens que ficaram inundadas nas cheias. Sempre que possível, as fazendas contam com uma parte alta e outra parte baixa, com o gado sendo manejado de acordo com a necessidade e possibilidades de cada produtor.

Nas secas mais severas, que costumam acontecer em ciclos mais longos (plurianuais), podem não sobrar áreas adequadas à alimentação dos herbívoros. A mortalidade natural das populações animais em períodos dessa natureza é muito elevada. Os animais aquáticos morrem, enquanto os exóticos e silvestres concentram-se nas proximidades do que resta de água. Os incêndios acentuam ainda mais o estresse dos animais (SANTOS *et al.*, 2007).

Para as comitivas que fazem o transporte do gado na época de estiagem, as dificuldades são diversas. A água, quando encontrada, é barrenta, tem que ser fervida para preparar as refeições, mas é usada *in natura* para beber, quando não se encontra fonte mais límpida.

O tereré, bebida típica da região herdada dos paraguaios, é preparado com erva mate e a água natural encontrada pelo caminho. A erva serve como filtro para separar grandes impurezas (como insetos) e para proporcionar um sabor diferente à água suja. Nos dias de chuva, a água que se acumula em cima da lona é usada para preparar as refeições e para encher os cantis. Essa costuma ser a água mais limpa e pura em dias de seca. (CABRITA, 2016, p. 9)

Além da falta d'água, a expressão “comer poeira” faz todo o sentido nessa época. “O gosto da poeira fica entranhado no paladar, e a areia cinza e extremamente fina se acumula nos cabelos, no rosto e entre os dentes”. A boiada levanta tempestades de areia que aos poucos incomodam até os mais experientes (CABRITA, 2016, p. 9).

Esse sucessivo ritmo das águas é fonte de renovação cíclica. Os materiais orgânicos e inorgânicos são transferidos pelas águas durante a fase de inundações, servindo como alimento para os organismos aquáticos. Os nutrientes que se dispersam são absorvidos pelas algas e macrófitas que, durante a vazante, são depositadas na planície inundável e servem como alimento a organismos terrestres. No período das secas, os nutrientes decompõem-se e voltam ao solo, fertilizando-o para o crescimento das plantas (JUNK; DA SILVA, 1999, apud CAMPOS, 2007).

O sucessivo ritmo das águas no Pantanal, com ciclos demarcados pelas épocas de cheia–vazante–seca, possibilitou o surgimento de saberes específicos, que permitiram, por mais de três séculos, a prática da pecuária extensiva como principal atividade econômica da região (ROSSETTO, 2003).

Alguns aspectos da geografia da região parecem-nos de especial importância,

quando pensamos em impactos sobre a personalidade pantaneira. Nogueira (2002) destaca: o distanciamento dos núcleos urbanos e as dificuldades de acesso que acarretam um relativo isolamento; a vizinhança tão próxima com Paraguai e Bolívia; a situação de oposição dos elementos que mantêm o equilíbrio por meio dos contrastes – contraste natural entre seca e cheia, contraste socioeconômico entre fazendeiro e peão, contraste demográfico entre pequenos aglomerados populacionais em torno das sedes das fazendas e o vazio desabitado –. Essas características teriam transformado o pantaneiro em um criativo improvisador, para garantir a sobrevivência e exploração econômica na natureza, por meio de uma intervenção pacífica no sistema ecológico. Para Nogueira, o Pantanal é um ambiente onde homem e natureza ainda mantêm vivo o elo da solidariedade tão escasso em nossa época:

Desconhecer ou não dar importância à atuação do homem pantaneiro, sobre seu sistema ecológico, ou melhor, não levar em consideração suas experiências culturais, baseadas na observação dos fenômenos naturais, significa ignorar o que há de mais fundamental na vida desse ecossistema, uma vez que as práticas sociais são produto da “*visão de mundo*” do homem dos pantanais, da sua maneira de codificar o universo natural, criando a partir daí seu próprio universo cultural. (NOGUEIRA, 2002, p. 30)

4 PANTANAL – ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

4.1 Ancestralidade

Antes de os colonizadores espanhóis e portugueses pisarem em solo sul-americano, o Pantanal era habitado por diversos povos indígenas, que resistiram à invasão de seus territórios pelos brancos. Entre esses povos, os paiaguás ficaram conhecidos como um povo anfíbio, senhores de suas águas, o rio Paraguai. Eram excelentes remadores e somente combatiam sobre as águas. Já os guaicurús habitavam o Chaco quando os espanhóis chegaram. Entraram em contato com os cavalos e aprenderam o seu domínio com maestria, tornando-se imbatíveis. (CAMPOS, 2007). Como afirma Proença, são os indígenas que abrem a história na região:

Sejam quais forem os caminhos percorridos pelos homens pré-históricos para chegarem ao Pantanal, o certo é que os índios legaram a terra muitas contribuições, até hoje manifestadas na dança, música, culinária e nas demais expressões culturais do folclore pantaneiro. (PROENÇA, 1997, p. 26)

Pelo Tratado de Tordesilhas, a região do Pantanal pertencia à Coroa Espanhola. Portanto, foram os espanhóis seus primeiros colonizadores, que batizaram a região com o nome de Laguna dos Xarayes. Nas narrativas quinhentistas dos espanhóis sobre a região, já se tem notícias sobre a sazonalidade das águas. No século XVII, a bacia do Prata funcionava apenas como corredor de passagem para os Andes, e os espanhóis não chegaram a povoar essa região, nem a ter planos de conquista ou ocupação (COSTA, 1999, apud PINTO, 2007).

O ciclo das águas impunha uma defesa natural à penetração, o que favoreceu que os índios continuassem senhores do território até o início do século XVIII, quando chegaram os portugueses. O nome Pantanal foi dado pelos recém-chegados, que desconheciam a geografia espanhola e o nome Laguna dos Xarayes. Ao alcançarem a planície inundável da bacia do Paraguai, fizeram uma comparação incorreta com os pântanos que conheciam, já que o Pantanal não tem nada de pântano (ALMEIDA, 1945, apud CAMPOS, 2007).

Inicialmente, os bandeirantes adentravam a região com o intuito de capturar índios para o trabalho escravo, fazer reconhecimento do território para expandir o

domínio português e combater os espanhóis. O encontro de portugueses, espanhóis e indígenas durou anos. Os embates davam-se de diferentes maneiras. Espanhóis e portugueses disputavam a demarcação das terras, e os índios ora colaboravam com um, ora com outro. Os guaicurús envolveram-se especialmente nos conflitos. Eram os melhores cavaleiros e costumavam fazer assaltos às propriedades castelhanas, realizando várias incursões e tomando “inúmeras cabeças de gado bovino, que levavam para as proximidades do forte Coimbra, nos campos nativos de Vacaria, planície pantaneira” (MAZZA, 1994, apud ESSELIN, 2011, p. 119). Os portugueses não só estimulavam os ataques às propriedades castelhanas, como também receptavam os produtos roubados pelos indígenas e davam guarita e proteção às suas mulheres e crianças. Quando perseguidos após algum conflito, os indígenas punham-se sob a proteção das guarnições portuguesas em solo mato-grossense (CASTELNAU, 1949, apud ESSELIN, 2011), o que foi visto como de grande valia pelos portugueses. Os índios serviam de aliados de guerra, fornecedores de alimento e dificultadores da ocupação espanhola (ESSELIN, 2011). Assim nos conta Abílio Leite de Barros, irmão do poeta Manoel de Barros e importante memorialista da região:

Aqueles índios, que aprenderam com os civilizados o uso do cavalo como arma de guerra, tornaram-se terríveis saqueadores das Colônias espanholas, (...) de onde retiravam principalmente cavalos e gados. (...) Essa história desfez um pouco o romantismo com que costumávamos ver esses índios cavaleiros. Eram ladrões de gado e nós, brasileiros, receptadores. Isso, no distante século XVIII e começos do XIX, tempo suficientemente distante para amenizar nossa consciência. Aliás, os etnólogos nos ajudam nesse amaciamento de culpa, pois nos garantem não se tratar de roubo. Os índios, nossos ancestrais, não tinham noção de propriedade. Ótimo! (BARROS, 1998, p 77)

Se os índios não tinham noção de propriedade, o mesmo não se pode dizer dos portugueses. Com os frequentes ataques às suas fazendas, os espanhóis passaram a organizar tropas bem armadas para repelir os indígenas. Muito provavelmente, os portugueses temiam que os nativos pudessem, mais tarde, voltar-se contra eles, o que já havia acontecido e voltaria a acontecer em diversos momentos em diferentes lugares. Era uma amizade perigosa e os portugueses sabiam disso. Foram, portanto, complacentes com os ataques dos castelhanos e, assim, asseguraram o enfraquecimento dos dois grupos e melhoraram a segurança dos colonos portugueses ante os vizinhos fronteiriços e os indígenas (ESSELIN, 2011).

Se alguns grupos indígenas contribuíram especialmente para a formação da mão-de-obra no Pantanal, esses foram os guanás e seu subgrupo, os terenas. Existem relatos anteriores à Guerra do Paraguai que citam os terenas na posse de grandes rebanhos de gado vacum e cavalos e que os tratam como exímios cavaleiros. Desde a fundação do forte de Miranda, no fim do século XVIII, havia uma estreita relação entre índios guaicurus, soldados e oficiais dos fortes, com ativo comércio de bovinos e equinos entre eles. “Os animais eram reunidos pelos nativos e entregues nos fortes para posteriormente serem vendidos em Cuiabá” (ESSELIN, 2011, p. 31).

Nogueira apud Pinto (2007) afirma que nove etnias indígenas ainda vivem no Mato Grosso do Sul, algumas delas na região do Pantanal. A aculturação ou preservação da cultura original varia muito de uma cultura para a outra, mas os indígenas da região, na maioria, acabaram

[...] integrados à sociedade branca, por meio de bons empregos ou do casamento com civilizados. No entanto, a prática comum continua sendo a marginalização e os terena, por exemplo, sobrevivem como agricultores ou peões nas fazendas da região, sem outra saída, senão a paulatina aculturação. (NOGUEIRA, 1989, p. 28 apud PINTO, 2007, p. 39)

Em 1722, a descoberta do ouro aluvial, fácil e abundante em Cuiabá, hiperbolicamente apregoada em Portugal, desencadeou uma migração massiva para o Mato Grosso. Após a notícia, vários comboios de canoas com pessoas ensandecidas de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo para lá se dirigiram imprudentemente, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos. Morreu muita gente de fome, de peste ou devorada por onças. “Os que vinham encontravam canoas largadas pelas margens dos rios, tecidos podres e corpos mortos” (BARBOZA DE SÁ, 1975, p. 13 apud CAMPOS, 2007, p.108).

Para quem chegou, a vida não foi fácil. Os colonizadores eram despreparados para sobreviver naquele território, tiveram que aprender com os índios da região técnicas que não dominavam e que, até hoje, fazem do Mato Grosso uma região culturalmente singular. Essa adaptação não foi simples, já que os primeiros contatos com os povos indígenas mato-grossenses foram marcados por confrontos. Além disso, a Coroa Portuguesa, interessada na exploração da região, não facilitava a vida dos migrantes, cobrando os quintos reais até em situações extremas. O ouro aluvial esgotou-se rapidamente lançando a população nas trevas do desespero. Carências,

doenças, fome e morte foram o que restou. Em 1737, Cuiabá despovoou-se. Só sobrou na região quem não encontrou condições de voltar. (BARBOZA DE SÁ, 1975, apud CAMPOS, 2007).

Em 1777, foi construída a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, nomeada capital local, para garantir a posse portuguesa do território, devido à imprecisão das fronteiras, o que dava margem para os espanhóis tomarem se quisessem, sem dificuldade, o território. A cidade, suntuosa para a época, entrou em decadência em 1835, quando a capital foi transferida para Cuiabá. A população branca mudou-se para a nova capital deixando para trás inclusive os escravos negros, que se viram com o comando da cidade nas mãos, tornando-se livres décadas antes da Lei Áurea e desenvolvendo uma cultura regional singular, preservada até hoje (PIMENTEL, 2000, apud CAMPOS, 2007).

A decadência das minas de ouro em Cuiabá motivou a migração de cuiabanos, paulistas e portugueses para os campos do Pantanal, que eram propícios à criação de gado. Nogueira (1989, apud PINTO, 2007) afirma que a criação bovina, associada à política de ocupação do solo da época, foi a responsável pela instalação dos primeiros latifúndios, antes da Guerra do Paraguai, que iniciaram o povoamento da região e a implantação dos primeiros núcleos populacionais.

Em 1865, a Guerra contra o Paraguai toma a cena local, já que Mato Grosso fazia fronteira com o inimigo, possuía um território extenso, tinha um contingente militar precário e vivia isolado, devido às dificuldades da navegação pela bacia do Paraguai e da morosa comunicação com o litoral, especialmente com a capital, Rio de Janeiro (CAMPOS, 2007). Durante a Guerra, os paraguaios, sabendo do grande estoque de bovinos e equinos, fizeram, como primeira providência tática, a apreensão de todo o gado e de toda a tropa que puderam. No Pantanal, a planície se despovoou voltando ao estágio de cem anos antes. (ESSELIN, 2011)

Os primeiros combates se deram no sul da então província (hoje Mato Grosso do Sul). Corumbá e Dourados foram tomadas pelas tropas paraguaias. A população mato-grossense participou da guerra, na defesa de seu território, enfrentando muitas dificuldades. Ao final de cinco anos, os paraguaios se renderam, e as terras foram retomadas. Mas o estrago foi grande, causando grave crise com propriedades e povoados abandonados ou destruídos. Com o fim da guerra em 1870, muitos voltaram à região e recomeçaram, empenhados na recuperação de seus bens (CAMPOS, 2007).

Com a vitória na Guerra, foi possível a desobstrução da navegação pela bacia do rio Paraguai, restabelecendo o fluxo das comunicações e do comércio. Isso possibilitou o surgimento das Casas Comerciais, que passaram a importar produtos diretamente da Europa e os revender à população local. Também exportavam matéria-prima, como couros secos, sebos, crinas, penas de aves, cascos de animais, látex manufaturado, erva-mate. Com o comércio, vieram os imigrantes, principalmente para as cidades portuárias de Corumbá, Cáceres e Cuiabá. A movimentação de pessoas e produtos nos portos era grande, já que o acesso terrestre era praticamente inexistente até a criação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (SILVA, 2004, apud CAMPOS, 2007).

A construção dessa linha ferroviária, em princípios do século XX, foi um dos fatores determinantes da formação histórica do estado do Mato Grosso do Sul, possibilitando uma ocupação mais intensiva e expressiva dessa parte da fronteira oeste brasileira. Muitos dos que vieram para a construção dos trilhos, acabaram ficando e fincando suas raízes, trazendo novos impulsos de desenvolvimento econômico, usos e costumes de diversas culturas, formando a sociedade plural que hoje caracteriza o sul mato-grossense (ARRUDA, 2001 apud PINTO, 2007).

Nesse novo início pós-guerra, foi o envolvimento com os índios terenas que facilitou a fixação do colonizador. Os terenas contribuíram para pacificar outros grupos indígenas e ensinaram aos portugueses as práticas da lavoura. Eles faziam parte de uma sociedade estratificada e já tinham uma produção econômica regular e suficientemente abrangente para interagir com os brancos.

As décadas de 70 e 80 do século XIX, foram marcadas pela preocupação das autoridades mato-grossenses em aproveitar a mão-de-obra de todos os indígenas que habitavam a Província, inclusive dos insubmissos e também daqueles que não se dedicavam à agricultura, para colocá-los, mais tarde, à disposição dos novos fazendeiros que iam se estabelecendo em Mato Grosso. (ESSELIN, 2011, p. 249)

Nesse momento, as autoridades mato-grossenses não esperavam que a terra fosse colonizada por imigrantes, como no sul e sudeste do Brasil. Assim, os indígenas foram integrados ao trabalho que se desenvolvia nas fazendas, integração essa que se tornou, inclusive, modelo a ser seguido nas áreas onde, inicialmente, havia maior resistência por parte dos fazendeiros (ESSELIN, 2011).

Alguns historiadores apontam os imigrantes paraguaios que chegaram após o fim da Guerra da Tríplice Aliança como principal fonte de mão-de-obra. Outros acreditam que foram necessários alguns anos para que a população paraguaia se reestruturasse, e que os emigrantes paraguaios seriam mínimos inicialmente. De toda forma, no sul do Pantanal, a mão-de-obra continuaria a ser principalmente indígena. Somente mais tarde, com as sucessivas crises econômicas e golpes de Estado no país vizinho, os vencidos pelo situacionismo começaram a cruzar a fronteira em busca de trabalho. Muitos deles, exímios vaqueiros, não encontraram dificuldades em obter abrigo nas fazendas de gado que se desenvolviam na região (ESSELIN, 2011).

Contudo, o emprego da mão-de-obra indígena em atividades econômicas no Pantanal ao sul de Mato Grosso não ocorreu sem alguma forma de conflito. Nos embates que aconteceram, muitos indígenas morreram, mas os que sobreviveram e resistiram às perseguições conseguiram permanecer em suas terras. As epidemias de varíola, em 1886 e 1890, fizeram entre eles muitas vítimas (ESSELIN, 2011).

Os efetivos militares dos fortes e os religiosos instalados na fronteira tiveram um papel importante no processo de formação do peão pantaneiro. Eles garantiam um mercado regular para o excedente da produção dos nativos, trocado por utensílios não produzidos pelos indígenas, o que lhes permitiu melhorar o nível técnico dos cultivos. Os religiosos também contribuíram para o processo de habituar os indígenas ao trabalho nos moldes ocidentais e à formação da mão-de-obra em diferentes ofícios necessários nos núcleos urbanos que surgiam (ESSELIN, 2011).

No início do século XX, ainda havia muitos embates na região. Com a expansão da fronteira pastoril, os nativos que continuaram em suas terras viram-se cercados por esses novos vizinhos de uma cultura completamente diferente. Para sobreviver, continuaram a promover caçadas, sendo, por essa razão, chamados de ladrões de gado, o que levava a ainda mais conflitos (ESSELIN, 2011). A exploração e a violência contra o indígena foram tão intensas e notórias nesse período, que motivaram a criação do Serviço de Proteção ao Índio em 1910, pelo Governo Federal, para punir os crimes praticados contra o nativo, fiscalizar o modo como eram tratados e evitar explorações, violências e fraudes (VIVEIROS, 1958 apud ESSELIN, 2011).

4.2 Gente pantaneira

Dessas condições históricas e sociais surge o pantaneiro, cuja importância sociológica “é pequena pela rala densidade populacional da região, mas é rica por sua especificidade e preocupante por seu rápido desaparecimento. Por isso, temos dito que o homem pantaneiro é a única espécie em extinção nesse paraíso ecológico” (BARROS, 2003, p. 92).

Mas a gente pantaneira é plural. Campos Filho (1992) sintetiza esse ponto, indicando que não existe uma identidade pantaneira absoluta. Há diferentes inserções sociais, ocupações profissionais, locais de origem, pontos de vista. Vivências e percepções diferentes podem ser encontradas mesmo entre as mulheres e os que vivem e trabalham nas sedes (praieiros) e os campeiros (peões e empreiteiros de roçadas e cercas, caçadores, pescadores e outros). Ainda assim, isso não teria inviabilizado a construção da polimorfa identidade pantaneira.

Como em todo o Brasil, a formação da cultura pantaneira deu-se na troca entre brancos de diferentes nacionalidades, indígenas de diferentes etnias e negros de diversas origens. Ressalta-se que, para entender o homem pantaneiro, é essencial destacar o papel dos indígenas, fundamentais na história da colonização e povoamento do Pantanal. Como afirma Proença (1997), as influências mais profundas estão na própria maneira de o pantaneiro viver e encarar a vida.

Foram eles que iniciaram a história da ocupação humana em terras pantaneiras, em harmonia com o meio ambiente e desfrutando de uma vida livre como senhores da terra. Adaptados ao longo dos rios e nas terras circundantes formaram grupos tribais e linguísticos, cada qual com seus costumes, envaidecidos das boas qualidades de caçadores em uma região de muitos pássaros e outros bichos. (PROENÇA, 1997, p. 26)

Campos Filho (1992) pontua que a interiorização nos pantanais se tornou uma estratégia de sobrevivência e só foi possível graças ao auxílio dos índios aldeados conhecedores da região, sobretudo guatós e bororos. Deles, o pantaneiro herdou os animais de criação, os procedimentos, equipamentos e práticas cotidianas. Como exemplo, têm-se os cavalos dos guaicurús e os hábitos alimentares de caça, pesca e coleta, a zagaia e a canoa dos guatós.

Os memorialistas que contam sobre a história da região costumam valorizar bastante a epopeia da descida de Cuiabá para a ocupação do Pantanal. A população cuiabana, que se encontrava lá após encarar a batalha de atravessar o Brasil em carros de boi atrás de ouro e acabar na pobreza, tinha o orgulho ferido.

[...] podemos lembrar o binômio orgulho-pobreza como motivação do comportamento dessa gente. Traziam de forma inconsciente os traços dos aventureiros bandeirantes, exigentes de prestígio e projeção social. A posse de terra tinha a exata função de atendimento a essas exigências (BARROS, 1998, p. 89).

Sobre as primeiras fazendas da região, têm-se notícias, por meio de inventários, de que valiam menos do que uma bandeja de prata. A rentabilidade da terra também era pouca, não havia possibilidade para agricultura e mesmo a pecuária, que tão bem se adaptou ao território, inicialmente também tinha um reduzido retorno financeiro pela dificuldade de acesso e transporte. A rentabilidade era desproporcional ao tamanho da terra, mas, ainda assim, serviu para aplacar o orgulho ferido dos que ali chegaram.

Essas circunstâncias marcariam fortemente, até nossos dias, o relacionamento do homem pantaneiro com sua terra. Dela não se desfaz e quando, por qualquer motivo a perde, sente-se em desamparo e vergonha (BARROS, 1998, p. 89).

Provavelmente, os primeiros que chegaram à região apossaram-se de muitas áreas sem a autorização da Coroa. A requisição de sesmarias ocorreu entre meados dos séculos XVIII e XIX, quando houve mudanças na legislação. O solo da região, que não era adequado para o cultivo de alimentos, mostrou-se favorável à criação bovina. Assim, “aquela terra, agressiva ao homem, era acolhedora ao boi. Acompanhando seu rastro foram descendo os rios, vadeando corixos e entrando pelos pantanais sem limite. Logo, o rebanho se contava em milhares e quem pôde foi virando pantaneiro” (BARROS, 2003, p. 95).

A cultura pastoril na região platina era antiga. Já os descendentes de mineradores estavam se iniciando na empreitada. Os saberes paraguaios no manejo do gado foram bem-vindos e, na sua adaptação à nova atividade, os recém-chegados habitantes do Pantanal foram adquirindo um jeito “aparaguaiado” de viver. Ainda se vê claramente essa herança na *traia* de montaria com arreio e pelegão vermelho, com

vistas argolas prateadas, na bota e na bombacha, na polca paraguaia, no jogo do truco espanhol, nas alegres festas e danças ponteadas de gritos, no uso do laço, no amor ao cavalo, ao chimarrão e ao tereré (BARROS, 2003).

As formas de vida eram consideradas rústicas, em um cotidiano compartilhado por patrões e empregados. A presença humana fortemente ligada ao trabalho com o gado formou o Pantanal e o pantaneiro que conhecemos hoje. Pinto (2007) o descreve:

É um homem simples, calmo, acostumado à solidão e ao isolamento, mas não deixa de lado a solidariedade: está sempre pronto a receber, a informar, a servir de guia, a explicar sobre animais e águas e a contar seus causos. É antes de tudo um forte que, atuando em uma área cheia de adversidades, está integrado a esse contexto. (PINTO, 2007, p. 41)

As principais atividades do homem pantaneiro estão ligadas à pecuária nas funções de peão ou capataz. Hoje, a pecuária no Mato Grosso do Sul é ator principal. A agropecuária respondeu por 17% do Produto Interno Bruto (PIB) do estado, com o equivalente a R\$ 18,29 bilhões. O agronegócio é responsável por 96% da receita com as exportações do Mato Grosso do Sul. Dos 68 mil empregos formais registrados na agropecuária de Mato Grosso do Sul em 2019, 38 mil estão ligados especificamente à bovinocultura de corte, o que representa 55,6 % do total⁴. Parte dos representantes no meio político tem estreita ligação com a pecuária. Várias manifestações artísticas têm por inspiração o capim e o boi, como vamos mostrar adiante na obra de diversos artistas locais

Abílio Leite de Barros (2003) chama a atenção para alguns comportamentos do peão pantaneiro que encara sua lida como algo prazeroso e de caráter competitivo e esportivo: um esporte com laço e cavalo, unindo trabalho e lazer. Laçadores bem-dotados são respeitados como heróis do cotidiano. O peão pantaneiro não é peão de uma só fazenda, mas de uma zona, cujo limite anda em torno da caminhada de um dia a cavalo, onde é conhecido e reconhecido.

Outro aspecto da vida pantaneira destacada por Barros (2003) é que, como o pantaneiro está fora do alcance da mídia, as pressões consumistas são outras e mais acessíveis. Como não costuma visitar as cidades, sua relação com o dinheiro é

⁴ Disponível em: <https://portal.sistemafamasul.com.br/boletins>. Acesso em: 9 out. 2023.

diferente. Aspira a três coisas: um bom cavalo, uma traia bem incrementada e uma companheira.

O cavalo é seu instrumento de trabalho, garantidor de sua eficiência profissional, é símbolo de sua liberdade meio nômade, é continuidade do seu corpo no campo. Cada peão tem o seu, indicado pelo capataz, pouco se importando se o animal não lhe pertence. Enquanto o peão estiver naquela fazenda, seu cavalo é de seu uso exclusivo, e a parceria que se desenvolve é única, feita das características do cavalo e do cavaleiro.

Já a traia mostra sua prosperidade, confere-lhe status: “um pelegão vermelho, a baldrana enfeitada de peguás, a cabeçada e peiteiras de argolas de alpaca, ligada em bordados de charruas, o laço zelosamente trançado e caprichosamente enrolado na garupa, a faca, a chaira e o revólver engastado na guaiaca amarela de balas” (BARROS, 2003, p.100), à espreita de um ataque iminente e possível ferramenta de caça.

Figura 5 – Comitiva paramentada conduzindo o gado



Fonte: Daniel Marinho – Acervo pessoal, 2011.

Figura 6 – Peão montando uma peiteira



Fonte: Daniel Marinho – Acervo pessoal, 2012.

O pantaneiro, em geral, não aprecia a carne de caça, exceto a do porco-domato. A carne de gado compõe as três refeições principais diárias. O cachorro pantaneiro é treinado para não correr atrás de animais campestres. Fareja apenas o porco, para comer, e a onça por *status*, herança guató. “Caçada pantaneira de onça era feita com zagaia. As armas de fogo apenas auxiliares”. A zagaia é uma espécie de pequena lança cuidadosamente presa a um cabo de madeira, que na luta deve ser manobrada a curta distância do animal (BARROS, 2003, p.104).

Na pesquisa sobre a construção de uma identidade pantaneira, Leite (2005) considera, como fio condutor da noção de pertencimento do pantaneiro, o universo regional a que ele pertence e sua capacidade de enfrentar as dificuldades rotineiras com sucesso. Além disso, ele destaca a dificuldade do “estrangeiro” em escapar de alguns estereótipos e perceber o valor daquilo que é quase imperceptível para um olhar descuidado. Cita, por exemplo, a imagem enviesada que se tem do pantaneiro como uma pessoa violenta por ele andar armado, numa compreensão que não corresponde ao ser regional, e que revela uma interpretação urbana que não é verdadeira no ambiente pantaneiro. Em contrapartida, a receptividade e generosidade podem não ser imediatamente percebidas pelo visitante.

O processo de transformação do território deu-se lentamente e formou a cultura de base na região. Contudo, entre 1970 e 1980, a população do Mato Grosso cresceu 85,38% e a migração para o estado, na década de 1980, 150,9% (MORENO; HIGA,

2005 apud CAMPOS, 2007, p. 138). Em cerca de dez anos, houve uma radical transformação que alterou paisagens e costumes, sem que houvesse tempo para uma apreciação do fenômeno. Em 2006, mais de 60% da população do estado era constituída por não-mato-grossenses, tornando o território um mosaico cultural. Os migrantes em geral, especialmente os sulistas, chegaram em Mato Grosso impondo costumes e desrespeitando a cultura regional, sobretudo o dialeto, à época praticamente desconhecido em outros centros.

Além da migração massiva, houve a supervalorização da cultura letrada, que foi se sobrepondo à tradição oral: proliferaram-se as instituições de ensino e o saber escolarizado se tornou um valor obrigatório e artificial; foi fundada a Universidade Federal de Mato Grosso, em 1970, e, na sequência, outras instituições superiores de ensino; inaugurou-se o primeiro canal de televisão, a TV Centro América, em 1968, veiculando e valorizando linguagem e hábitos do centro-sul do país e, posteriormente, outros canais com a típica penetração midiática (CAMPOS, 2007, p. 138).

Até então, a tradição regional estava baseada principalmente na oralidade. Com essa quebra rápida nos costumes, apenas por meio da memória dos habitantes mais antigos dos municípios locais é possível ter uma ideia do que foi esse passado e buscar as marcas desses saberes tradicionais.

Um ponto interessante levantado por Leite (2005) é a mútua existência dos que se identificam com a noção de pantaneiro e se sentem pertencentes a uma cultura ou identidade em que o domínio de certas práticas de trabalho e interação com o meio são determinantes e percebidas como de alto valor, e também de pessoas que não se identificam e negam o pertencimento, por enxergar nas mesmas práticas e interações um atraso e um desconhecimento de técnicas mais sofisticadas.

Essa dicotomia parece corroborar a relevância deste trabalho. A já citada frase de Abílio de Barros – “o homem pantaneiro é uma espécie em extinção” (BARROS, 2003, p. 92) – torna -se ainda mais impactante diante desse cenário. Afinal, não se trata de extinção pura e simples, mas, de certa forma, da substituição do modo de ser pantaneiro. Surge, então, a questão: existe maneira de preservar essa cultura?"

Em 2002, foi fundado o Instituto do Homem Pantaneiro (IHP), uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos e que atua na preservação do bioma e da cultura pantaneira. Manoel Martins de Almeida (2021), pecuarista da velha guarda e colunista em diversas mídias do estado, em artigo para Campo Grande News sobre a criação

do Memorial do Homem Pantaneiro pelo IHP, levanta algumas questões importantes que não se deve perder de vista quando se pensa sobre o homem pantaneiro.

O Memorial dá testemunho da saga pantaneira e eterniza um bom exemplo para os atuais e futuros habitantes da planície. No entanto, ele propõe cuidado ao diferenciar os pioneiros daqueles que os sucederam, apontando o risco que se corre ao implantar-se uma ideia de um velho e bom pantaneiro em oposição às novas gerações. Como seus antepassados, os novos pantaneiros trilham os mesmos caminhos na busca de sua sobrevivência, em harmonia com o meio ambiente e respeito às leis vigentes. O Almeida diz ser:

[...] absurdo sequer imaginar que o pantaneiro de hoje não professe o mesmo ideal de respeito à natureza e não sonhe os mesmos sonhos dos velhos pioneiros. Guardadas as distâncias no tempo e as consequentes transformações ocorridas nas sociedades humanas, o pantaneiro de hoje dedica o mesmo amor à terra e possui o mesmo espírito de obediência às forças naturais. (ALMEIDA, 2021)

Mergulhos nas raízes da cultura regional podem nos ajudar a melhor entender quem é esse homem e essa cultura e como protegê-los sem os engessar. Se, para proteger o que acreditamos que exista de valor no Pantanal, chegarmos à conclusão de que precisamos congelar tudo como está, estaremos matando exatamente o grande valor do pantaneiro, sua capacidade de se transformar adaptando-se à natureza. Não mudar, não se adaptar, deixando de se submeter a cadência cíclica pantaneira, não pode ser a forma de proteger a alma pantaneira. Armando Lacerda, fazendeiro e morador do Pantanal, na conversa informal com que nos presenteou, disse que “é a mudança que manterá o Pantanal igual. Estando em sintonia com essa terra e podendo ouvir o que ela pede de nós a cada momento”⁵.

Esperamos que este trabalho seja uma forma de resguardar aquilo que vemos sendo perdido, e que nos ajude nesta tarefa imensa que é ser guardião do Pantanal.

⁵ Observação feita por Armando Lacerda, em conversa informal, em 16 de maio de 2022, via Zoom.

5 PSICOLOGIA ANALÍTICA

A ferramenta teórica que será aqui utilizada é a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Para facilitar o entendimento deste trabalho, destacam-se abaixo alguns conceitos importantes da teoria junguiana que serão aqui utilizados.

5.1 Conceitos gerais

A psicologia analítica propõe um modelo dinâmico entendendo a psique como estando organizada em três níveis: consciência, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

O centro da consciência é o ego. É ele quem experimenta a realidade externa e interna e age como um mediador entre o mundo interno e externo. É entendido como responsável pelo senso de identidade, mas não deve ser confundido com a totalidade da personalidade, que é em boa parte inconsciente. O ego pode reprimir conteúdos que lhe sejam desagradáveis e pode recuperar conteúdos na memória que estejam temporariamente inconscientes. Desenvolve-se ao longo da vida, sofrendo a influência do contexto familiar e cultural e das experiências vividas pelo indivíduo. Todavia, ainda que a personalidade passe por mudanças, a noção de uma identidade própria tende a se manter ao longo do tempo (JUNG, 1951/2019a).

A parte pessoal do inconsciente é formada por material proveniente das experiências vividas – que podem ficar esquecidas ou, por algum motivo, reprimidas – e por percepções subliminares. Parte desse conteúdo se organiza na forma de complexos, conjuntos de ideias e imagens de grande carga emocional que se agrupam em torno de um núcleo arquetípico. Os complexos são os responsáveis pelos padrões de pensamento, sentimento e comportamento que se repetem com frequência na vida de uma pessoa. São criados a partir de experiências emocionais intensas e afetam a maneira como uma pessoa se relaciona com o mundo e consigo mesma, ainda que sejam inconscientes, isto é, não reconhecidos ou aceitos como parte da personalidade consciente (JUNG, 1934/2019b).

Se podemos pensar os complexos como pessoais, já que são formados ao longo dos embates da vida, é certo que esses embates muitas vezes são amplos e englobam toda a família ou cultura local. Singer e Kaplinsky que trabalha com o conceito de complexo cultural, ao se referir ao inconsciente cultural, menciona que “os

complexos sociais de larga escala configuram a camada do inconsciente cultural dos grupos e se tornam complexos culturais” (SINGER; KAPLINSKY, 2019, p. 56).

O inconsciente coletivo é concebido por Jung como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes – os arquétipos. Seria compartilhado por todos os seres humanos, independentemente da cultura ou da época e seria transmitido de geração em geração.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. [...] Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, 1936/2019c, par. 88, ênfase do autor).

Os arquétipos podem assumir diversas formas, não correspondendo, necessariamente, a imagens determinadas *a priori*. Na interação com uma determinada cultura, seus símbolos, personagens e comportamentos dão forma aos arquétipos. Cada arquétipo tem suas próprias características e significados simbólicos, e pode ser ativado em diferentes situações. No contexto deste trabalho, o arquétipo da Grande Mãe aparece diversas vezes.

Parte do material inconsciente pode se fazer conhecer pelo consciente ao longo da vida em um processo dinâmico que nunca acabaria, já que o inconsciente é infinito, e o fluxo de informações entre as camadas da psique, eterno.

5.2 Função transcendente e símbolo

Segundo Jung a aquisição da consciência pela humanidade, ainda que tenha conferido persistência, regularidade e intencionalidade psíquicas, representou a exclusão, por “inibição ou bloqueio de todos os elementos psíquicos que parecem ser, ou realmente são incompatíveis” com a atitude consciente (JUNG, 1958/2019d, par. 136) que, desse modo, torna-se unilateral, distanciando-se do inconsciente. Temos, assim, que “A unilateralidade é uma característica inevitável, porque necessária do processo dirigido [...], é, ao mesmo tempo, uma vantagem e um inconveniente” (JUNG, 1958/2019d, par. 137).

O símbolo nos dá notícia de um material pelo menos em parte inconsciente, que ainda não havia encontrado uma forma de expressão adequada. Há opostos envolvidos, tese e antítese dividem o ego, e esse impasse causa um represamento de energia vital que requer a ação de uma função unificadora que ultrapasse os opostos e que Jung chama de “função transcendente”. *“É chamada transcendente, porque torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra”* (JUNG, 1958/2019d, ênfase do autor), superando a unilateralidade e conectando opostos. O seu produto é o símbolo, que, ao construir uma ponte entre consciente e inconsciente, permite o fluir de energia psíquica.

Jung (1921/2019e) considerava os símbolos como a melhor formulação possível de um conteúdo psíquico relativamente desconhecido, não podendo por isso mesmo ter uma expressão mais clara. Sendo vivo, o símbolo é cheio de significado que é apenas pressentido, não claramente consciente. Quando falamos em símbolo, há sempre a suposição de que ele enuncie ou signifique “algo mais e algo diferente que escape ao conhecimento atual” (JUNG, 1921/2019e, par. 906).

Um símbolo pode morrer quando se encontra expressão melhor para o que ele representava. Já o símbolo vivo, como expressão de um fator essencialmente inconsciente e compartilhado, pode ser entendido como um aspecto que tem influência social, uma vez que “quanto mais difundido este fator, tanto mais geral o efeito do símbolo, pois faz vibrar em cada um a corda afim” (JUNG, 1921/2019e, par. 910).

E como, de outro lado, o símbolo vivo tem que conter em si o que é comum a um grupo humano bem grande para, então, atuar sobre ele, deve abarcar exatamente o que pode ser comum a um grupo humano bem amplo. [...] Nisto consiste a eficácia poderosa e, ao mesmo tempo, salvífica de um símbolo socialmente vivo. (JUNG, 1921/2019e, par. 910)

Algo ser símbolo ou não depende da consciência que observa. Jung chama de atitude simbólica essa forma de observação. A natureza do símbolo é altamente complexa, já que se expressa e deve ser lida por todas as funções psíquicas. O símbolo é, portanto, racional e irracional, interno e externo, consciente e inconsciente, pensamento e sentimento, sensação e intuição.

Neumann discorre sobre o símbolo de uma maneira especialmente esclarecedora para este trabalho:

O modo de ação do inconsciente é distinto. Os símbolos se reúnem em torno da coisa a ser explicada, compreendida e interpretada. O ato de tornar-se consciente consiste no agrupamento de símbolos ao redor do objeto, todos eles circunscrevendo e descrevendo, a partir de vários lados, o desconhecido. Cada símbolo desvela outro lado essencial do objeto a ser percebido, aponta outra faceta do seu significado. Somente o cânone de tais símbolos congregados em torno do centro em questão, o grupo simbólico coerente, pode levar a uma compreensão daquilo para que os símbolos apontam e que tentam expressar. (NEUMANN, 2022, p. 27)

5.3 Relevância da arte como expressão da alma de um povo

Na tarefa aqui proposta de investigar a identidade pantaneira, a produção artística da região foi escolhida como fonte de informação, tanto do consciente como do inconsciente regional. Wahba (2009) propõe um papel para as artes que permeia um modo de ser e de perceber o mundo, sendo a linguagem em que nos encontramos imersos, que nos acompanha e nos influencia tanto conscientemente como subliminarmente.

Sendo assim, além de contribuir na formação de uma identidade cultural regional, os artistas de determinada região, imersos no inconsciente social local, podem ser rica fonte de material para a investigação. Como afirma Wahba:

O artista, no seu aqui e agora, tece conexões entre o temporal e o atemporal e expressa os anseios dominantes do momento de seus semelhantes e aqueles inerentes à condição humana universal. (...) O inconsciente do artista, mensageiro de símbolos universais, banha-se também nas águas do inconsciente social, e o artista, conscientemente, elabora a problemática de sua época (WAHBA, 2008, p. 74).

Para Jung, existiria um modo de criação visionário, no qual o artista serviria de ponte para que materiais obscuros e inconscientes viessem à tona. Qualquer que seja a forma de criação, temos nas obras de arte um espelho para observar nossa condição humana. Como diz Jung “a obra de arte não é algo de derivado, nem de secundário, e muito menos um sintoma; é um *símbolo real*, a expressão de uma *essencialidade desconhecida*” (JUNG, 1930/2018a, par. 148, ênfase do autor).

Wahba (2009) ainda enfatiza que as obras de arte surgem de fontes universais, mas moduladas pelo inconsciente pessoal do artista e pelo contexto sociocultural

vigente. O artista seria o mais capacitado, a partir dos padrões culturais em que está imerso, a auxiliar no reparo de certas unilateralidades decorrentes da exclusão daquilo que difere do contexto dominante. Dessa forma, a arte serviria para a sociedade como a função simbólica funciona para o indivíduo, como um mecanismo de autorregulação que media a relação entre consciente e inconsciente.

Para a investigação da produção artística do Pantanal, foi feita uma busca na literatura, no cancioneiro da região e em obras de artistas plásticos. Como bem colocado por Jung,

[...] o fenômeno anímico é de fato tão ricamente matizado, multiforme e ambíguo, que se torna impossível captá-lo de um modo completo em um único reflexo especular. É impossível também abrangê-lo como um todo em nossa representação; devemos contentar-nos, a cada momento, com a elucidação de um aspecto do fenômeno total. (JUNG, 1930/2018a, p. 86 – prefácio)

Isso ficou bem claro ao longo do processo de investigação das obras. À medida que diferentes imagens foram surgindo, pareciam mostrar diversos aspectos da identidade pantaneira. Essas características aparentavam estar intimamente relacionadas, quando se considerava o conjunto das obras como um todo, e davam a impressão de que as facetas explicitadas eram meramente tentativas de expressar algo que não poderia ser considerado isoladamente. Encontrar essas imagens, agrupá-las, analisá-las, colocá-las em relação e pensar sobre elas, parece ter sido uma forma de vislumbrar uma alma pantaneira.

6 OBJETIVO

Investigar os símbolos emergentes na produção artística do povo pantaneiro, buscando uma compreensão da relação entre esses símbolos e sua maneira de ser.

7 MÉTODO

Para essa investigação, foi utilizado o método qualitativo de análise simbólica, conforme descrito por Penna (2004), aplicado à produção artística da região.

Como pesquisa qualitativa, esta visa não apenas à descrição dos fenômenos, mas à sua compreensão e interpretação. Segundo Penna (2004), a possibilidade de acessar o inconsciente repousa na hipótese de que ele se expressa na realidade manifesta e, portanto, consciente. Como esta pesquisa busca um ponto de vista coletivo, procuramos as manifestações coletivas do inconsciente expressas em esferas que fazem parte da cultura, tais como as artes e a memória de eventos históricos e sociais. A investigação consistiu em duas grandes etapas: a coleta do material e sua posterior análise e compreensão.

O método descrito por Penna (2004) de investigação psicológica dá-se pela apreensão dos símbolos e sua compreensão, resultado do processamento simbólico realizado pelo pesquisador. A função utilizada para entender o símbolo presente no material coletado é conduzida pelo pensamento simbólico, que opera por associações, comparações e analogias entre diversas áreas do conhecimento e entre diversas funções da consciência. O processamento simbólico possibilita uma melhor compreensão dos fenômenos investigados, e a integração das funções da consciência nesse processo promove uma produção de conhecimento de ordem intelectual, perceptiva, valorativa e intuitiva.

7.1 Procedimento

Esta pesquisa teve início com uma revisão geral da bibliografia sobre a região do Pantanal, sua geografia e sua história. Em seguida, algumas conversas com pessoas da região foram feitas de maneira informal, quando ainda em fase de projeto piloto.

Só então se decidiu pela investigação da produção artística e iniciou-se a coleta do material. Foram escolhidas três grandes áreas de produção: Literatura, Cancioneiro e Artes Plásticas. No Anexo 1, encontra-se uma breve biografia dos artistas que tiveram suas obras selecionadas.

O grande representante da literatura sul-mato-grossense é o poeta Manoel de Barros. Da sua obra, foram selecionados diversos poemas, presentes em diferentes livros. No Anexo 2, constam os textos completos dos poemas escolhidos.

Foi considerada “música pantaneira” o gênero musical que elegeu temas típicos da fauna, flora e cultura pantaneiras, e que usa os ritmos fronteiriços em divisões ternárias. As principais influências na sua formação são as músicas chamadas de sertanejas-raiz e as músicas dos países latinos, especialmente do Paraguai: polca paraguaia, guarânia e chamamé. É a fusão entre os temas relacionados ao universo natural e cultural pantaneiro e as influências da música paraguaia. No presente trabalho, foi feita a análise de vinte músicas escolhidas pela pesquisadora em variadas *playlists*, referidas como Pantaneiras, nos maiores *streamings* de música. No Anexo 3, estão as letras completas das músicas selecionadas.

Para as artes plásticas, o MARCO (Museu de Arte Contemporânea de MS) serviu de referência importante na busca pelos artistas e suas obras. Além dele, o Instituto Cultural Gilberto Luiz Alves foi fonte preciosa, com material rico e análises bem fundamentadas.

Tendo em vista que este estudo contempla uma motivação pessoal e a compreensão da minha própria identidade como pantaneira, a escolha de poemas, músicas e pinturas deu-se, primordialmente, a partir da ressonância psíquica sentida por esta pesquisadora ao examinar cada uma das obras de arte.

8 RESULTADOS

Ao analisar as obras selecionadas para a pesquisa, agruparam-se imagens que pareciam ser recorrentes e falar de um mesmo fenômeno. Foi a partir desse agrupamento inicial que chegamos ao que foram considerados os principais símbolos emergentes na cultura pantaneira.

8.1 A figueira-mãe

Em uma das conversas iniciais realizadas falou-se em um matriarcado pantaneiro. Entender do que se estava falando representou um desafio. Não existe uma liderança feminina clara no pantanal, uma vez que as famílias da região se organizam de maneira muito parecida com o resto do Brasil e que a maioria da população que trabalha no campo é formada por homens. Haveria algo de particular no patriarcado pantaneiro que estaria sendo chamado de matriarcado?

Nas diversas imagens que serão mostradas a seguir, o que se observa é uma profunda conexão com a natureza que se apresenta como colo de mãe. Parece haver uma fusão entre mulher e natureza, principalmente no papel materno, mas não apenas. Há uma mulher, que, no seu papel, faz-se representar como uma figueira, uma garça, ou mesmo uma chalana em um rio. De algum modo, essa mulher está enraizada na natureza, que a amplifica. Se matriarcado diz respeito a calor, proteção e nutrição, no Pantanal esse papel é projetado na natureza: ela tem voz ativa, e todos (homens e mulheres) estão submetidos a ela, são seus reféns. Como a natureza tem “cara de mulher” no imaginário local, talvez isso explique o uso da palavra matriarcado.

Gallbach traduz o termo “matriarcado” na obra de Neumann da seguinte maneira:

O termo “matriarcado” refere-se à constelação de uma situação psíquica em suas formas de expressão e projeção, na qual o inconsciente e o feminino dominam, e a consciência e o masculino ainda não chegaram à sua independência e autonomia, permanecendo infantis, dependentes em sua relação com o inconsciente, que é representado no mito pelo arquétipo da Grande-Mãe. (GALLBACH, 1995, p. 32)

O símbolo da figueira-mãe nos conta do arquétipo da Grande-Mãe no Pantanal. Para ilustrar essa “grande-mãe” pantaneira como figueira-mãe, a obra *a Madona dos Páramos* (1982 apud CAMPO, 2007), de Ricardo Guilherme Dicke, parece relevante devido a uma sincronicidade: em uma das conversas iniciais, descobri que outras mães da região, além da minha própria, eram metaforicamente entendidas como árvores, no caso, como grandes figueiras. Na obra de Dicke, a história gira ao redor da busca por uma terra encantada que é chamada de Terra da Figueira-Mãe.

O romance narra a fuga de doze homens de um presídio em Cuiabá, os quais se embrenham sertão adentro, a cavalo, em busca da terra da Figueira-Mãe: promessa de bem-estar e justiça. Algumas imagens que aparecem no romance:

No centro do sertão chamado no romance de tuaiá, eles esperam encontrar a **Figueira-Mãe, lugar mítico descrito como um paraíso terrestre** governado pelo SemSombra, refúgio de delinquentes e perseguidos, protegido por “[...] labirintos junto a lagos e montanhas cercando tudo nos horizontes [...]” (DICKE, 1982, p. 408 apud CAMPO, 2007, p. 239, nossa ênfase)

Esse lugar é considerado a capital dos reinos das proteções: Casa da Figueira-Mãe. O caminho labiríntico para essa terra é difícil. O sol inclemente e as distâncias infinitas a serem atravessadas em solidão aparecem como aspectos da natureza que massacra, aspectos da Grande Mãe com os quais é difícil lidar, que exigem tudo antes de entregar o paraíso. Campos (2007) faz um paralelo com o imaginário cuiabano, que entende sua própria região como um labirinto (os rios e as trilhas nas matas como os caminhos tortuosos) que vai até um centro receptor e difusor que seria o Pantanal.

Para vários dos artistas selecionados, a relação com a mãe tem grande impacto sobre sua própria produção. Na obra de Manoel de Barros, por exemplo, Campos diz que o mito que ancora a psique e a obra, em um nível profundo, é o da Grande Mãe.

A obsessão pela infância e a perseguição de um estado de comunhão com a natureza, a qual antecede a palavra e se encontra no silêncio identificado com as fontes da terra-mãe, são uma constante na obra de Manoel de Barros, bem como a busca incessante da palavra poética que brota das profundezas, em puro estado criativo e genésico. [...] Pode-se considerar o Pantanal, pelas características já apontadas, como uma metáfora da Grande Mãe, que abrigou uma criança “selvagem” porque imersa em uma vida “primitiva”, portanto encostada nela. (CAMPOS, 2007, p. 262)

Podemos ver esse “Pantanal útero” em diversos poemas, como, por exemplo, “Narrador apresenta sua terra Natal”, de Manoel de Barros. Nele, o autor fala que, na cidade de Corumbá, capital do Pantanal,

Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute.
Os homens deste lugar são uma continuação das águas.
(BARROS, 2021b, p. 17)

Jung usou o termo *participation mystique* da antropologia para falar de uma sensação de identidade entre a psique e algo externo a ela. Situações em que o sujeito não se distingue claramente do objeto, mas, muito pelo contrário, sente-se ligado a ele por uma relação que enfatiza similaridades na identidade (JUNG, 1921/2019e). 856). Na comunhão com a natureza que encontramos na produção pantaneira, podemos reconhecer esse estado de identificação. No poema *Árvore*, de Manoel de Barros, vemos:

No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola. [...]
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus. [...]
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.
(BARROS, 2021a, p. 65)

Essa imersão na natureza, em solitude, parece também trabalhar no sentido de comunhão com o entorno. O poema “Ninguém” talvez seja a mais profunda descrição disso:

[...] Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os sapos. [...]
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com o começo do verbo.
(BARROS, 2021a, p. 29)

A exaltação da natureza também aparece em algumas músicas analisadas, nas quais a geografia pantaneira e mato-grossense é celebrada como o próprio corpo da Grande Mãe. Várias canções resumem-se a listar lugares, cidades, rios. Por exemplo, Renato Teixeira, na música *Meu veneno*, enumera cidades da região, e o faz como uma exaltação, em tom alegre e saudoso de amor pela terra.

No Mato Grosso fui a Poconé, Sinop
 Cuiabá, Barra do Garça, Alto Floresta, Porto Jofre
 Também passei por Várzea Grande, Rondonópolis
 Em Barão de Melgaço, eu parei pra pernoitar
 No Mato Grosso do Sul tem Três Lagoas
 Campo Grande, Corumbá
 Aquidauana, meu coração não me engana
 De Potim saí um dia só pra ver Ponta Porã
 Ji-Paraná, Rondônia, Guajará-Mirim, Cacoal
 Ariquemes, Pimenta Bueno
 Logo, logo eu estarei em Porto Velho
 Que é a menina dos meus olhos, meu veneno
 (MEU VENENO, 2000)

Já em *Cunhataiporã*, de Geraldo Espíndola, a saudade não é alegre. A geografia ainda aparece, na citação das cidades de Ponta Porã e Corumbá, e o rio Paraguai surge para ser navegado como uma espinha dorsal da mãe terra, despertando a nostalgia do eu lírico. Haveria algo que já não é, que não se ouve mais, e que, lamenta a canção, ficou perdido no passado.

É pra Ponta Porã?
 Cunhataiporã, chero rai rô
 É pra Corumbá?
 É lá que eu vou pegar um barco
 E descer o rio Paraguai
 Cantando as canções que não se ouvem mais
 (CUÑATAIPORÃ, 1980)

As imagens dos barcos percorrendo os rios, ou dos trens atravessando os campos, falam sempre de lugares edênicos. Em *Trem de Lata*, de Almir Sater, o refrão nos dá uma pista do que se sente quando se está no Pantanal, lembrando a descrição de um colo de mãe:

Quanta alegria, tanto prazer
 Tô aqui, vamos chegar
 A casa é sua, pode entrar
 Meus braços vão te abraçar
 Há tanto para plantar
 Por aqui
 (TREM DE LATA, 1986)

Geraldo Espíndola, em *Tuiuiú e Jaburu*, fala de um Pantanal paradisíaco, onde os animais vivem em paz e harmonia na beira do Taquari, como se, no Pantanal, uma certa parte de civilização não fosse necessária (tirar a roupa, virar índio):

E tão bonito ver tanto bicho vivendo livre por ali
 Naquelas barrancas do Taquari
 dá até vontade de virar índio
 Ficar contente, tirar a roupa
 Entrar no rio, pegar corimbatá,
 sem medo de arraia
 (TUIUIÚ E JABURU, 2005)

Se a civilização surge para nos proteger de uma natureza muitas vezes implacável, aqui não se quer a proteção dela, e sim seu colo. Em *Desgarrado*, interpretada pelo Grupo Canto da Terra, fica bem clara essa relação de mãe e filho, com a natureza ensinando e seus filhos sabendo entender “seus ventos” como guias.

Sou filho do tempo e da mãe natureza
 Acompanho o vento pra onde ele for
 (DESGARRADO, 2018)

No entanto, essa figueira-mãe não é só colo. Se, de uma parte, ela apazigua corações, também fica claro que não poupa ninguém. Os dois polos da natureza também aparecem. Nas músicas de Almir Sater, encontramos essa temática com frequência. Em *Um violeiro toca*, talvez se encontre o melhor exemplo:

Então 's óio' dos bichos são os olhos de quem ama
 Pois a natureza é isso: sem medo, nem dó, nem drama
 (UM VIOLEIRO TOCA, 1989)

E, em *Peão*, do mesmo compositor, temos o trecho:

Ventos que arrombam janelas
 E arrancam porteiras
 Espora de prata riscando as fronteiras (...)
 Existe uma vida
 Uma vida vivida
 Sentida e sofrida
 De vez por inteiro
 E esse é o preço "preu" ser brasileiro
 (PEÃO, 1982)

E, nesse viver por inteiro, sem medo, nem dó, nem drama, talvez se aprenda o dom da aceitação daquilo que está para além do controle do homem.

Os caminhos mudam com o tempo
Só o tempo muda um coração
Segue seu destino boiadeiro
(PEÃO, 1982)

A vida exaltada aqui não é uma vida perfeita, mas a vida que muda os corações para adaptá-los. E adaptar-se não é visto como se submeter ou desistir, mas como fruto de um certo tipo de sabedoria que se adquire com o tempo, e só com ele. É interessante pensar que o viver por inteiro, que parece difícil, dar-se-ia na constatação da pequenez do homem face à natureza e ao próprio infinito. Em *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Jung traz uma reflexão interessante que talvez caiba aqui.

Para o homem a questão decisiva é esta: você se refere ou não ao infinito? Tal é o critério de sua vida. Se sei que o ilimitado é essencial então não me deixo prender a futilidades e a coisas que não são fundamentais. [...] Se compreendemos e sentirmos que já nesta vida estamos relacionados com o infinito, os desejos e atitudes se modificam. Finalmente, só valem pelo essencial e se não acedemos a ele a vida foi desperdiçada. [...] Somente a consciência de minha estreita limitação no meu Si Mesmo me vincula ao ilimitado do inconsciente. É quando me torno consciente disso que me sinto ao mesmo tempo limitado e eterno. (JUNG, 1961/2016, p. 321)

Na série intitulada “Cores e mitos”, a obra de Ilton Silva retrata o que parecem ser figuras femininas místicas que podem ser relacionadas à representação imagética da Figueira-Mãe: meio mulher, meio natureza. O próprio artista é filho de uma mãe bugra⁶, Conceição dos Bugres, escultora de origem indígena, reconhecida em razão da importante contribuição para a arte local⁷. Mulher que, de certa forma, também está presente na obra do artista, na qual a representação do feminino fundido a natureza é impressionante. Além das figuras femininas aparecerem mescladas à própria

⁶ Bugre, no feminino, bugra, é uma denominação pejorativa dada a indígenas por serem considerados não cristãos pelos europeus. [Atualmente] Além de ser utilizado como categoria para definir coletividades e sujeitos de ascendência indígena, o termo bugre pode ser utilizado de forma simbólica, definindo sujeitos, práticas culturais e artísticas ligados às tradições e cosmologias nativas. Fonte: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bugre&oldid=66216921>. Acesso em: 8 jul. 2023.

⁷ Disponível em: <https://artrio.com/marketplace/artists/view/conceicao-dos-bugres>. Acesso em: 20 mar. 2022.

natureza, o feminino nunca aparece sozinho, isolado. Ao contrário, o artista cria uma rede de mulheres, como se pode observar na imagem a seguir (Figura 7)

Figura 7 – Ilton Silva – Série “Cores e mitos”



Fonte: <https://www.blogdothame.blog.br/v1/2018/06/02/artes-artistas-22/>

Outro exemplo dessa aparição de feminino e natureza combinados está na obra de João Sebastião Costa, também ele filho de uma artista, com quem tinha parcerias criativas. Nos seus quadros, a onça pintada é retratada diversas vezes. Na grande maioria das vezes, aparece com uma forma feminina, humanoide e delicada.

Figura 8 – João Sebastião Costa – Sem título



Fonte:
<https://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com/2012/04/joao-sebastiao-da-costa-desenhista.html>

Essa humanização da natureza também encontramos no poema “Pintura”, de Manoel de Barros, em que ele “pinta a imagem erótica da Manhã”:

[...] ...Um dia tentei desenhar as formas da Manhã sem lápis. [...] Por primeiro havia que humanizar a Manhã. Torná-la biológica. Fazê-la mulher. [...] Pinteí sem lápis a Manhã de pernas abertas para o Sol. A manhã era mulher e estava de pernas abertas para o sol. [...] Estava humanizada essa beleza de tempo. (BARROS, 2018, p. 37)

No trabalho de outros artistas, a importância da relação com a natureza aparece nas imagens de paisagens, da fauna e da flora local. As paisagens costumam ser bucólicas, evocando, com sua planura, o colo de mãe, com suas águas tranquilas, a paz. Raramente há a presença humana, que, quando existe, costuma ser a imagem de uma única pessoa, salientando sua solidão e conexão com o próprio meio. A natureza aparece sempre preservada e grandiosa, ainda que, em alguns casos, representada apenas por pequenos detalhes. Se as garças aparecem nas músicas pantaneiras muitas vezes representando o objeto amoroso, nas imagens elas também aparecem dando vida à paisagem, companheiras na solidão.

Figura 9 – Jorapimo – "Pantanal com aves em Corumbá"



Fonte: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=54927>

Figura 10 – Jamil Canavarros – Sem título



Fonte:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1489836911340750&set=ecnf.100009433669926>

Nas obras do artista Adilson Schieffer, reunidas na exposição intitulada “Manhé Ser Sublime”, os holofotes do artista estão sobre a Mãe, que aparece representada com traços indígenas, mas com o manto da Nossa Senhora dos católicos. Como resultado do que poderia ser visto como um sincretismo cultural, a mãe indígena é associada à mãe de Cristo e, como indica o título da exposição, vista como sublime.

Figura 11 – Adilson Schieffer – Série Manhé Ser Sublime



Fonte:
<https://www.progresso.com.br/variedades/bebes-e-criancas/exposicao-manhe-ser-sublime-em-campo-grande/94797/>

Figura 12 – Adilson Schieffer – Flor do meu jardim I



Fonte:
<https://www.acritica.net/editorias/geral/artista-mostra-influencia-indigena-em-suas-obras/3426/>

8.2 O peão boiadeiro

Quando falamos em pantaneiro, talvez a primeira imagem evocada seja a do peão boiadeiro sobre seu cavalo, um exímio cavaleiro. Podemos considerá-lo a “persona” mais comum na região. Poderia pensar-se o peão como apenas uma profissão local, mas o que a pesquisa parece ressaltar é que não há essa separação entre o profissional e a pessoa. Pelo menos tradicionalmente na região, ser peão era muito mais do que trabalhar como peão. Algo da identidade pantaneira é forjado nesse fazer e condensa-se nesse símbolo.

O peão possui uma vivência de ritmos e distâncias e sua maneira própria de lidar com isso. Tradicionalmente, tem uma forma de trabalho cheia de Eros, na qual prazer e dor andam juntos. O primeiro não compensa o segundo, como um fim de semana de prazeres depois de uma semana de trabalho, mas interação de maneira análoga àquilo que Abílio de Barros (1998) chamou de prazer da atividade esportiva, em que a superação do desafio promove satisfação e gera aprovação.

O reconhecimento das dificuldades que enfrenta e a percepção da capacidade que tem diante delas são fontes de autoestima para o pantaneiro, que se reconhece

nessa lida e se orgulha da própria capacidade de enfrentamento. O bom humor é peça-chave para isso. O pantaneiro não chora seu destino. Muito pelo contrário, consegue rir de si mesmo.

Quais são as particularidades do peão pantaneiro? A poesia *Lides de Campear* de Manoel de Barros é especialmente rica para ilustrar a forma como, mais do que as habilidades específicas, a lida com o boi forja uma maneira de ser e estar no mundo. Barros enfatiza como a monotonia de boa parte do trabalho ensina o pantaneiro a “inventar, transcender, desorbitar pela imaginação”, buscar na conversa e no bom humor formas de lidar com o tédio, e estar pronto para os momentos mais difíceis:

...uma definição de pantaneiro: “Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar” [...] Trabalho pouco, vírgula. Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. [...] No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros – é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra seu ser. [...] É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação. Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. [...] o pantaneiro vence o seu estar isolado [...] recorrendo às imagens e brincadeiras. Mas na hora do pega pra capar, pantaneiro puxa na força por igual. No lampino do sol ou no zero do frio. [...] Só por isso se diz que o boi cria o pantaneiro. (BARROS, 2021b, p. 33)

Já no poema *Nos primórdios*, o autor destaca a função de “tocar o gado” como fundamental, desde o começo dos tempos, para entender quem é o pantaneiro. De todas as atividades que um dia poderiam ter se desenvolvido ali, o “campear” aparece como a escolhida por fornecer um certo modo de vida, uma maneira mais livre de estar no mundo.

O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar.
Porém só pensava em lombo de cavalo.
De forma que só campeava e não hortava.
Daí que campear se fez de preferência por ser atividade livre e andeja.
(BARROS, 2021b, p. 35)

Também nas músicas a pecuária é cantada como forma de vida, maneira de estar no mundo. O peão boiadeiro percorre os meandros do Pantanal, conhece cada árvore que marca cada curva em seu trabalho de “tocar” o gado e com ele deslizar

por essas terras. E, nesse trajeto, o cavalo, sua montaria, é seu parceiro, quase continuação do próprio corpo, e juntos vão nas andanças. O pantaneiro tem algo de figura nômade, itinerante, andarilha, que conhece as trilhas, os caminhos. E, se o pantaneiro molda essa forma de fazer, também é moldado por ela, e sua visão de mundo é profundamente tocada pela lida com o gado e o campo.

Essa maneira de ser peão boiadeiro aparece de diversas formas. Constitui o personagem principal, ou é a principal característica na definição do personagem. Em *As Três Cuiabanas*, composição de Carreirinho e Zé Carreiro, a narrativa em primeira pessoa apresenta um eu lírico que se caracteriza dizendo que se criou na lida com o gado. Explicar quem ele é equivale a explicar o que ele faz, o quanto domina a ciência do seu fazer. Colocado numa situação perigosa de ter que escolher a mulher mais bonita entre três, usa de seu jogo de cintura e do seu jeito cortês para se safar.

Na música *Desgarrado*, composta por Valdomiro Bittencourt e interpretada pelo Grupo Canto da Terra, a identificação como boiadeiro basta para caracterizar quem é o personagem. A música conta sobre uma carreira (corrida) de cavalo, algo comum na região. Um peão recém-chegado a uma fazenda vai participar de uma carreira, conquistar o coração da fazendeira e ser por ela conquistado. O peão pantaneiro, como já foi dito, costuma trabalhar em fazendas de uma região, fica conhecido por ali, mas tem algo de “desgarrado”, uma liberdade da qual ele se orgulha e que aqui aparece nas linhas:

Sou filho do tempo e da mãe natureza
Acompanho o vento pra onde ele for
Criado no campo cresci desgarrado
Maniador nas patas ninguém vai me por
Pra correr estradas tenho meu cavalo
Bagual ensinado só falta falar
(DESGARRADO, 2018)

A música *Peão*, de Almir Sater, trata sobre um peão boiadeiro que trabalhava em uma comitiva entre a região alta (antigamente chamada de sertão) e as partes baixas do Pantanal. Uma parte do trabalho das comitivas hoje é feita por caminhões. Ainda assim, a música inicia-se com:

Diga você me conhece
Eu já fui boiadeiro
Conheço essas trilhas
Quilômetro, milhas

Que vem e que vão
 Pelo alto sertão
 Que agora se chama
 Não mais de sertão
 Mas de terra vendida, civilização
 (PEÃO, 1982)

Para o eu lírico, ter sido boiadeiro resume sua vida, e são necessárias poucas palavras para se saber quem ele é:

A fogueira, a noite
 Redes no galpão
 O paiero, a moda,
 O mate, a prosa
 A saga, a sina
 O "causo" e a onça
 (PEÃO, 1982)

Grande parte dos trabalhos dos artistas plásticos selecionados traz imagens de bois, do trabalho no campo, do gado atravessando águas. O trabalho de Humberto Espíndola é centrado no boi.

Se Manoel de Barros diz que “o boi cria o pantaneiro”, o que dizer dessa obra de Espíndola, em que dois bugres mamam direto de um boi/vaca? Se Rômulo e Remo foram criados por uma loba, os pantaneiros aqui aparecem criados pelo boi ou, ao menos, alimentados diretamente por essa mãe-natureza-vaca.

Figura 13 – Humberto Espíndola – Sem título (1)



Fonte: <https://www.facebook.com/artistaplasticohumbertoespindola/photos>

Entender o pantaneiro pela ótica desse artista, é entender a profunda comunhão entre ser boiadeiro e ser pantaneiro. Essa relação em parte nos diz da profissão do peão de boiadeiro, mas como metonímia, como na imagem a seguir, em que o peão não aparece no quadro, só o seu berrante e o boi, e basta. Conseguimos saber da sua força fálica pelo seu berrante, e da sua placidez bovina.

Figura 14 – Humberto Espíndola – Sem título (2)



Fonte:

<https://www.facebook.com/artistaplasticohumbertoespindola/photos/pb.100032450517093.-2207520000/752231714787421/?type=3>

O lugar praticamente sagrado que o boi ocupa na obra de Espíndola talvez se evidencie na imagem a seguir e no poema, composto pelo artista, que a acompanha. Na imagem apresentada na Figura 15, o carro de boi transforma-se em um andor, que não é puxado pelo boi, mas que o transporta, como a um santo.

Figura 15 – Humberto Espíndola – Sem título (3)

*“Como soe
acomodou seu repouso
entre as rodas
e placidamente foi levado
como um santo no andor
pelos bois de carro
até o verde pasto nupcial”*



Fonte:

<https://www.facebook.com/artistaplasticohumbertoespindola/photos/pb.100032450517093.-2207520000/418471194830143/?type=3>

Em outras obras do artista, o boi aparece totalmente integrado ao próprio Pantanal, como na imagem a seguir (Figura 16), em que outras espécies da fauna pantaneira se misturam com o boi, com a terra e com a água.

Figura 16 – Humberto Espíndola – Sem título (4)



Fonte:

<https://www.facebook.com/artistaplasticohumbertoespindola/photos/pb.100032450517093.-2207520000/615174628493131/?type=3>

A maioria das imagens que retrata o boiadeiro, mostra paisagens imensas sendo atravessadas no trabalho de levar o gado. E o que essas imagens nos contam sobre esse ser boiadeiro? Podemos notar a solidão, a paz e a integração à natureza, como no quadro de Jorapimo, em que gado, cavalo, peão e águas são partes do mesmo todo.

Figura 17 – Jorapimo – Sem título (1)



Fonte: https://fotos.jornaldacidadeonline.com.br/uploads/fotos/1488677600_1614086724.jpeg

E, se o trabalho boiadeiro tem muito de solitário e monótono, é nesse tempo alongado e sem pressa que as relações se desenvolvem. É o que parece ficar claro na pintura de Daltro (Figura 18), em que vemos peões lado a lado na lida. Podemos ver o porte altivo e tranquilo. Se há uma potência presente no símbolo do boiadeiro, ela é incorporada num corpo forte, destemido, ágil e tranquilo. Um corpo que domina o cavalo, faz dele sua montaria e representante da sua própria força. A ligação do peão de boiadeiro com seu cavalo é íntima: não existe peão se não houver cavalo.

Figura 18 – Daltro – Boiada e golpe de ar



Fonte: <https://www.alphaainc.com/user/4331>

Segundo o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, na imagem do cavaleiro existe:

Um símbolo de triunfo e glória; assim como ele doma sua montaria, dominou forças adversas.

A imagem do cavaleiro passou à significação de um perfeito autodomínio e domínio de forças naturais.

Caracterizar o cavaleiro como sendo o senhor de sua montaria, esta última podendo ser, evidentemente, quer seu cavalo, quer seu próprio eu, ou o serviço do rei, ou o devotamento à dama eleita, ou ainda o exercício de uma função, ou a liderança de uma guerra, etc. [...] O cavaleiro não é um soberano, é um *servidor*. Ele se realiza na ação por uma grande causa. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. 200-201)

O cavalo como símbolo:

[...] cavalo arquetípico é portador de morte e de vida a um só tempo, ligado ao fogo, destruidor e triunfador, como também à água, nutriente e asfixiante. [...] Símbolo do psiquismo inconsciente e da psique não humana. Impetuosidade do desejo. [...] ...representa o instinto controlado, dominado, sublimado. Representa a mais nobre conquista do homem. [...]

Ele é montaria, veículo, nave, e seu destino, portanto é inseparável do destino do homem. Entre os dois intervém uma dialética particular, fonte de paz ou de conflito. [...] Em pleno meio dia, levado pelo poderoso ímpeto da corrida, o cavalo galopa às cegas, e o cavaleiro, de olhos bem abertos, procura evitar os pânicos do animal,

conduzindo-o em direção à meta que se propôs alcançar; à noite, porém, quando é o cavaleiro que por sua vez se torna cego, o cavalo pode então tornar-se vidente e guia. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. 203)

Em outro quadro de Jorapimo, vemos um peão no ato de montar seu cavalo. Podemos ver sua destreza e intimidade com o cavalo, e ainda notamos sua coragem em relação a um touro, no lado direito da imagem, que não parece muito amistoso. Destreza e coragem são tão importantes para se compreender o pantaneiro quanto calma e tranquilidade.

Figura 19 – Jorapimo – Sem título (2)



Fonte: <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/galeria-museu-lidia-bais/>

Essa mesma destreza e intimidade com o cavalo podemos ver no quadro de Ilton Silva (Figura 20):

Figura 20 – Ilton Silva – Lida de peão



Fonte: https://www.icgilbertoluizalves.com.br/_arquivos/eventopdf/panorama100631.pdf

8.3 O bugre

8.3.1 Quem é o bugre

No uso do dia a dia, a palavra bugre tem um cunho pejorativo e insultuoso. Era como os europeus que chegaram à região chamavam os indígenas que não eram cristãos. A palavra em português deriva de termo francês, que significava herético⁸. Assim, temos, de acordo com o dicionário Michaelis:

bugre

bu·gre

sm+f

1 ETNOL, PEJ Denominação genérica a diversos grupos de indígenas brasileiros, tidos como agressivos e sodomitas.

2 FIG, PEJ Pessoa rude, pouco civilizada.

3 FIG Pessoa desconfiada e arredia.

No texto “Nos primórdios”, Barros cria o que poderia ser a gênese do bugre. Falando do começo dos tempos, cita a chegada de diversos grupos ao Pantanal. Inclui, ao final, os “antas batizados”, denominação que tem o caráter insultuoso, uma vez que os pantaneiros denominam “anta” alguém pouco inteligente. O adjetivo “batizado” remete à condição do bugre atual, o índio “desaldeiado” (BARROS, 2018, p. 43) que se tornou cristão por imposição dos “colonizadores” europeus.

Como no começo dos tempos. Logo se fez a piranha. Em seguida os domingos e feriados. Depois os cuiabanos e os beira-corgos. Por fim o cavalo e o anta batizado. Nem precisaram dizer cresci e multipliquei. Pois já se faziam filhos e piadas com muita animosidade. Conhecimentos vinham por infusão pelo faro dos bugres, pelos mascates. (BARROS, 2021b, p. 35)

No entanto, na produção artística da região do Pantanal, ela surge sempre em um contexto que de alguma forma a valoriza.

Se o peão boiadeiro é a imagem mais comumente associada ao pantaneiro, o bugre, de certa forma, é seu complemento. Essa denominação, também comum para se referir ao pantaneiro, parece revelar a profundidade das raízes indígenas. O

⁸ BUGRE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bugre&oldid=66216921>. Acesso em: 8 jul. 2023.

pantaneiro seria, assim, o fruto dessa fronteira viva e permeável que é o Pantanal e representaria, de certo modo, o encontro das culturas indígena e europeia, encontro no qual a herança bugra se faz claramente presente.

Nos quadros de Joubert Pantaneiro, podemos observar as feições de personagens produzidos pela miscigenação: cabelos negros e lisos, os olhos vivos e amendoados, uma indumentária que inclui o chapéu de grande aba, as roupas de cores vivas, o tereré, os bailes, a viola, a canoa.

Figura 21 – Joubert Pantaneiro – O canoeiro pescador



Fonte:
<https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DDAePDBA/>

Figura 22 – Joubert Pantaneiro – Artesã amamentando



Fonte: <https://falandodeartenaescola.blogspot.com/2011/11/artes-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

Figura 23 – Joubert Pantaneiro – Sem título



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BwTEpR7nXpa/>

Analisando o conteúdo de produções artísticas em que a figura do bugre está presente, parece-nos possível identificar alguns valores que, mesmo sendo, talvez, ainda pouco conscientes, caracterizam o modo de ser pantaneiro em sua faceta bugra. A forte conexão com a natureza seria um desses valores.

Manoel de Barros criou o personagem Bernardo, que aparece em vários poemas. O autor trata-o como um *alter ego*, e é possível ver essa figura como uma representante do bugre. Em “Mundo Pequeno”, na estrofe XII, há, possivelmente, a mais famosa frase sobre o personagem: “Bernardo é quase árvore” (BARROS, 2016c, p. 73). No poema “No presente”, Bernardo é descrito como um indivíduo solitário e independente, que comunga com a natureza:

[...] Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. [...] É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu instinto seu faro animal vão na frente. No centro do escuro se espriam. [...] Com bichos de escama conversa. Ouve de longe a botação de um ovo de jacaroa. [...] Escuta o ente germinar ali ainda implume dentro do ventre. Os embriões do ovo ele vislumbra prazenteiro. Ri como fumaça. Seu maior infinito! [...] Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. Com as mãos aplaina as águas. Deus abrange ele. (BARROS, 2021b, p. 39)

Um dos grandes expoentes das artes sul-mato-grossense e que representa magistralmente a noção de ser bugre é Conceição dos Bugres. Autodidata, de origem

indígena, produzia os chamados “bugres”, esculturas em madeira cobertas por cera e tinta, com formas que respeitavam o formato original da madeira que ela considerava “sábua”. A profunda relação com a natureza, que é sempre respeitada e ouvida, mas pode ser transformada, é uma marca do pantaneiro.

Figura 24 – Conceição dos Bugres – Sem título



Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/conceicao-dos-bugres>

Na obra de Barros, há vários outros personagens que nos ajudam a entender o bugre. Se o boiadeiro nos conta sobre conhecer os caminhos e o trabalho pantaneiro, o bugre é a própria integração com a natureza, no que isso pode ter de mais profundo. No poema “Brincadeiras”, aparece Cipriano:

Cipriano era um indiozinho guató que aparecia no Quintal, nosso amigo. Ele obedecia a desordem. [...] Outro dia a gente destampamos a cabeça de Cipriano. Lá dentro só tinha árvore, árvore, árvore. Nenhuma ideia sequer. [...] ele tinha predominâncias vegetais do que platônicas. (BARROS, 2018, p. 26)

E temos também “Bocó”, no qual Barros elucida o adjetivo que dá título ao texto:

[...]Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. (BARROS, 2018, p. 39)

Há também Rogaciano, que ensina para o poeta uma gramática do povo guató, que o encanta:

[...]Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. [...] Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mais ensina essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Chamã dos Guató quanto Sapir. (BARROS, 2018, p. 43)

Sempre que o bugre/pantaneiro entra em cena, o que ganha foco é seu entendimento e sua profunda conexão com a natureza. Em *Ciranda Pantaneira*, composição de Alzira Espíndola, interpretada pelo Grupo Acaba, a flora e fauna vão sendo cantadas junto com todo o conhecimento que se tem sobre suas nuances. E quem as conhece é o pantaneiro:

Carandá é um coqueiro
Coqueiro do Pantanal
Da folha sai abanico
Abanico pra abanar
Sai esteira pra deitar
Sai cavalo para brincar

Quem conhece Carandá
Quem conhece camalote
Quem conhece Tarumã
É do Pantanal

Ser pantaneiro é sentir o cheiro da fruta
Nadar em águas barrentas, remar em águas correntes
Ser pantaneiro é a fuga da morte!
É a busca da vida

Marrequinha pega o peixe
Tuiuiú já vem tomar
Pipirá que vem subindo
Peixe grande vem atrás

Mas, onde nasce Carandá
não nasce Caraguatá
Onde tem Caraguatá
tem buraco de tatú
Onde tem Caraguatá
cavalo não pode andar
(CIRANDA PANTANEIRA, 2016)

Aquilo que, no poema “Lides de Campear”, Manoel de Barros chama de animismo – “Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase animismo” (BARROS, 2021b, p.33) –, um fazer parte do todo, também aparece em músicas que falam da região, na medida em que sugerem

uma imersão na natureza, que exige o exercício de uma função específica, sem abandonar, todavia, a noção de pertencimento ao todo, nem sem deixar de obedecer aos ritmos que a natureza impõe. E talvez aqui seja difícil separar o boiadeiro do bugre. Na música *Boiadeiro do Nabileque*, de Almir Sater e João Bá, podemos sentir esse fluir como água do rio:

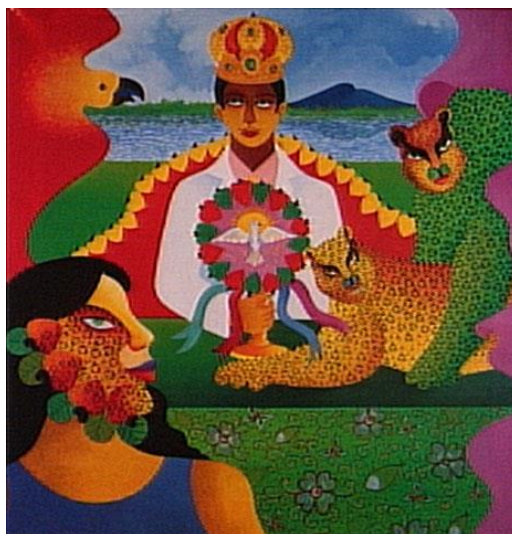
Vai boieiro
Rio abaixo
Vai levando gado e gente (...)
De'liza na veia d'água
Eh! Rio Paraguai
(BOIADEIRO DO NABILEQUE, 1989)

Em consonância com essa conexão com a vida ao seu redor, o bugre professa também uma religião própria, mais parecida com as religiões pagãs nas quais a natureza tem papel importante:

Não casaremos na igreja
Nossa paixão é pagã
Esquece o Deus da igreja
Venera o sol da manhã
(JAPONÊS TEM 3 FILHAS, 1993)

Já nas obras de Jonir Figueiredo, representante do importante Movimento Guaicuru sobre o qual falaremos mais adiante, a imagem do encontro católico e bugre aparece no paraíso invadido pela cruz. Contudo, a imagem do homem que carrega a cruz não é sólida, tem uma transparência que parece o integrar o fundo. Ele invade para em seguida ser invadido. Já não é apenas homem, é atravessado pela paisagem.

Figura 27 – João Sebastião Costa – Rei festeiro e sirigaita mimi



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra13974/rei-festeiro-e-sirigaita-mimi>

Figura 28 – João Sebastião Costa – Sagrados corações de caju



Fonte: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6649/sagrados-coracoes-de-caju>

Outra figura constante de Manoel de Barros que também diz sobre as características do bugre é o andarilho. Bernardo é um andarilho, vários outros personagens citados também o são. No poema “Fontes”, Barros diz que os andarilhos são uma das três fontes de sua poesia, junto com as crianças e os passarinhos. E, sobre o andarilho, ele nos diz:

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a presciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. [...] Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. (BARROS, 2018, p. 57)

Já na VII estrofe do poema “Mundo pequeno”, vemos uma faceta criativa e aventureira do bugre:

[...] Veja que bugre só pega por desvios, não anda
em estrada – Pois é nos desvios que encontra as
melhores surpresas e os aritícuns maduros. (BARROS, 2016c, p. 63)

Parece haver, ainda, algo no pantaneiro que clama não só pela mobilidade, mas também pela liberdade de não fazer, não por preguiça, mas antes pela valorização do tempo não produtivo, como coloca Barros: “O Homem tinha mais o que não fazer!” (BARROS, 2021, p.35).

Outra característica bugra que parece se relacionar com essa necessidade “andarilha”, essa busca por aventura, é a pouca disposição para a agricultura, e uma certa esperteza *à la jeitinho brasileiro*:

Japonês me comprou o chão
Me comprou roça de arroz
Vendi o arroz e o chão
E não entreguei nenhum dos dois
(JAPONÊS TEM 3 FILHAS, 1993)

Manoel de Barros atribui essa atitude em relação à atividade agrícola à necessidade de liberdade, que seria própria do pantaneiro.

O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar. Porém só pensava em lombo de cavalo. De forma que só campeava e não hortava. Daí que campear se fez de preferência por ser atividade livre e andeja. Enquanto que hortar prendia o ente no cabo da enxada. O que não era bom. (BARROS, 2021, p. 35)

Além da conexão com a natureza, o bugre nos conta da fronteira viva onde foi forjado. Ele costuma ser descrito com uma esperteza alegre, há um bom humor na

sua forma de ser. A música *Japonês tem 3 filhas*, de Geraldo Roca, mostra essa faceta, contando-nos a história de um pantaneiro que se apaixona pela filha de um agricultor japonês. O pantaneiro autointitula-se bugre e mostra que seu idioma tem forte influência paraguaia (o guarani é a segunda língua oficial no Paraguai)⁹.

Ela é índia do Oriente
Eu sou bugre daqui
Falou comigo em japonês
Respondi em guarani (..)
Japonesinha é minha cuñataí.
(JAPONÊS TEM 3 FILHAS, 1993)

Em *Sonhos Guaranis*, composição de Paulo Simões e Almir Sater, a herança indígena e paraguaia, ainda que nem sempre explícita, é a raiz ancestral da amada tradição pantaneira. Se Manoel de Barros, no texto “Nos primórdios”, diz que essa é uma herança que veio “por infusão” (BARROS, 2021b, p. 35), Simões e Sater nos contam que ela mora nas emoções e é a “voz primeira que de dentro sai”. Existe além de um saber bugre, uma maneira de saber que mora nas emoções.

Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos guaranis
Por campos e serras a história enterra uma só raiz
Que aflora nas emoções e o tempo faz cicatriz
Em mil canções lembrando o que não se diz

Mato Grosso espera, esquecer quisera o som dos fuzis
Se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país
Amante das tradições de que me fiz aprendiz
Por mil paixões podendo morrer feliz

Cego é o coração que trai
Aquela voz primeira que de dentro sai
E às vezes me deixa assim
Ao revelar que eu vim
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai
(SONHOS GUARANIS, 1982)

Resumindo, na figura do bugre encontramos a intuição no trato com a natureza como forma de preservação: há uma natureza que é “ouvida” e respeitada e um saber objetivo profundo sobre a fauna e a flora pantaneira. Esse ser de aparência indígena,

⁹ PARAGUAI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Paraguai&oldid=66663679>. Acesso em: 25 set. 2023.

com seus lisos cabelos negros e olhos vivos e amendoados, tem uma alma que clama por liberdade e usa seu espírito esportivo e bom humor para viver a aventura que é a vida. Importante ressaltar que essa herança indígena se mescla a uma herança paraguaia, trazendo um traço bem peculiar a essa região do país que talvez não encontremos em outras regiões.

8.3.2 O choque entre culturas

O símbolo do bugre parece revelar o choque que existe entre as culturas que forjaram o pantaneiro. No poema “Cabeludinho”, escrito quando Barros estava na faculdade no Rio de Janeiro, o tom melancólico expressa um estranhamento cultural, um forte sentimento de diferença – “sou bugre mesmo, me explica mesmo, me ensina modos de gente” (BARROS, 2018, p. 24).

Todavia, na produção artística analisada, essa ancestralidade aparece valorizada. Há uma diferença que é explicitada em seu polo positivo. Se considerarmos um contexto mais amplo, talvez isso indique um movimento de compensação psíquica, já que, conscientemente, esse valor não é tão óbvio. O bugre também é considerado comumente como feio, atrasado, pobre, pouco desenvolvido. Se todos querem uma herança bugra, ninguém quer ser bugre.

Para entender essa tentativa de valorização do bugre, é importante falar do Movimento Guaicuru. Fundado em 1981 por artistas plásticos da região, encabeçados por Henrique Spengler, também artista plástico, o movimento tratava de questões da identidade cultural do Mato Grosso do Sul e, para tanto, buscava resgatar a herança indígena guaicuru. Spengler dizia que “Mato Grosso do Sul é o nosso Estado de direito, mas Guaicuru é o Estado de Espírito” (UNIDADE GUAICURU VIVA, [2020-?]) O Movimento tinha participação ativa no quadro cultural do estado, promovendo fóruns e manifestos, e estimulando discussões. Como organização não governamental, participou da elaboração do relatório que o Brasil apresentou no grande encontro Rio-92.

Gilberto Luiz Alves (2014), pesquisador com vários trabalhos sobre a produção artística da região, entende a importância do movimento que sacudiu a cena cultural e conseguiu espaço para que discussões e atividades culturais saíssem de uma certa estagnação. Ainda assim, questiona a escolha dos guaicurus como principais representantes da herança cultural do estado. Para o autor, houve uma idealização

da cultura guaicuru que retirou suas ambiguidades. Um exemplo disso seria a consideração dos guaicurus como defensores de uma cultura contrária à incorporação de elementos estrangeiros, algo que não seria verdade, já que a supremacia guaicuru sobre as outras etnias indígenas presentes na região se teria dado, principalmente, pela assimilação do uso do cavalo e do ferro introduzidos pelos colonizadores. Segundo Alves, no coração do Movimento Guaicuru, nunca esteve em jogo, efetivamente, a preservação da “cultura guaicuru” ou da “identidade guaicuru”, mas, sim, a produção de um mito que ajudasse na formação de uma identidade sul-mato-grossense.

Ainda assim, Alves (2014) acredita que a influência cultural de etnias indígenas é fator relevante para se pensar a cultura do estado. Para ele, os traços culturais mais marcantes foram os herdados dos guaranis. Sendo mais permeáveis à aculturação, desde as reduções jesuíticas, e avançando em grande número pela fronteira sul, influenciaram profundamente os hábitos, os costumes e os valores, em síntese, a forma de ser, de fazer e de sentir dos sul-mato-grossenses. A influência guarani seria tão profunda a ponto de fazer os donos do poder estabelecido ficarem com os cabelos em pé e temerem as consequências. O trecho a seguir mostra a preocupação de autoridades nacionais com a população dessa fronteira:

[...] a “população guaranizada” dominante era amante das festas e da música, andeja e não fixada à terra, beberona, promíscua e pouco disciplinada ao trabalho. Ela não resistia, por exemplo, à roda de tereré, ritual em que todas as pessoas fisicamente próximas, não importa o ambiente, partilham uma cuia para tomar mate gelado. Para realizar esse ritual, o próprio trabalho era interrompido por iniciativa unilateral dos trabalhadores, daí a roda de tereré ter sido qualificada como hábito deplorável. [...] Elencando todos esses “perigos”, além do fato de a população se expressar por meio do guarani, Melo e Silva via essa região fronteiriça minada por problemas que ameaçavam a própria integridade do território brasileiro. Frouxamente subordinada ao governo da União, seria necessário colocar em prática um rígido programa de medidas visando nacionalizá-la. (CENTENO, 2007, p. 257 apud ALVES, 2014, p. 35)

Pode-se observar a profundidade da herança bugra que mora no inconsciente pantaneiro e do julgamento consciente sobre ela. Tem-se, portanto, uma apreciação ambígua. Muitos a valorizam e prezam, muitos a consideram atrasada, e a maioria da população percebe esse legado a partir de uma perspectiva que associa dois polos:

valor e desvalor. Pode-se imaginar que tempero esta ambiguidade acrescenta ao binômio orgulho X pobreza.

O estudo formal aparece como solução para o conflito entre orgulho e pobreza que participa da fundação das primeiras fazendas do Pantanal. Abílio de Barros, em *Gente Pantaneira*, fala de como os fazendeiros da Nhecolândia obedeceram às aspirações paternas e, por isso, são “doutores”, isso é, têm diploma universitário, ainda que não exerçam a profissão.

Ser doutor é uma maneira de ‘ser grande’, expressão cuiabana que, como já foi dito, tem vestígios de seu sentido mais antigo, sinônimo de nobreza. Mais do que posses, a ambição daqueles pioneiros pantaneiros se dirigia à busca de ascensão social da qual o canudo de doutor era símbolo (BARROS, 1998, p. 101).

O sacrifício dos pais para manterem os filhos em colégios na cidade às vezes era grande: “ainda conheci pantaneiros morando em ranchos de chão batido com filhos estudando no Rio ou São Paulo” (BARROS, 1998, p. 102).

Percebe-se que o Pantanal significava um prêmio de consolação para os que primeiro lá chegaram, uma forma de escapar da miséria em que acabaram após sua aventura atrás do ouro cuiabano. Mas o que era pântano e “fracasso” para os pais, acabou sendo a realidade acolhedora e profunda do contato com a própria família e a natureza para as crianças que lá chegaram ou nasceram. Uma realidade que, como no caso de Manoel de Barros, foi e continua sendo precocemente interrompida com o envio para a cidade atrás de escolarização.

O orgulho ferido dos primeiros pais e a missão para remediá-lo foram herdados pelos filhos. A sabedoria bugra, graças à qual a adaptação no Pantanal se fez possível, nunca bastou. De certa forma, é continuamente negada. Seus valores simples substituídos, e se exige uma diferente prova de valor, pelo menos um diploma universitário. Manoel de Barros, por exemplo, formou-se em direito para cumprir seu dever. O diploma parece ser considerado, na região, o portal para uma vida melhor e ter a função de resolver o binômio orgulho X pobreza que fundou o Pantanal. Na estrofe 13, do poema “Desejar ser”, temos:

Venho de nobres que empobreceram.
Restou-me por fortuna a soberbia.
Com esta doença de grandezas:

Hei de monumentar os insetos!
 (Cristo monumentou a Humildade quando beijou os
 pés dos seus discípulos.
 São Francisco monumentou as aves.
 Vieiras, os peixes.
 Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.
 Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)
 Com esta mania de grandeza:
 Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas
 De orvalho
 (BARROS, 2016a, p. 45).

E, na estrofe 6 da poesia “Retrato do artista quando coisa”, temos:

[...] Ainda não entendi por que herdei esse olhar
 para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades
 machucadas.
 (BARROS, 2022, p. 29).

A quais “ancestralidades machucadas” pode estar se referindo Manoel de Barros? Será que ele alude apenas aos nobres que empobreceram, indo acabar em um lugar de abandono e desamparo? Ele, que tanto nos contou sobre o bugre e seu valor, que foi infundido com o saber bugre, sofre também da dor dessa ancestralidade, dessa maneira de ser e saber que assistimos caminhar para o fim?

Ainda que, para Jung, uma forma menos polarizada de conhecimento possa trazer benefícios, sabemos que há, pelo menos no Ocidente, uma valorização de uma determinada forma de saber: o da ciência e da objetividade. Fácil e comum no mundo moderno é massacrar uma população que se apoia em referenciais diferentes, principalmente se eles são inconscientes e se a própria consciência da população sofre dos mesmos preconceitos e pressupostos que o resto do mundo. Como considerar a sabedoria de “Bernardos pantaneiros” sem preconceitos? Sem demagogias e sem as tentativas de parecer “moderninho” ou politicamente correto? Como possibilitar uma escuta afinada para o que tão sabiamente eles sussurram? Como valorizar uma maneira de saber, se nem se tem muita consciência de sua existência? Parte do objetivo deste trabalho é possibilitar a valorização dessa cultura.

O aprofundamento e ampliação da consciência produz os efeitos que os primitivos chamam de “mana”. O mana é uma influencia involuntária sobre o inconsciente de outros, uma espécie de prestígio inconsciente, e seu efeito dura enquanto não for perturbado pela intenção consciente. (JUNG, 1957/2019g, par. 583)

O esforço de autoconhecimento tem também perspectivas de êxito, pois existe um fator que, embora completamente desconsiderado, satisfaz nossas expectativas. É o *espírito inconsciente da época*. Este compensa a atitude da consciência e, ao mesmo tempo, antecipa de modo intuitivo, as modificações futuras. (JUNG, 1957/2019g, par. 584)

A busca, já clássica, do pantaneiro por uma vida melhor para os seus filhos, acaba por privar os jovens do modo de saber antigo tão pouco valorizado no mundo atual. Nada mais pertinente e digno atualmente do que ir em busca de estudo, informação, qualificação, ciência. Mas quais as consequências para o Pantanal da modernização do pensamento, da unilateralidade da razão?

8.4 O homem solitário

Muitas das imagens encontradas parecem enfatizar o quanto se está sozinho quando no Pantanal. As distâncias enormes entre os pequenos polos populacionais. Com uma área de cerca de 357 milhões de quilômetros quadrados e apenas 841 quilômetros quadrados (0,23%) de áreas urbanizadas¹⁰, o estado de Mato Grosso do Sul tem uma densidade demográfica, ou seja, número de habitantes por quilômetro quadrado, de 7,72. É a nona menor entre os 26 estados e o Distrito Federal, e está em patamar próximo de países como a Bolívia e a Rússia¹¹. Esses dados são consonantes com um tipo de vivência e de solidão que parecem particular da região

O homem pantaneiro é, muitas vezes, representado como uma figura solitária, imersa na natureza. Imagens desse tipo são inúmeras, como a que aparece na obra de Peninha Mourão, como é conhecida a artista Marlene Mourão (Figura 29).

¹⁰ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama>. Acesso em 28 jun. 2023.

¹¹ Fonte: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2023/06/28/censo-do-ibge-aponta-que-populacao-de-ms-cresceu-1256percent-entre-2010-e-2022-e-chegou-a-2740-milhoes.ghml>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Figura 29 – Peninha Mourão – Sem título



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GYp4Kv0FqUA>

Se, como já foi visto, essa solidão propicia algo de bom, como o contato íntimo e profundo com a natureza, traz também vivências de sofrimento com as quais os pantaneiros têm que lidar. No poema *A Doença*, Manoel de Barros descreve essa solidão pantaneira e fundante:

[...] padeço de lonjuras.
 Desde criança minha mãe portava essa doença.
 Ela que me transmitiu.
 Depois meu pai foi trabalhar num lugar que dava essa doença nas
 pessoas.
 Era um lugar sem nome nem vizinhos.
 Diziam que ali era **a unha do dedão do pé do fim do mundo**.
 A gente crescia sem ter outra casa ao lado. [...]
 O resto era só distância.
 A distância seria uma coisa vazia que a gente portava no olho
 E que meu pai chamava exílio.
 (BARROS, 2021a, p. 51, ênfase nossa)

O exílio, autoimposto pela necessidade, na “unha do dedão do pé do fim do mundo”, deixa suas marcas. Ainda que muito amor pela terra natal apareça nas obras aqui trazidas, também compõe o cenário algo da história inicial, dos migrantes que ali chegaram, vindos do fracasso, para encarar uma realidade na qual a solidão era mais um dentre tantos desafios. A vivência da solidão, nesse caso, também parece estar associada à sensação de falta de alternativa: estar ali era a opção que havia restado. No texto “Abandono”, Barros, fala desses sentimentos:

[...] Depois descobri naquele lugar a palavra abandono. A palavra funcionava dentro e fora das pessoas. Eu não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar [...] Todos os seres daquele lugar me pareciam perdidos na terra, bem esquecidos como um lápis numa península. Mas Nhá Velina Cuê me falou: este abandono me protege. Acho que esse paradoxo reforça mais a poesia do que a verdade. (BARROS, 2018, p. 45)

Naquele momento, não era possível avaliar o valor do que se estava vivendo, protegidos pelo isolamento. Somente depois de passado algum tempo surge a nostalgia dos tempos vividos. Essa apreciação vem de uma forma intuitiva, não muito clara, *a posteriori*. O sofrimento que caracteriza a experiência é, todavia, percebido com clareza. O sentimento de abandono parece remeter, ainda, à sensação de menos valia, de ser objeto de desprezo.

Desprezo era um lugarejo. Acho que lugar desprezado é mais triste do que abandonado [...] Quando a gente morava no Desprezo ele já era desprezado [...] Me lembro que os moradores do Desprezo, incluindo os oito guris, todos queriam ser aves ou coisas ou novas pessoa [...] Uma senhora de nome Ana Belona queria ser árvore para ter gorjeios. Ela falou que não queria mais moer solidão. [...] Não sei por que aquele homem com olhar sujo de dor queria permanecer no Desprezo. (BARROS, 2018, p. 41)

A solidão imposta pela realidade forjou uma maneira de estar no mundo para o pantaneiro, e o bom humor e a criatividade desempenham um papel importante para amenizar a dor. No poema “O menino que ganhou um rio”, temos:

Minha mãe me deu um rio.
Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear.
Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido.
Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura ou bolachinha para me dar.
Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio. [...]
Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate... (BARROS, 2018, p. 60)

Manoel ainda nos conta sobre crescer na solidão imposta e o impacto assim causado em sua personalidade, no texto “Manoel por Manoel”:

[...] Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. [...]
De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. [...]
Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela... (BARROS, 2015, p. 15)

Há, ainda, outro aspecto importante na solidão pantaneira. Pelo tamanho reduzido das comunidades e pelo fato de as mulheres serem minoria, a solidão, algumas vezes, associa-se à saudade de um amor. No texto “Cabeludinho”, encontramos a solidão do vaqueiro:

[...] por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve/ que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro. (BARROS, 2018, p. 24)

Segundo os dados disponíveis, a população rural de Mato Grosso do Sul em 2020 era de cerca de 254,5 mil habitantes. Destes, 118,5 mil, menos da metade, correspondiam à população feminina¹². Sendo minoria, a mulher pantaneira tem algo de platônico e idealizado quando surge no discurso masculino. Nas canções pantaneiras, aparece como algo raro e valioso. Há uma idealização dessa mulher: ela é o caminho para a felicidade, e, na sua ausência, sente-se “uma dor apaixonada”, que nos conta de um certo tom específico da solidão vivida.

Na música *Peão de Boiadeiro* de Almir Sater e Sérgio Reis, há uma busca pela paz do encontro amoroso.

Sou um peão de boiadeiro
Procurando paz (...)
Vou seguindo nesse mundo
Nesta solidão
Eu no meu cavalo, estrada de chão
Vou pensando nela, triste ilusão

Quero ser o seu amigo
Ser o seu abrigo
Tudo que lhe falta
Ser o seu peão

¹² Fonte: <https://www.gov.br/previdencia/pt-br/assuntos/previdencia-social/arquivos/onlinter-aeps-2021-secao-xvi-demografia/capitulo-48-estatisticas-populacionais/48-2-populacao-residente-por-situacao-do-domicilio-e-sexo-segundo-as-grandes-regioes-e-unidades-da-federacao-2016-2018>

Sou peão de boiadeiro
 Amando demais
 (PEÃO DE BOIADEIRO, 1990)

A música *Coração Pantaneiro* de Nino, interpretada por Sérgio Reis, traduz a dualidade amor e dor pela ausência. A amada, representada aqui também como natureza (garça), já bateu asas e partiu. Seguem alguns trechos para ilustrar:

Meu coração pantaneiro
 Que o amor já fez morada
 Dor de peão boiadeiro
 Que procura sua amada

Uma garça majestosa
 Flor campeira de mulher
 Bate as asas tão distante
 (CORAÇÃO PANTANEIRO, 1990)

Com a diferença numérica existente entre homens e mulheres, para os homens ter uma mulher é algo desejado e valorizado como rara possibilidade de encontro amoroso e sexual.

Tu és talvez o mau de uma crença
 Que a mente pensa, porém não diz
 Se eu pudesse te dar meu nome
 Seria um homem muito feliz
 (CORAÇÃO PANTANEIRO, 1990)

Em duas das músicas selecionadas, a garça é a representante dessa mulher desejada, projetada na natureza, na ave graciosa e elegante. Em *A Garça Pantaneira* de Milionário e José Rico, canta-se a tristeza de estar sozinho depois de ter um grande amor. E como essa tristeza tinge a própria natureza. O pantaneiro passa a viver à espera de um novo encontro.

A Garça Branca Matogrossense
 Levanta o voo do Pantanal
 Não sei se foi pro estado de Minas
 Se foi pro estadão de Goiás

Só sei que aqui fiquei sozinho
 Com muita vontade de ir atrás(...)

As águas claras do rio Bonito
 Ficaram escuras para mim
 Depois que meu amor foi embora

O meu cantar ficou triste assim

Quem teve um grande amor nesta vida
Lembranças guarda no coração
Se este alguém regressar um dia
Darei meu amor, minha paixão
(A GARÇA PANTANEIRA, 2008)

A solidão pantaneira também parece estar associada à capacidade que os pantaneiros têm de serem acolhedores e hospitaleiros. Há uma eterna carência pelo contato com outros. Talvez, hoje, essa carência seja um pouco menor pela presença da internet em todas as fazendas, mas, até pouco tempo atrás, a possibilidade de conversar, de saber notícias da cidade, por exemplo, podia depender de um visitante.

Em *Trem de Lata* de Almir Sater e Renato Teixeira, a natureza é acolhedora (“braços que vão te abraçar”), mas as grandes distâncias e o escasso povoamento da região (“há tanto pra plantar por aqui”) impõem uma solidão que, quando quebrada (chegada de visitantes, por exemplo), causa uma alegria acolhedora. No pantanal, acolhe-se e se é acolhido, é-se colo e se tem colo, mas, basicamente, vive-se em grande parte do tempo na solidão dos horizontes sem fim:

De repente lá bem longe
Aparece outro lugar
Novos campos e horizontes
Tão ali pra eu passar
(TREM DE LATA, 1986)

Solidão e hospitalidade são como duas faces da mesma moeda. A solidão pantaneira não transforma o seu habitante em um solitário avesso a intrusos, a quem se deve temer. É de conhecimento geral na região que os visitantes serão sempre bem recebidos. Em *A Saudade é uma estrada longa*, de Almir Sater e Paulo Simões, aparece a inteireza da saudade, que não pode ser resumida a algo bom ou ruim. Ignorar uma das partes (“quando se arma apenas de esperança”) não é possível. Dessa forma, a esperança é mentirosa, é “bala de festim”, pois se está deixando de fora seu oposto.

A saudade é uma estrada longa
Nem é boa e nem é ruim
Vou seguindo sempre adiante
Nunca volto, eu sou mesmo assim

A saudade é uma estrada longa
 Que hoje passa dentro de mim
 Me armei só de esperanças
 Mas usei balas de festim
 (A SAUDADE É UMA ESTRADA LONGA, 1994)

Também vemos a alegria do encontro em outra música de Almir Sater: *Comitiva Esperança*. Nela, cantam-se as estradas boiadeiras e os rios como palco da festança dos encontros, que só acabam quando a natureza e seus ciclos decide encerrar uma temporada, quando as águas chegam trazendo a cheia e mudando a vida de todos no próximo período. A natureza é guia. Ela orienta e impõe seus tempos e fluxos.

A nossa estrada é boiadeira
 Não interessa onde vai dar (...)
 Onde a comitiva Esperança chega já começa a festança
 Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiguás
 Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai

Ê, tempo bom que tava por lá
 Nem vontade de regressar
 Só vortemo, eu vô confessar
 É que as águas chegaram em janeiro
 Descolamos um barco ligeiro
 Fomos pra Corumbá
 (COMITIVA ESPERANÇA, 1991)

A saudade do amor experimentado e interrompido também encontramos na música *Chalana*, de Mario Zan e Arlindo Pinto, interpretada por Almir Sater. Chalana é uma embarcação típica da região¹³. Aqui, ela vai navegando o Rio Paraguai, a espinha dorsal da região, levando embora a mulher amada. A natureza aparece como o cenário onde se desenrola a ação, mas é quase o próprio personagem. A imagem que fica é a da chalana sumindo na curva do rio, deixando o observador na dor da solidão.

Lá vai uma chalana
 Bem longe se vai
 Navegando no remanso
 Do rio Paraguai

¹³ “Chalana é uma espécie de grande embarcação com fundo plano. Ao contrário das gaiolas, que não têm divisões internas, as chalanas têm cabinas para os passageiros. É o principal meio de transporte nas regiões mais remotas do Pantanal, por ser uma embarcação de grande porte. Usada também para a navegação nos rios pantaneiros entre Brasil e Bolívia, principalmente no rio Paraguai”. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Chalana&oldid=66044557>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Oh, Chalana, sem querer
 Tu aumentas minha dor
 Nessas águas tão serenas
 Vai levando meu amor

E assim ela se foi
 E nem de mim se despediu
 Oh Chalana, vai sumindo
 Lá na curva do rio
 (CHALANA, 1990)

8.5 As águas

Como foi exposto anteriormente, o pantaneiro é forjado na interação entre os opostos: cheia e seca – água em excesso ou em falta, e, sob o símbolo da água, tenta-se capturar como isso impacta sua formação.

Na tensão entre opostos em que o pantaneiro vai sendo forjado, ele é obrigado a buscar algo que integre essa oposição. Para o pantaneiro, não existem, isoladamente, a cheia ou a seca, a água ou o fogo. São elementos que se relacionam em um ciclo, além do controle da vontade humana e, portanto, merecedor de respeito. Ainda que esse ciclo traga dores, incluindo a dor da própria morte, ele também traz alegrias, a felicidade característica da vida. A morte é parte da vida e faz-se necessária para semear a vida futura. O pantaneiro sabe que tudo morre, e sabe também que nem por isso a vida vale menos, ao contrário.

Campos (2007), ao analisar a Terra da Figueira-Mãe, na obra literária de Dicke, vê o Pantanal como o centro do labirinto, o lugar de repouso dinâmico de forças polarizadoras. Afinal, todo centro concentra e é o lugar de condensação e de coexistência de forças opostas, o lugar da mais concentrada das energias.

O ciclo das águas no Pantanal tem um dinamismo próprio, um movimento pouco claro. Em *Carreta Pantaneira*, Manoel de Barros explica:

As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem [...]
 [...] teoria do Pantanal estático. Falava que no Pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não movimento.
 (BARROS, 2021b, p.31)

Se o ciclo das águas pantaneiro dita fases muito diferentes, que exigem soluções muito diversas, ainda assim é como se, em cada célula de tempo desse ciclo, estivesse o DNA completo. Não há uma natureza que se apresente a cada momento de um jeito, passando uma rasteira no pantaneiro. Cada momento está sempre inserido no contexto de um ciclo. No poema “Agroval”, Barros descreve a vivência de uma arraia durante a seca. A arraia possibilita que, embaixo dela, surja um minúsculo Pantanal, que ressurgirá com as chuvas. Como a molécula de DNA que, em todas as células do corpo, carrega a informação do todo, mesmo que se manifeste como parte:

[...] Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela, [...] faz chão úbere por baixo [...] Ali vai passar o período da seca.
 [...] Faz-se por debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia. [...]
 [...] o equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos [...] As teias ainda sem aranha. Os olhos ainda sem luz. [...] Penso no embrião dos atos. [...]
 E ao cabo de três meses de trocas e infusões – a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. [...] É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza. (BARROS, 2021b, p.26)

Outro poema que nos pode ajudar a entender esse dinamismo da presença concomitante dos opostos é “Vespral de Chuva”, em que Barros nos conta da espera pela chuva que está próxima. A seca e a chuva funcionam como os polos opostos, e na estática do não movimento, percebe-se a energia que surge pela existência deles.

Nem folha se move de árvore. Nenhum vento. Nessa hora até anta quer sombrear. [...]
 Faz muito calor durante o dia. [...] De noite ninguém consegue parar. Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. [...] Suor escorre no rosto.
 Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. [...]
 Por dentro da alma das árvores, orelha-de-pau está se preparando para nascer. Todo vivente se assanha. Até o inseto de estrume está se virando. [...] O homem foi reparar se as janelas estão fechadas. [...] Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres. O homem nos seus refolhos pressente o desabrochar.
 Caem os primeiros pingos. Perfume de terra molhada invade a fazenda. O jardim está pensando... Em florescer. (BARROS, 2021b, p.27)

E esse mundo presente como informação no DNA do tempo ressurgir sempre. É cíclico e, por isso, não tem limites, não começa e não acaba. Em “Mundo renovado”, texto de Manoel de Barros, temos:

No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites. Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! [...] O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas.[...] Incrível a alegria do capim. [...] Alegria é de manhã ter chovido de noite! [...] Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram...(BARROS, 2021b, p.29)

Em *Ciranda Pantaneira*, de Alzira Espíndola, o eu lírico assim se expressa:

Eu não faço verso à toa
Sou molhado pela cheia
Sou queimado pelo sol
(CIRANDA PANTANEIRA, 2016)

A água é a representante deste dinamismo pantaneiro. Ora pela sua falta, ora pela sua abundância, marca o ritmo da dinâmica. E Manoel de Barros, em “Águas”, afirma que os homens, no Pantanal, são como a extensão dessas águas, uma vez que muito devem a elas:

Desde o começo dos tempos águas e chão se amam. Eles se entram amorosamente E se fecundam. [...] Penso com humildade que fui convidado para o banquete destas águas. Porque sou de bugre. Porque sou de brejo. [...] Acho que as águas iniciam as árvores e os peixes E acho que as águas iniciam os homens. Nos iniciam. E nos alimentam e nos dessedentam. Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as plantas, de todas as pedras. Louvo as natências do homem do Pantanal. Todos somos devedores destas águas. Somos todos começos de brejos e de rãs. [...] Penso que os homens deste lugar são a continuação destas águas. (BARROS, 2015, p.144)

Bachelard (2018) assim conceitua a água, explorando suas características simbólicas:

Água - elemento mais feminino e mais uniforme que o fogo, elemento mais constante que simboliza as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificantes. [...] A água é um tipo de destino [...] essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. (2018, p. 6)

A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. [...] o sofrimento da água é infinito. (BACHELARD, 2018, p. 7)

O Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant aponta três temas dominantes sob o símbolo da água: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência:

As águas, massa indiferenciada, representando a **infinidade dos possíveis**, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento, mas também todas as ameaças de reabsorção. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. 15, nossa ênfase)

A água, oposta ao fogo, é **yin**. Corresponde ao norte, ao frio, ao solstício do inverno, aos rins à cor negra, ao trigramma k'an, que é o abissal. Mas, de outro modo, a água está ligada ao raio, que é fogo. [...] A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. 16)

A água, no contexto pantaneiro, sempre carrega essa dualidade que exige uma integração dos opostos. Podemos vê-la também nos outros símbolos, como no pantaneiro que se sente parte e todo, e sofre da solidão de ser parte e da alegria de ser todo, na comunhão com a figueira-mãe, assim como boiadeiro e bugre fazem sua dança e integram-se em um submeter e ser submetido à natureza.

O pantaneiro, além de conhecer profundamente a natureza que o abriga, espelha em seu interior a dinâmica do ambiente que o cerca. Sentir-se parte da natureza facilitaria aceitar sua própria natureza? *Tocando em frente*, de Almir Sater e Renato Teixeira, talvez aponte nessa direção. Encontramos, logo na primeira estrofe, a alegria e a tristeza de ser pantaneiro: “E levo esse sorriso, porque já chorei demais”. O Pantanal é bom, mas é difícil. O Pantanal é difícil, mas é bom. São frases conhecidas dos pantaneiros. E é da resiliência bem-humorada desse homem que surge uma possibilidade de sabedoria:

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco eu sei
Eu nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs
 O sabor das massas e das maçãs
 É preciso amor pra poder pulsar
 É preciso paz pra poder sorrir
 É preciso a chuva para florir
 (TOCANDO EM FRENTE, 1990)

O pantaneiro conhece as manhas do saber viver, assim como conhece a natureza em si, seus pulsos, seus ciclos, e pode experimentar o que vê fora também dentro, no que o faz pulsar, sorrir, florir. E o velho boiadeiro é imagem simbólica de quem sabe cumprir a vida: não apenas estar na estrada, mas ser a própria estrada.

Penso que cumprir a vida
 Seja simplesmente
 Compreender a marcha
 E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
 Levando a boiada
 Eu vou tocando os dias
 Pela longa estrada, eu vou
 Estrada eu sou
 (TOCANDO EM FRENTE, 1990)

Quando se pega uma estrada pantaneira, não se tem hora para chegar. Pode-se, quando muito, estabelecer uma tentativa de previsão, sem a perspectiva de acertar, pois nunca se sabe em que estado estará a estrada, se choveu demais, ou de menos, que águas precisarão ser atravessadas, onde estarão os atoleiros. Cada deslocamento pelo Pantanal tem jeito de aventura, porque é vida, com todos os imprevistos que ela carrega. E o pantaneiro parece ter uma disposição alegre para a aventura da vida. Compreender a marcha é estar no momento presente. Entende-se qual velocidade cabe naquela situação, e sabe-se que não adianta querer que fosse outra, que não adianta ter pressa. São as águas que determinam as estradas, que impõem a velocidade, mesmo aos carros que transitam pela região. Se as águas não são respeitadas, o carro atola, perde-se mais tempo. Quando se aperta o passo do gado, acontece o estouro da boiada, e, para reunir novamente os animais, gasta-se o tempo que se queria economizar.

E se a vida tem algo de cíclico e incontrolável, possibilita ainda assim que cada um componha sua história. O pantaneiro não é um resignado, vítima de um meio que o subjuga. Das dificuldades que enfrenta, o que aprende de mais importante é a

capacidade de ser feliz, que não depende unicamente das condições que o rodeiam, mas sim dele próprio.

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz
(TOCANDO EM FRENTE, 1990)

Talvez certa clareza quanto à própria morte também facilite ao pantaneiro entender seu tamanho e a importância relativa de tudo. A morte faz parte da vida: “Um dia a gente chega, e no outro vai embora” (TOCANDO EM FRENTE, 1990). A clareza sobre os ciclos vida e morte, cheias e secas. Em qualquer fazenda que se visite, encontram-se animais guaxos. São filhotes que, por algum motivo, ficaram órfãos e são recolhidos nas sedes da fazenda e criados na mamadeira. Ao atingirem a maturidade sexual, costumam sumir da sede e voltar para a natureza, à procura de parceiros, não se deixam transformar em animais de estimação. Partem, liberando espaço para o cuidado com futuros guaxos. A partida deles é alegre e triste, mas não se cogita impedi-los, prendendo os animais. Na conexão para materná-los, já está inclusa, *a priori*, a separação.

No caso de bezerros guaxos, quando podem ser desmamados, voltam para o rebanho e seguem o mesmo caminho que teriam caso não tivessem ficado órfãos. Na hora adequada, serão vendidos e abatidos como os outros. Para o pantaneiro não existe o dilema: ou cuidar ou matar, ou viver ou morrer. A vida de um peão boiadeiro é na lida com o boi, no cuidado com ele, no respeito à sua força, o que faz com que o próprio trabalho do peão seja valorizado. E a principal fonte de alimento é a carne bovina. Arrisco dizer que não existe pantaneiro vegetariano. As três principais refeições do dia são à base de carne. E come-se o boi inteiro, todas suas partes, usa-se seu couro, tudo. E, dessa maneira, honra-se aquela morte e aquela vida.

9 CONCLUSÕES

Em *A prática da psicoterapia*, Jung lembra a importância de se prevenir um dos mais graves males psíquicos: a perda das raízes.

A dissolução de uma tradição, por mais necessária que seja em certas épocas, sempre é uma perda e um perigo; um perigo para a alma, porque a vida instintiva – como o que há de mais conservador no homem – se exprime justamente através dos hábitos tradicionais. As convicções e os costumes transmitidos pela tradição estão profundamente arraigados nos instintos: em consequência, a consciência perde suas raízes, e o instinto, agora sem expressão, retumba no inconsciente, cuja energia se reforça [...] Essa secreta *vis a tergo* (força de retaguarda) provoca um hibridismo na consciência, que se manifesta por uma supervalorização de si mesmo, ou por um complexo de inferioridade. (JUNG, 1941/2013, par. 216)

Este trabalho foca a dimensão cultural da identidade pantaneira, acreditando que nos voltarmos para nossas raízes possa ter um efeito benéfico sobre nossas possibilidades no tempo presente. Como pontuado por Wahba, a manifestação artística de um povo pode se prestar a essa investigação: “A obra de arte adentra-se, em maior ou menor grau, no complexo cultural e frequentemente aporta a compensação curadora ou restauradora” (WAHBA, 2008, p. 77).

Importante ressaltar que os símbolos aqui expostos não se apresentam isolados. Em alguns casos, é até difícil escolher se uma imagem diz mais sobre um sentido ou outro. Como os símbolos estão de certa forma ligados aos arquétipos, isso não surpreende. Como disse Jung:

Delimitações agudas e formulações estritas de conceitos são praticamente impossíveis neste campo, pois a interpenetração recíproca e fluída pertence à natureza dos arquétipos. [...] É praticamente impossível arrancar um arquétipo isolado do tecido vivo da alma e seu sentido, mas apesar de seu entrelaçamento, os arquétipos constituem unidades que podem ser apreendidas intuitivamente. (JUNG, 1940/2019f, par. 301-302)

Os cinco símbolos analisados permitiram um vislumbre do imaginário pantaneiro e de sua repercussão na vida dos que habitam o Pantanal.

Com o símbolo da figueira-mãe, o tipo de relação com a natureza fica evidenciado, ajudando na compreensão de várias atitudes que acabaram por favorecer a preservação do meio ambiente. A terra mãe cuida e é cuidada, ampara e

é amparada. Esse amparo, diversas vezes, é o único com que o pantaneiro pode contar. Pela baixíssima densidade demográfica e pelas dificuldades naturais da região, as políticas públicas são muito escassas, para não dizer inexistentes. Não há escolas, hospitais, estradas, energia elétrica, telefonia. Não é uma terra em que “em se plantando tudo dá”. Ainda assim, o Pantanal não é percebido apenas como uma região madrastra, árida, desolada, pobre, abandonada, desfavorecida. Mesmo diante de toda a dificuldade que se reconhece existir, o que foi observado sob o símbolo da figueira-mãe é a percepção de uma terra acolhedora, frutífera e bondosa.

É importante lembrar que existem diferentes habitantes no Pantanal. Como ficou evidenciado na pesquisa de Leite (2005), há os que se identificam e se orgulham de uma cultura pantaneira e há aqueles que, além de não se identificarem, sentem vergonha do que percebem como atraso. Talvez, para esse segundo grupo, a natureza seja percebida como mais madrastra, ao passo que, para os outros, o símbolo dessa Grande Mãe apareça mais com suas características positivas. E o que influenciaria as pessoas a se identificarem ou não com a cultura local? Talvez a chegada da internet e a exposição a outros tipos de realidades interfiram na valorização ou não valorização da própria cultura?

Na solidão em que vive, que beira o desamparo, o pantaneiro aprende e ensina o amparo da natureza e da comunidade. Da solidão tão própria desse lugar, deseja-se fugir, mas não sem sentir uma nostalgia da própria solidão. O Pantanal é bonito e triste. Como bem explicou um motorista experiente da região: “De repente, no cenário mais bonito possível, você atola. E não vai ter ajuda. Vai ter que andar horas, quilômetros, às vezes dentro de água, até achar a sede da fazenda mais próxima. Triste”. Ele descreveu uma situação de desamparo total. Todavia, quando conseguir chegar à fazenda mais próxima, viverá o outro polo: o amparo. Tudo o que puder ser feito para ajudar, será feito. Vindo de um estado de total solidão, experimentará o conforto de ser bem recebido.

Na cultura pantaneira, há uma comunhão com a natureza que se manifesta como um saber intuitivo em que cada um se percebe conectado com o todo. Uma figura que pode ser considerada como arquetípica desse pantaneiro, na mais perfeita conexão com a natureza, é o bugre. Na região pantaneira existiam vários representantes desse homem, como Bernardo (personagem/funcionário de Manoel de Barros), mas, hoje, esse modo específico de ser está praticamente em extinção. O principal motivo para isso talvez seja a frase mais encontrada quando se vai estudar

o pantaneiro, desde os primeiros tempos até hoje, aqui representada nas palavras de Isabel de Arruda Viégas:

Nossa principal aspiração era propiciar aos nossos filhos instrução e meios para que não tivessem que passar pelas dificuldades que enfrentávamos. (VIÉGAS, 2022, p. 120)

A busca por escolaridade como forma de escapar das dificuldades do Pantanal mantém-se atual. Nas entrevistas com pantaneiros, encontradas em pesquisas mais recentes, por mais que o Pantanal seja descrito de forma geral como bom, a parte difícil sempre aparece, e há uma tentativa de poupar os filhos das agruras da vida pantaneira. A solução parece ser sempre a mesma: manda-se o filho para a cidade, para estudar e encontrar outro trabalho, longe das fazendas. A ideia de que o “canudo” abre as portas de uma vida mais confortável é uma realidade do Pantanal.

Não são poucas as dificuldades que se enfrenta no Pantanal. Entre todas elas, aparentemente a mais difícil é lidar com a solidão imposta. O isolamento em que vivem os pantaneiros, sem transporte e, até bem pouco tempo atrás, sem maneiras de comunicação, tende a promover a sensação de abandono, de desamparo. Parece que se deseja fugir disso mais do que das outras dificuldades encontradas.

No enfrentamento do clima, do trabalho pesado, dos mosquitos, das distâncias enormes e de tantos outros problemas, haveria a percepção da própria potência, o que possibilita ao pantaneiro encarar as dificuldades com bom humor. Se, na vivência da solidão pantaneira, encontramos uma certa melancolia, paradoxalmente, parece ser por meio dela que o pantaneiro se conecta com a natureza. No silêncio, no vazio das grandes distâncias, onde nada há, ali o pantaneiro percebe algo que o diferencia do homem urbano.

Se a frase “é difícil, mas é bom”, ou “é bom, mas é difícil”, caracteriza a relação com o Pantanal, poderíamos pensar o peão boiadeiro como representante de uma faceta que percebe o próprio valor vencendo o lado difícil da vida pantaneira, e o bugre como aquela que, na conexão com a natureza que nasce da solidão, valoriza o presente que é viver no Pantanal. Na imagem do bugre, temos a nostalgia de um modo de viver que vai ficando para trás. Com o peão boiadeiro, observamos a potência que se revela por meio do enfrentamento das dificuldades.

No entanto, qualquer que seja o caminho, o do boiadeiro ou o do bugre, a relação com a Natureza é um elemento essencial. Na superação ou na união, ela se faz presente. Há, mais do que um saber, uma maneira de saber que reúne percepção, sentimento, intuição e pensamento. Manoel de Barros pode nos ajudar a entender que maneira é essa. Assim, temos o poema “Menino do Mato”:

Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se juntavam uma na outra por amor
e não por sintaxe.[...]
A gente não gostava de explicar as imagens porque
explicar afasta as falas da imaginação.
(BARROS, 2015, p. 142)

Ou a estrofe XV de “Sabiá com trevas”:

[...]Para entender nós temos dois caminhos: o da
sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da
inteligência que é o entendimento do espírito.
Eu escrevo com o corpo
Poesia não é para compreender mas para incorporar
Entender é parede: procure ser árvore.
(BARROS, 2016b, p. 43)

Ou, ainda, a estrofe 9 de “Desejar ser”:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
Mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
Existem nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.
(BARROS, 2016a, p. 41)

O símbolo das águas é o que melhor representa o respeito para com a natureza sobre a qual não se tem controle. O imprevisível previsível. O previsível imprevisível. O ciclo das águas, sobre o qual se tem certo conhecimento, é, ainda assim, sempre soberano. Ao permanecer no Pantanal, o pantaneiro conhece sua potência, mas não

corre o risco de cair em fantasias prepotentes. Antes de uma possível inflação de Ego, a natureza, com seus ciclos, passa-lhe uma rasteira e o restitui ao lugar que lhe cabe.

No pensamento moderno, segundo Jung, há uma unilateralidade da razão. Em *Presente e Futuro* ele diz:

A separação de sua natureza instintiva leva o homem civilizado ao conflito inevitável entre consciência e inconsciente, entre espírito e natureza, fé e saber, ou seja, à cisão de sua própria natureza que num dado momento, torna-se patológica, uma vez que a consciência não é mais capaz de negligenciar ou reprimir a natureza instintiva. (JUNG, 1957/2019g, par. 558)

O homem ocidental corre o perigo de perder por completo as suas sombras e se identificar totalmente com sua personalidade fictícia e o mundo com a imagem abstrata do racionalismo científico. Assim lhe é tirado o chão debaixo dos pés. [...] algo bem mais ameaçador, a saber, a cisão entre o homem consciente e o inconsciente. O pensar e o sentir perdem sua polaridade interna. (JUNG, 1957/2019g, par. 559)

Quanto mais o homem conseguiu dominar a natureza, mais lhe subiu à cabeça o orgulho de seu saber e poder, e mais profundo o seu desprezo por tudo que é apenas natural e casual, isto é, pelos dados irracionais, inclusive a própria psique objetiva que não é a consciência. (JUNG, 1957/2019g, par. 562)

No Pantanal, essa unilateralidade tradicionalmente é menor. Ainda que o pantaneiro esteja buscando objetivos semelhantes aos de muitos brasileiros e, assim, correndo o risco de uma unilateralidade da razão, percebemos, por meio do símbolo representado pelo bugre, de um lado uma percepção de valor, talvez inconsciente para a grande maioria, de que algo na maneira de ser “antiga” deve ser preservada e, de outro, uma humildade diante da natureza que, sabe-se, nunca será domada.

Entender e honrar as próprias raízes é poder pegar o bastão que nos foi passado, com todos os conflitos que lhe são subjacentes, e tomar as melhores decisões possíveis hoje, em posse das ferramentas atuais, e sobre as quais a única certeza é a de que serão um dia superadas.

O pantaneiro ama sua terra e precisa que ela seja economicamente viável. O desenvolvimento sustentável é necessário para que a proteção ecológica caminhe simultaneamente com as transformações culturais e com os anseios econômicos dos habitantes do Pantanal, que são tão legítimos quanto os anseios de todos os habitantes do país.

Não é porque o pantaneiro soube lidar com as dificuldades diante das quais precisou se desenvolver que deva ser condenado a manter-se nas mesmas condições para sempre, o que já se mostra inviável em razão da luta para mandar os filhos para a cidade para receber uma educação urbana. A dúvida que resta é a de como melhorar a vida daqueles que vivem no Pantanal, respeitando e preservando sua cultura e seus saberes. Espero com este trabalho ajudar a entender que valores queremos preservar, em que forma de conhecimento vamos nos apoiar e as diferenças que existem em relação a outras culturas que dificultam nos fazer ser ouvidos e considerados.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma pesquisadora de certa forma identificada com objeto da investigação, sempre me cabe o questionamento sobre minha própria subjetividade. Em *Civilização em transição*, Jung faz a seguinte reflexão:

Quando se ouve alguém falar de um problema cultural ou de um problema humano, nunca se deve esquecer de perguntar quem está falando. Pois, quanto mais geral o problema, tanto mais “introduzirá secretamente” sua psicologia pessoal na descrição. Isto poderá levar a distorções imperdoáveis e a falsas conclusões, com sérias consequências. Mas, por outro lado, o próprio fato de um problema geral envolver e assumir a personalidade inteira é garantia de que quem fala dele também o tenha vivenciado ou experimentado pessoalmente. Na segunda hipótese, ele nos apresenta o problema sob um ponto de vista pessoal, mostrando-nos, portanto, uma verdade, ao passo que o primeiro manipula o problema com tendências pessoais e o deforma, sob o pretexto de lhe dar uma forma objetiva. (JUNG, 1928/2018b, par. 157)

Acredito que minha subjetividade provavelmente, a um só tempo, enriqueceu e limitou este trabalho. Os símbolos encontrados de certa forma também são aqueles que têm impacto sobre mim. Talvez outros pudessem ser percebidos ou seriam notados como mais relevantes por outras subjetividades.

O objetivo principal deste trabalho foi o de investigar os símbolos emergentes na produção artística do povo pantaneiro para uma compreensão do efeito desses símbolos na cultura. Os cinco símbolos encontrados foram: a figueira-mãe, o peão boiadeiro, o bugre, o homem solitário e as águas. O papel da natureza como mãe, que cuida e é cuidada, a intuição como forma de se conectar à natureza, um espírito esportivo para enfrentar as dificuldades, a solidão da vida imersa em espaços infinitos, a noção de totalidade a partir dos ciclos de vida e morte. A análise desses símbolos em sua relação com o pantaneiro possibilitou um vislumbre de particularidades de sua psique que são diferentes do pensamento ocidental geral.

Limitada pela distância que impossibilitava uma investigação de campo, esta pesquisa identificou os símbolos apresentados. Fica o questionamento do que uma pesquisa de campo, com sujeitos locais plurais, identificaria. Seria, ainda, interessante a investigação de como a população local se relaciona com os símbolos aqui reunidos e quais impressões eles suscitam.

Além disso, uma investigação do impacto da chegada da internet na maioria absoluta das fazendas traria luz para possíveis mudanças que possam estar em desenvolvimento. A partir da análise das produções artísticas examinadas, o impacto da solidão na vida pantaneira parece ser gigante. Não apenas pelo isolamento físico, mas por propiciar, de certa forma, a preservação da cultura local, que não precisava enfrentar novos saberes e valores que hoje chegam via internet.

Atualmente, há a possibilidade de conversar diariamente com familiares que vivem nas cidades, participar de grupos de aplicativos de mensageria, ser parte de uma cultura global. Em toda fazenda, pode-se observar, nos pontos em que o wi-fi funciona melhor, a mesma cena que vemos na cidade: cada um em seu próprio celular. Em que medida isso muda a vivência da solidão e isolamento, ou mesmo a conexão com a natureza que, segundo nossa análise, parece acontecer via corpo e função sensação? Com o foco na tela, muda a percepção da natureza? Passa o Google a amparar (como um “pai” com informações mais precisas e claras) em lugar da figueira-mãe? Coexistem no pantaneiro a atenção ampliada e a focada?

Nos trabalhos sobre o pantanal, foram encontradas muitas referências a um tempo passado. Para o entendimento do que é a realidade pantaneira hoje em dia, mais pesquisas de campo são necessárias, mesmo porque, com o desenvolvimento do turismo na região, a homogeneidade das fazendas já não é a mesma. Uma nova atividade econômica importante está em desenvolvimento, e ela traz a figura do turista, um ator importante para a cultura local, já que serve de novo parâmetro entre a cultura pantaneira e a cultura das cidades grandes.

Na pesquisa de Leite (2010, p. 157) sobre as comitivas pantaneiras, a autora nota a diferença entre peões boiadeiros mais jovens e mais velhos. Os mais jovens teriam a mentalidade voltada para o futuro, ao passo que os mais velhos estariam mais atentos ao presente, com uma diferente maneira de contemplar a vida cotidiana. Resta saber se essa é uma diferença de maturidade ou de geração e se aponta para mudanças mais profundas na cultura local.

Espero, com este trabalho, ter trazido luz sobre as raízes pantaneiras e suas repercussões sobre a cultura local. Também entendo ser esta uma contribuição para a compreensão da formação de uma multifacetada identidade brasileira. Se, no fundo, todo homem é igual, é na observação do mais particular que o universal se revela. Talvez, o conflito do pantaneiro seja o conflito de todos nós no mundo moderno e que, no pantaneiro, só é mais explícito e mais próximo à consciência.

REFERÊNCIAS

A GARÇA pantaneira. Intérprete: Milionário e José Rico. Compositores: Rick e Alexandre. Álbum: Atravessando Gerações, volume 29, 2008. Disponível em: <https://103ilionario.mus.br/milionario-e-jose-rico/1609580/>. Acesso em: 25 maio 2023.

A SAUDADE é uma estrada longa. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e Paulo Simões. Álbum: Terra de Sonhos, 1994. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/81195/>. Acesso em: 25 maio 2022.

ALENCAR, B. A. Aspectos culturais revelados pela análise léxico-semântica da unidade lexical pantaneiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 214–227, 2016. DOI: 10.21165/el.v45i1.773. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/773>. Acesso em: 29 mar. 2022.

ALMEIDA, M. M. Memorial do Homem Pantaneiro, um momento de reflexão. **Campo Grande News**. Campo Grande, MS, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/memorial-do-homem-pantaneiro-um-momento-de-reflexao>. Acesso em: 29 mar. 2022.

ALVES, G. L. **Arte, artesanato e desenvolvimento regional**: temas sul-mato-grossenses. Campo Grande, MS: UFMS, 2014.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

BARROS, A. L. **Gente Pantaneira**: Crônicas de sua história. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1998.

BARROS, A. L. **O jeito pantaneiro de ser e viver**. In: ALCÂNTARA, Araquém. Pantanal. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2003. p. 90-107

BARROS, M. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BARROS, M. **Livro de pré-coisas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

BARROS, M. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016a.

BARROS, M. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016b.

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016c.

BARROS, M. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BARROS, M. **Ensaaios Fotográficos**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021a.

BARROS, M. **Livro de pré-coisas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021b.

BARROS, M. **Retrato do Artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BONNY, C. A Música como Representação Cultural do Pantanal Sul Mato Grossense: no dedilhar da viola. **Fato & Versões**, v. 5. Fatos e Versões, 2015. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5076101204513827>. Acesso em: 25 maio 2022.

BOIADEIRO do Nabileque. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e João Bá. Álbum: Rasta Bonito, 1989. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44074/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CABRITA, D. A. P.; CÁCERES, M. L. Comitivas Pantaneiras. *In*: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016, p. 1-15.

CAETANO, Gilmar Lima. A música regional urbana de Mato Grosso do Sul. **Revista Nupem**. v. 4, n. 6, 2012. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/>. Acesso em: 18 out. 2022.

CAMPOS, M. C. A. **Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas - educação pela vivência do chão**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.48.2007.tde-19042007-153859. Acesso em: 29 mar. 2022.

CAMPOS FILHO, L. V. S. **Tradição e ruptura: Cultura e ambiente pantaneiros**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

CHALANA. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Mario Zan e Arlindo Pinto. Álbum: Pantanal, 1990. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44076/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

CIRANDA pantaneira. Intérprete: Grupo Acaba. Compositora: Alzira Espíndola. Álbum: Pantanal: Nascentes, Rios e Vertentes 50 Anos, 2016. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/grupo-acaba/ciranda-pantaneira/>. Acesso em: 25 maio 2022.

COMITIVA esperança Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e Paulo Simões. Álbum: Ensaio, 1991. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44077/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CORAÇÃO pantaneiro. Intérprete: Sérgio Reis. Compositor: Nino. Álbum: Pantaneiro, 1990. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sergio-reis/103208/>. Acesso em: 25 maio 2022.

CUÑATAIPORÃ. Intérprete: Geraldo Espíndola. Compositor: Geraldo Espíndola. Álbum: Geraldo Espíndola, 1980. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/geraldo-espindola/1477646/>. Acesso em: 25 maio 2022.

DELAMO, M. P. R.; EDDINE, A. C.; URT. S. C. Memória e constituição do sujeito que vive na região do pantanal: Atividade e Educação em memorialistas pantaneiros. **EntreLetras**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/957>. Acesso em: 21 mar. 2022.

DESGARRADO. Intérprete: Grupo Canto da Terra. Compositores: Valdomiro Bittencourt. Álbum: Desgarrado, 2018. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/grupo-canto-da-terra/desgarrado.html/>. Acesso em: 25 maio 2022.

DICKE, R. G. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443302/ricardo-guilherme-dicke>. Acesso em: 22 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ESSELIN, P. M. **A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1830 – 1910)**. Dourados: UFGD, 2011.

GALLBACH, M. R. **Sonhos e gravidez – Iniciação à criatividade feminina**. São Paulo: Paulus, 1995

JAPONÊS tem 3 filhas. Intérprete: Guilherme Rondon. Compositor: Geraldo Roca. Álbum: Piratininga, 1993. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/guilherme-rondon/373358/>. Acesso em: 25 maio 2022.

JUNG, C. G. Psicoterapia e atualidade. In: JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. O. C. 16/1. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Original publicado em 1941).

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. 30. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Original publicado em 1961).

JUNG, C. G. Psicologia e poesia. In: JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. O. C. 15. Petrópolis: Vozes, 2018a. (Original publicado em 1930).

JUNG, C. G. O problema psíquico do homem moderno. In: JUNG, C. G. **Civilização em transição: civilização em mudança**. O. C. 10/3. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2018b. (Original publicado em 1928)

JUNG, C. G. **Aion – Estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. O. C. 9/2. Petrópolis: Vozes, 2019a. (Original publicado em 1951).

JUNG, C. G. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2019b. (Original publicado em 1934).

JUNG, C. G. O conceito de inconsciente coletivo. *In*: JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O. C. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2019c. (Original publicado em 1936).

JUNG, C. G. A função transcendente. *In*: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2019d. (Original publicado em 1958).

JUNG, C. G. Definições. *In*: JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. O. C. 6. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2019e. (Original publicado em 1921).

JUNG, C. G. A psicologia do arquétipo da criança. *In*: JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O. C. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2019f. (Original publicado em 1940).

JUNG, C. G. **Presente e Futuro**: civilização em mudança. O. C.10/1. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2019g. (Original publicado em 1957).

LEITE, E. F. A construção de uma identidade pantaneira. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]** *In*: XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

LEITE, M. O. F. **Comitiva de boiadeiros no Pantanal sul-mato-grossense: modo de vida e leitura da paisagem**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – USP – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MENDES, P. P. Pecuária, fogo e sustentabilidade no pantanal. **Direito Ambiental**, 2020. Disponível em: <https://direitoambiental.com/pecuaria-fogo-e-sustentabilidade-no-pantanal>. Acesso em: 29 mar. 2022.

MEU VENENO. Intérprete: Renato Teixeira. Compositor: Renato Teixeira. Álbum: Meu veneno – O novo amanhece, 2000. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/renato-teixeira/233653/>. Acesso em: 25 maio 2022.

MORAES, A. S.; RESENDE, E. K.; RODRIGUES, C. A. G.; MAURO, R. A.; GALDINO, S.; OLIVEIRA, M. D.; CRISPIM, S. M. A. VIEIRA, L. M.; SORIANO, B. M. A.; ABREU, U. G. P.; MOURÃO, G. M. Embrapa Pantanal: 25 anos de pesquisas em prol da conservação do Pantanal. **Anais [...]** *In*: III SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL: OS DESAFIOS DO NOVO MILÊNIO. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2000.

NEUMANN, Erich. **História das origens da consciência**. 2ª edição. São Paulo: Ed Cultrix, 2022

NOGUEIRA, A. X. **Pantanal - homem e cultura**. Campo Grande: UFMS, 2002.

NOGUEIRA, A. X. Pantanal: Entre o apego às antigas tradições e o apelo às mudanças **Albuquerque: revista de História**. Campo Grande-MS, v.1, n.1, p. 145-164, 2009.

PEÃO. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e Renato Teixeira. Álbum: Peão, 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/127233/>. Acesso em: 25 maio 2022.

PEÃO de boiadeiro. Intérprete: Sérgio Reis. Compositores: Almir Sater e Sérgio Reis. Álbum: Pantaneiro, 1990. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sergio-reis/103209/>. Acesso em: 25 maio 2022.

PENNA, E. M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2004.

PINTO, M. L. **Discurso e cotidiano**: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi: 10.11606/T.8.2007.tde-01082007-162109.

PROENÇA, A. C. **Pantanal gente, tradição e história**. 3. ed. Campo Grande: UFMS, 1997.

RAMOS, D. Corruption: symptom of a cultural complex in Brazil? In: SINGER, T.; KIMBLES, S. L. **The cultural complex**. Contemporary Jungian perspectives on psyche and Society. East Sussex: Brunner-Routledge, 2004.

ROSSETTO, O. C.; BRASIL JR, A C. P. Cultura e desenvolvimento sustentável no pantanal mato-grossense: entre a tradição e a modernidade. **Sociedade e Estado** [online]. 2003, v. 18, n. 1-2, p. 155-175. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922003000100009>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SANTOS, S. A. *et al.* **Cheia e seca no Pantanal: Importância do manejo adaptativo das fazendas**. Corumbá, MS: Embrapa Pantanal, 2007. 3p. ADM – Artigo de Divulgação na Mídia, n. 120. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/810627/1/ADM120.pdf>. Acesso em: 26 mar 2022.

SINGER, T.; KAPLINSKY, C. Complexos culturais em análise. In: STEIN, Murray **Psicanálise junguiana**: Trabalhando no espírito de C. G. Jung. Petrópolis: Vozes, 2019.

SONHOS guaranis. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e Paulo Simões. Álbum: Doma, 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/127236/>. Acesso em: 25 maio 2022.

TOCANDO em frente. Intérprete: Maria Betânia. Compositores: Almir Sater e Renato Teixeira. Álbum: 25 Anos, 1990. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-bethania/164726/>. Acesso em: 25 maio 2022.

TREM DE LATA. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e Renato Teixeira. Álbum: Cria, 1986. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/almir-sater/trem-de-lata.html>. Acesso em: 25 maio 2022.

TUIUIÚ E JABURU. Intérprete: Geraldo Espíndola. Compositor: Geraldo Espíndola. Álbum: Intimidade Acústica, 2005. Disponível em: <https://www.letras.com/geraldo-espindola/1477644/>. Acesso em: 25 maio 2022.

UM VIOLEIRO toca. Intérprete: Almir Sater. Compositores: Almir Sater e Renato Teixeira. Álbum: Almir Sater, 1989. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44085/>. Acesso em: 25 maio 2022.

UNIDADE GUAICURU VIVA. **Biografias.** Disponível em: <https://unidadeguaicuruviva.com.br/bios/>. Acesso em: 25 maio 2022.

VIÉGAS, I. A. **Pantanal: reminiscências de nossas vidas.** São Paulo: Documenta Pantanal, 2022.

WAHBA, L. L. Arte e Cultura, **Junguiana**, n. 26, p. 73-78, 2008. São Paulo: SBPA – Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.

WAHBA, L. L. **O grafite e a psique de São Paulo** – Metáforas da cidade. São Paulo: Blucher, 2009.

ANEXO 1 – Bibliografias

Ricardo Guilherme Dicke

Dicke era filho de pai alemão fugido da Segunda Guerra e mãe brasileira, descendente de garimpeiros. Nasceu em Vila Raizama, na Chapada dos Guimarães em 1936. Se mudou para Cuiabá aos cinco anos e para o Rio de Janeiro aos 29 anos. Estudou filosofia na UFRJ, fez mestrado em filosofia da arte. Publicou seu primeiro livro, *Caminhos de Sol e de Lua*, no começo da década de 1960. Em 1968 publicou "O Deus de Caim"; o livro ficou em quarto lugar no Prêmio Walmap de Literatura do ano anterior; do júri participavam Guimarães Rosa, Jorge Amado e Antonio Olinto. Apesar de pouco divulgada em vida, a obra de Dicke tinha apreciadores famosos, como Glauber Rocha e Hilda Hilst, que o considerava um "gigante" da literatura brasileira. Voltou a Cuiabá, onde trabalhou como professor e seguiu escrevendo romances. Sobre essa volta disse que "Lugar mais adequado para escrever é o quartinho que tenho nos fundos da minha casa". Morreu em 9 de julho de 2008, em Cuiabá. (Enciclopédia Itaú Cultural)

Manoel de Barros

Segundo a biografia que consta nas orelhas dos seus livros:

Manoel de Barros (1916 – 2014) nasceu em Cuiabá, mas foi criado numa fazenda próxima a Corumbá. Começou sua educação num internato de Campo Grande e, aos doze anos, foi matriculado no Colégio São José, no Rio de Janeiro – cidade onde viveu por 30 anos. Em 1937, publicou seu primeiro livro de poesia, *Poemas concebidos sem pecado*. Viajou pela Europa, estudou cinema e arte em Nova York. Em 1958 mudou-se com a mulher, Stella, e os três filhos para o Pantanal. Viveu um período de intensos e rústicos trabalhos para formar a fazenda; por isso, durante quase dez anos, pouco se dedicou à literatura. Nos anos 1960, vivendo em Campo Grande, foi premiado pelo livro *Compêndio para uso dos pássaros* e, na década de 1970, voltou à cena literária com *Matéria de poesia*. No início dos anos 1990, sua obra poética foi reunida no volume *Gramática expositiva do chão*. A partir de então, conquistou vários prêmios importantes, como o APCA, o Jabuti e o Nestle de Literatura. Nos anos 2000, sua obra foi publicada em Portugal, recebeu prêmios internacionais e foi traduzida para vários idiomas.

E, segundo duas das suas próprias poesias:

Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.
Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.
Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.
Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.
Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.
Agora eu sou tão ocaso!
Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.
No meu morrer tem uma dor de árvore. (O Livro das Ignorâncias, p. 79)

Carta ao Joel

Eu tenho dois anos.
Estou sendo criado no chão.
Meu pai é arameiro.
De tempo em tempo a gente muda de acampamento.
Todos os acampamentos são iguais.
Sempre em lugar mais alto e perto de uma aguada, onde a cerca vai passar.
Primeiro se limpa o mato por cima.
Depois se destoca.
Arrasta os paus.
Se aproveita a madeira mais reta para esteios, vigas, ripas.
Rapa-se o chão com enxada.
Faz-se um terreiro pequeno.
Aí se finca o rancho de palha.
Duas peças.
O quarto de dormir e a sala de comer.
Em volta da casa meu pai afastou o mato.
Mais ou menos três metros em redor.
É pra livrar a casa de bicho.
Eu tenho dois anos e aprendo a viver nesses terreiros de acampamento.
A mãe não tem tempo de me pôr no braço.
Tem que lavar roupa, fazer boia pros peões, fazer vela, farinha de mandioca e outros trabalhos.

Quando eu choro a mãe me pega de um braço e me põe no peito enquanto mexe outra coisa.

A mãe ainda costura, faz roupa pra meu pai e vestido pra ela.

Eu brinco no terreiro.

Com outro irmão de três anos e o preto Germano que a mãe criou no peito desde Cuiabá.

Nós três brincamos de boi, cavalo de pau, de esticar arame na cerca.

Fazemos o que nosso pai faz.

Nosso brinquedo é só de pau: boi de pau, canga de boi, sabuco, canga pra sapo.

O dia inteiro a gente brinca no chão, com besouros, sapos, galinhas, etc.

Ou quando o pai traz do campo um cágado pra gente brincar.

Eu hoje amo as pobres coisas do chão porque fui criado com elas.

Já estou com 70 anos.

O preto Germano morreu de câncer.

Meu pai se foi.

Minha mãe se foi.

Os peões que trabalhavam com o pai de aprumar cerca também estão mortos.

Não sei o que estou esperando aqui.

Não compreendo quase nada.

Não sei o que as pessoas vêm fazer na terra.

Esticar fios de arame e depois morrer?

É preciso mais biografia?

Humberto Espíndola

Tem sido considerado o mentor da bovinocultura nas artes plásticas em Mato Grosso do Sul. É lícito reconhecer que Espíndola foi o único artista mato-grossense que se consagrou junto à crítica em escala nacional na década de 1970, fruto tanto de seu profissionalismo quanto de sua articulação política.

Movimento Guaicuru

Entre os artistas ascendentes no âmbito da pintura moderna sul-mato-grossense, merecem atenção alguns expoentes do movimento guaicuru fundado por **Henrique Spengler**, **Silvio Rocha**, **Adilson Schieffer** e mais tarde **Jonir Figueiredo** que acreditava na importância de se resgatar uma identidade guaicuru como forma de entender e criar a própria identidade sul-mato-grossense.

Jorapimo

José Ramão Pinto de Moraes, conhecido como Jorapimo, é considerado um dos ícones da representação do sentimento do homem pantaneiro, talvez o mais festejado artista plástico da região. Telas centradas no Casario do Porto de Corumbá, nas paisagens ribeirinhas, nas lavadeiras, nos pescadores e nos peões, algumas de suas temáticas mais recorrentes e expressivas ilustram com amplitude e riqueza a região.

João Sebastião Costa

Natural de Cuiabá, MT, “é pintor e desenhista. (...) Filho da artista popular Alexandra Barros da Costa, João Sebastião logo desperta a sensibilidade artística ao desenvolver com sua mãe algumas parcerias criativas”. Segundo João Carlos Vicente Ferreira, representante da secretaria de Cultura de Mato Grosso, em nota no catálogo da exposição Retina Pagã (2005), “O artista plástico João Sebastião é uma das maiores referências dessa História recente, que tem menos de 50 anos e muitos filhos que se alimentaram (e ainda se alimentam) de seu baú iconográfico, marcado por onças pintadas, caju e paisagens que vão do alto cerrado à planície pantaneira.” (apud COSTA, 2005, s/p apud LIMA, 2012, p. 74).

Conceição Freitas da Silva

Conhecida como Conceição dos Bugres (1914-1984), foi considerada pelo MASP artista fundamental para se compreender uma história mais plural da escultura brasileira no século 20, o que resultou numa exposição exclusiva de sua obra no museu, o que nos mostra a relevância de seu trabalho não apenas no âmbito regional.

Ilton Silva

É o “mais mato-grossense de nossos artistas plásticos”, segundo importante crítico local. Pela relevância do seu trabalho para a região, foi agraciado com o título de cidadão campo-grandense, concedido pela Câmara Municipal de Campo Grande. Tem diversas telas premiadas nos salões de Mato Grosso do Sul. Filho de Conceição dos Bugres foi trabalhador de muitos ofícios antes de se dedicar a pintura.

Daltro

Epaminondas Daltro Jr. registra em seus quadros expressionistas referências de Mato Grosso do Sul: retratos sul-mato-grossenses com predominância das cores primárias e traços fortes no acrílico sobre tela. São casarios e festas populares, a vida no Pantanal e suas paisagens, histórias do cotidiano do peão pantaneiro, pescadores, lavadeiras e muitos outros personagens que surgem do imaginário pantaneiro.

Almir Eduardo Melker Sater

Almir Sater considera-se um pantaneiro, assume o fascínio que tem por essa região desde menino, revela que deve a sua aceitação pelo público nacional à viola caipira que exerce um verdadeiro fascínio no povo do interior do Brasil.

O Pantanal sempre foi meu sonho, desde menino. Quando eu ia para a fazenda de meus amigos, passava lá quatro meses por ano, mas meu sonho foi sempre ter um rancho na beira o rio Negro e, por achar que aquilo era importante na minha vida, quis estender a minha família. Morei cinco anos diretos no Pantanal, meus filhos foram criados lá, e é realmente o lugar onde me sinto mais à vontade. Sinto que eu não preciso de nada, tenho tudo ali... (ROSA, 2009, p. 97-107 apud BONNY, 2015, p. 4)

Através da citação acima, podemos compreender que a imagem que é passada dessa região através das canções de Sater, não é algo simplesmente poético, uma vez que o artista morou nesse local, conhecendo alguns pontos da cultura e dos costumes, assim como a fauna e a flora do lugar, adotando para si um pouco desses hábitos.

ANEXO 2 – Poesias e textos selecionados de Manoel de Barros

Narrador apresenta sua terra natal

Corumbá estava amanhecendo.
Nenhum galo se arriscara ainda.
Ia o silêncio pelas ruas carregando um bêbedo.
Os ventos se escoravam nas andorinhas.
Aqui é o Portão de Entrada para o Pantanal.
Estamos por cima de uma pedra branca enorme que o rio Paraguai, lá embaixo,
borda e lambe.
Já posso ver na semiescuridão os canoeiros que voltam da pescaria.
Descendo a Ladeira Cunha e Cruz embico no Porto.
Aqui é a cidade velha.
O tempo e as águas esculpem escombros nos sobrados anciãos.
Desenham formas de larvas sobre as paredes podres (são trabalhos que se fazem
com rupturas – como um poema).
Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos desabrem nas pedras.
As ruínas dão árvores!
Nossos sobrados enfrutam.
Aqui nenhuma espécie de árvore se nega ao gorjeio dos pássaros.
Agora o rio Paraguai está banhado de sol.
Lentamente vão descendo as garças para as margens do rio.
As águas estão esticadas de rãs até os joelhos.
Há um rumor de útero nos brejos que muito me repercute.
O que temos na cidade além de águas e de pedras são cuiabanos, papa-bananas,
chiquitanos e turcos.
Por mim, advenho de cuiabanos.
Meu pai jogou canga pra cima no primeiro escrutínio e fugiu para cá.
Estamos na zamboada.
Aqui o silêncio rende.
Os homens deste lugar são mais relativos a águas do que a terras.
Há sapos vegetais que dão cria nas pedras.

As pessoas são cheias de prenúncios: chegam de ver pregos nadar e bugio pedir benção.

Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves.

Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o verdor primal das águas com as vozes civilizadas.

Agora a cidade entardece.

Parece uma gema de ovo o nosso pôr do sol do lado da Bolívia.

Se é tempo de chover desce um barrado escuro por toda a extensão dos Andes e tampa a gema.

- Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem – o menino falou.

Há vestígios de nossos cantos nas conchas destes banhados.

Os homens deste lugar são uma continuação das águas.

(Livro de Pré-coisas, 2021, p. 17)

Árvore

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.

Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.

No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.

No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinaram no internato.

Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.

Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.

E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia.

No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.

Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros.

E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.

(Ensaio Fotográfico, 2021, p. 65)

Ninguém

Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores

Faz comunhão com as aves

Faz comunhão com as chuvas

Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os sapos.

Falar a partir de ninguém

Faz comunhão com borra

Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos.

Falar a partir de ninguém

Ensina a ver o sexo das nuvens

E ensina o sentido sonoro das palavras.

Falar a partir de ninguém

Faz comunhão com o começo do verbo.

(Ensaaios Fotográficos, 2021, p. 29)

Pintura

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz.

O que sempre faço nem seja uma aplicação de estudos.

É sempre uma descoberta. Não é nada procurado.

É achado mesmo. Como se andasse num brejo e desse

no sapo. Acho que é defeito de nascença isso. Igual

como a gente nascesse de quatro olhares ou de quatro

orelhas. Um dia tentei desenhar as formas da Manhã

sem lápis. Já pensou? Por primeiro havia que

humanizar a Manhã. Torná-la biológica. Fazê-la

mulher. Antesmente eu tentara coisificar as pessoas

e humanizar as coisas. Porém humanizar o tempo!

Uma parte do tempo? Era dose. Entretanto eu tentei.

Pintei sem lápis a *Manhã de pernas abertas para o Sol*.

A manhã era mulher e estava de pernas abertas para o

sol. Na ocasião eu aprendera em Vieira (Padre Antônio,

1604, Lisboa) eu aprendera que as imagens pintadas com palavras eram de se ver de ouvir. Então seria o caso de se ouvir a frase para se enxergar a Manhã de pernas abertas? Estava humanizada essa beleza de tempo. E com seus passarinhos, e as águas e o Sol a fecundar o trecho. Arrisquei fazer isso com a Manhã, na cega. Depois que meu avô me ensinou que eu pintara a imagem erótica da Manhã. Isso fora.

(Memórias Inventadas, 2018, p. 37)

Lides de Campear

Na *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, vou buscar uma definição de pantaneiro: “Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar”.

Passando o tempo a conversar pode que se ajuste a um lado da verdade; não sendo inteira verdade. Trabalho pouco, vírgula.

Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. Sempre um desafiar. Um porfiar inerente. Como faz o bacurau. No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, às vezes de dias inteiros – é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites. Certo é que o pantaneiro vence o seu estar isolado, e o seu pequeno mundo de conhecimentos, e o seu pouco vocabulário – recorrendo às imagens e brincadeiras. Assim, o peão de culatra é bago de porco – porque vem por detrás. Pessoa grisalha é cabeça de paina. Cavalo corredor é estufador de blusa. Etc... etc.

Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais e animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase animismo.

Mas na hora do pega pra capar, pantaneiro puxa na força por igual. No lampino do sol ou no zero do frio.

Erroso é, pois, incutir que pantaneiro pouco trabalha. Ocorre que enxertar a vaca a gente não pode ainda. Esse lugar é difícil de se exercer pelo touro. Embora alguns tentem.

Vaca não aceita outro que não seja touro mesmo. O jeito é ficar reparando a cobertura e contando mais um bezerro daquele ato.

Só por isso se diz que o boi cria o pantaneiro.

(BARROS, 2021b, p. 33)

Nos primórdios

Era só água e sol de primeiro este recanto. Meninos cangavam sapos. Brincavam de primo com prima. Tordo ensinava o brinquedo “primo com prima não faz mal: finca, finca”. Não havia instrumento musical. Os homens tocavam gado. As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.

Logo se fez a piranha. Em seguida os domingos e feriados. Depois os cuiabanos e os beiracorgos. Por fim o cavalo e o anta batizado.

Nem precisaram dizer cresci e multiplicai-vos. Pois já se faziam filhos e piadas com muita animosidade.

Conhecimentos vinham por infusão, pelo faro dos bugres pelos mascates.

O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar. Porém só pensava em lombo de cavalo. De forma que só campeava e não hortava.

Daí que campear se fez de preferência por ser atividade livre e andeja. Enquanto que hortar prendia o ente no cabo da enxada. O que não era bom.

No começo contudo enxada teve seu lugar. Prestava para o peão encostar-se nela a fim de prover seu cigarrinho de palha. Depois, com o desaparecimento do cigarro de palha, constatou-se a inutilidade das enxadas.

- O homem tinha mais o que não fazer!

Foi muito soberano mesmo no começo dos tempos este cortado. Burro não entrava em seus pastos. Só porque burro não pega perto. Porém já hoje há quem trate os burros como cavalo. O que é uma distinção.

(Livro de Pré-Coisas, 2021b, p. 35)

No Presente

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, com vielas rampadas e crianças papudas, assistiram seu nascimento.

Agora faz rastros neste terreiro. Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. Sementes de capim, algumas, abrem-se de suas unhas, onde o bicho-do-porco entrou e cresceu e já voou de asa e ferramentas.

De dentro de seus cabelos, onde guarda seu fumo, seus cacos de vidro, seus espelhinhos, nascem pregos primaveris!

Não sabe se as vestes apodrecem no corpo senão quando elas apodrecem.

É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu instinto seu faro animal vão na frente. No centro do escuro se espriam.

Foi resolvida em língua de folha e de escama, sua voz quase inaudível. É que tem uma caverna de pássaros dentro de sua garganta escura e abortada.

Com bichos de escama conversa. Ouve de longe a botação de um ovo de jacaroa. Sonda com o olho gordo de hulha quando o sáurio amolece a veira. Escuta o ente germinar ali ainda implume dentro do ventre. Os embriões do ovo ele vislumbra prazenteiro. Ri como fumaça. Seu maior infinito!

Quando o corpo sáurio se espicha no areão, a fim de delivrar-se, Bernardo ilumia. Pequena luzerna no pavio de seu olho brandeia. A jacaroa e ele se miram imaculados. A própria ovura!

Passarinhos no mato bem-te-vi João-ferreira sentam no ombro desse bandarria para catar imundícia orvalho insetos.

Só dá de banda.

Nos fundos da cozinha onde se jogam latas de vermes ávidos, lesmas e ele se comprazem. Teias o alcançam. Lagartas recortam seu dólmã verdoso. Formigas fazem-lhe estradas...

Unge com olho as formigas.

No pátio cachorro acua ele. (Pessoas com ar de quelônio cachorro descompreende). Galinhas bicoram seu casco.

Mal desenxerga.

(Nem mosca nem pedrada desviam ele de ser obscuro.)

Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. Com as mãos aplaina as águas.

Deus abrange ele.

Mundo Pequeno - XII

Bernardo é quase uma árvore
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
de longe
E vêm pousar em seu ombro.
Seu olho renova as tardes.
Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho;
1 abridor de amanhecer
1 prego que farfalha
1 encolhedor de rios - e
1 esticador de horizontes.
(Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.)
Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o poente.
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
incompletude?)

(O Livro das Ignorâças, 2016, p. 73)

Brincadeiras

No quintal a gente gostava de brincar com palavras
mais do que de bicicleta.
Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras desconparadas. Tipo assim:
O céu tem três letras
O sol tem três letras
O inseto é maior.
O que parecia um despropósito
Para nós não era despropósito.
Porque o inseto tem seis letras e o sol só tem três
Logo o inseto é maior. (Aqui entrava a lógica?)

Meu irmão que era estudado falou quê lógica quê nada
 Isso é um sofisma. A gente boiou no sofisma.
 Ele disse que sofisma é risco n'água. Entendemos tudo.
 Depois Cipriano falou:
 Mais alto do que eu só Deus e os passarinhos.
 A dúvida era saber se Deus também avoava
 Ou se Ele está em toda parte como a mãe ensinava.
 Cipriano era um indiozinho guató que aparecia no
 quintal, nosso amigo. Ele obedecia a desordem.
 Nisso apareceu meu avô.
 Ele estava diferente e até jovial.
 Contou-nos que tinha trocado o Ocaso dele por duas andorinhas.
 A gente ficou admirado daquela troca.
 Mas não chegamos a ver as andorinhas.
 Outro dia a gente destampamos a cabeça de Cipriano.
 Lá dentro só tinha árvore, árvore, árvore
 Nenhuma ideia sequer.
 Falaram que ele tinha predominâncias vegetais do que platônicas.
 Isso era.

(Memórias Inventadas, 2018, p. 26)

Bocó

Quando o moço estava a catar caracóis e pedrinhas
 na beira do rio até duas horas da tarde, ali também
 Nhá Velina Cuê estava. A velha paraguaia de ver
 aquele moço a catar caracóis na beira do rio até duas
 horas da tarde, balançou a cabeça de um lado para o
 outro ao gesto de quem estivesse com pena do moço,
 e disse a palavra bocó. O moço ouviu a palavra bocó
 e foi para casa correndo a ver nos seus trinta e dois
 dicionários que coisa era ser bocó. Achou cerca de
 nove expressões que sugeriam símiles a tonto. E se riu
 de gostar. E separou para ele os nove símiles. Tais:

Bocó é sempre alguém acrescentado de criança. Bocó é uma exceção de árvore. Bocó é um que gosta de conversar bobagens profundas com as águas. Bocó é aquele que fala sempre com sotaque das suas origens. É sempre alguém obscuro de mosca. É alguém que constrói sua casa com pouco cisco. É um que descobriu que as tardes fazem parte de haver beleza nos pássaros. Bocó é aquele que olhando para o chão enxerga um verme sendo-o. Bocó é uma espécie de sânie com alvoradas. Foi o que o moço colheu em seus trinta e dois dicionários. E ele se estimou.

(Memórias Inventadas, 2018, p. 39)

Gramática do Povo Guató

Rogaciano era índio guató. Mas eu o conheci na condição de bugre. (Bugre é índio desaldeiado, pois não?) Ele andava pelas ruas de Corumbá bêbedo e sujo de catar papel por um gole de pinga no bar de Nhana. De tarde esfarrapado e com fome se encostava à parede de casa. A mãe fez um prato de comida e eu levei para Rogaciano. Ficamos a conversar. Ele ria pelas gengivas. E mandava para dentro feijão com arroz. O bife escorregava de gordura pelos beijos desse bugre. Rogaciano limpava a gordura com as costas da mão. Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever. Mas seu avô que era Xamã daquele povo lhe ensinara uma Gramática do Povo Guató. Era a Gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. Constava de uma só frase: *Os verbos servem para emendar os nomes*. E botava exemplos: Bem-te-vi cuspiu no chão. O verbo cuspir emendava o bem-te-vi com o chão. E mais: O cachorro comeu o osso. O verbo comer emendou o cachorro no osso. Foi o que me explicou Rogaciano sobre a Gramática do seu povo. Falou mais dois exemplos: Mariano perguntou: - Conhece fazer canoa pessoa? – Periga Albano fazer. Respondeu. Rogaciano, ele mesmo, não sabia nada, mas ensinava essa fala sem conectivos, sem bengala, sem adereços para a gurizada. Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Xamã dos Guatós quanto Sapir.

(Memórias Inventadas, 2018, p. 43)

Fontes

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos, a presciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro Parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas *Memórias inventadas* e doadores de suas fontes.

(*Memórias Inventadas*, 2018, p. 57)

Mundo Pequeno – VII

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas
leituras não era a beleza das frases, mas a doença
delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor,
esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

– Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável,
o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,
pode muito que você carregue para o resto da
vida um certo gosto por nada...

E se riu.
Você não é de bugre? – ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em
 estradas –
Pois é nos desvios que encontra as melhores
surpresas e os ariticuns maduros.
Há que apenas saber errar bem o seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi meu primeiro professor de
 agramática.

(O Livro das Ignorâças, 2016, p. 63)

A Doença

Nunca morei longe do meu país.
Entretanto padeço de lonjuras.
Desde criança minha mãe portava essa doença.
Ela que me transmitiu.
Depois meu pai foi trabalhar num lugar que dava
essa doença nas pessoas.
Era um lugar sem nome nem vizinhos.
Diziam que ali era a unha do dedão do pé do fim
do mundo.
A gente crescia sem ter outra casa ao lado.
No lugar só constatavam pássaros, arvores, o rio e
os seus peixes.
Havia cavalos sem freios dentro dos matos cheios
de borboletas nas costas.
O resto era só distância.
A distância seria uma coisa vazia que a gente
portava no olho
E que meu pai chamava exílio.

(Ensaio Fotográfico, 2021, p. 51)

Abandono

A gente morava na última casa de uma rua. Depois o mato começava. Dois trilheiros entravam pelo mato. Um trilheiro dava no rancho de Nhá Velina Cuê que comia feijão com arara, quati com abóbora e cobra com mandioca. O outro trilheiro esbarrava no rio. Os meninos brincavam nus no rio entre pássaros. Tinha um Bolivianinho, boliviano pé de pano entre os guris. E um Gonçalo pé de galo orelha de meu cavalo. Acho que o pé de pano do boliviano era só para trovar. Assim como o pé de galo do Gonçalo. Descobri nesse tempo que os apelidos pregam mais quando trovam. Depois descobri naquele lugar a palavra abandono. A palavra funcionava dentro e fora das pessoas. Eu não sabia se era o lugar que transmitia o abandono às pessoas ou se eram elas que transmitiam o abandono ao lugar. Eu conhecia a palavra só de nome. Mas não conhecia o lugar que pegava abandono. Por antes a força da palavra é que me dava a noção. Mas em vista do que vi o olhar reforça a palavra. O olhar segura a palavra na gente. O cheiro e o amor do lugar também participam. Todos os seres daquele lugar me pareciam perdidos na terra, bem esquecidos como um lápis numa península. Mas Nhá Velina Cuê me falou: este abandono me protege. Acho que esse paradoxo reforça mais a poesia do que a verdade.

(Memórias Inventadas, 2018, p. 45)

Desprezo

Desprezo era um lugarejo. Acho que lugar desprezado é mais triste do que abandonado. Não sei por que caminhos o mundo me tirou do Desprezo para este Posto de gasolina na estrada que vai para São Paulo. Acho quase um milagre. Quando a gente morava no Desprezo ele já era desprezado. Restavam três casas em pé. E três famílias com oito guris que corriam pelas estradas já cobertas de mato. Eu era um dos oito guris. Agora estou aqui botando gasolina para os potentados. Naquele tempo do Desprezo eu queria ser chão, isto ser: para que em mim as árvores crescessem. Para que sobre mim a conchas se formassem. Eu queria ser chão no tempo do Desprezo para que sobre mim os rios corressem. Me lembro que os moradores do Desprezo, incluindo os oito guris, todos queriam ser aves ou coisas ou novas pessoas. Isso quer dizer que os moradores do Desprezo queriam ficar livres

para outros seres. Até ser chão servia como era o meu caso. Ninguém era responsável pelas preferências dos outros. Nem isso era uma brincadeira. Podia ser um sonho saído do Desprezo. Uma senhora de nome Ana Belona queria ser árvore para ter gorjeios. Ela falou que não queria mais moer solidão. Tinha um homem com o olhar sujo de dor que catava o cisco mais nobre do lugar para construir outra casa. Não sei por quê aquele homem com olhar sujo de dor queria permanecer no Desprezo. Eu não sei nada sobre as grandes coisas do mundo, mas sobre as pequenas eu sei menos.

(Memórias Inventadas, 2018, p. 41)

O menino que ganhou um rio

Minha mãe me deu um rio.

Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear.

Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido.

Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura
Ou bolachinhas para me dar.

Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio.

Era o mesmo rio que passava atrás de casa.

Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate.

Meu irmão ficou magoado porque gostava do rio igual aos outros.

A mãe prometeu que no aniversário do meu irmão

Ela iria dar uma árvore para ele.

Uma que fosse coberta de pássaros.

Eu bem ouvi a promessa que a mãe fizera ao meu irmão

E achei legal.

Os pássaros ficavam durante o dia nas margens do meu rio

E de noite eles iriam dormir na árvore do meu irmão.
Meu irmão me provocava assim: a minha árvore
deu flores lindas em setembro.
E o seu rio não dá flores!
Eu respondia que a árvore dele não dava piraputanga.
Era verdade, mas o que nos unia demais eram
os banhos nus no rio entre pássaros.
Nesse ponto nossa vida era um afago!

(Memórias Inventadas, 2018, p. 60)

Manoel por Manoel

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. E com esta senectez atual me voltou a criança. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo de milho era bol. Eu era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se gente fala a partir da criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

(Meu quintal é maior do que o mundo, 2015, p. 15)

Cabeludinho

Entrar na Academia já entrei
mas ninguém me explica por que que essa torneira aberta
neste silêncio de noite
parece poesia jorrando...
Sou bugre mesmo
me explica mesmo
me ensina modos de gente
me ensina a acompanhar um enterro de cabeça baixa
me explica por que que um olhar de piedade
cravado na condição humana
não brilha mais que anúncios luminosos?
Qual, sou bugre mesmo
só sei pensar na hora ruim
na hora do azar que espanta até a ave da saudade
Sou bugre mesmo
me explica mesmo:
se eu não sei parar o sangue, que que adianta
não ser imbecil ou borboleta?
Me explica por que penso naqueles moleques
como nos peixes
que deixava escapar do anzol
com o queixo arreventado?
Qual, antes melhor fechar essa torneira, bugre velho...

(Memórias Inventadas, 2018, p. 24)

Carreta Pantaneira

As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem.

Dez anos de seca tivemos. Só trator navegando, de estadão, pelos campos.

Encostou-se a carreta de bois debaixo de um pé de pau. Cordas, brochas, tiradeiras – com as chuvas, melaram. Dos canzís, por preguiça, alguns faziam cabos de reio. Outros usavam para desemendar cachorro. Os bois, desprezados, iam engordando nos pastos. Até que os donos, não resistindo tanta gordura, os mandavam pro açougue. Fazendeiro houve, aquele um, que, havendo de passear pela Europa, enviou bilhete ao gerente: “Venda carreta, bois do carro, cangas de boi”.

À sombra do pé de pau a carreta se entupia de cupim. A mesa, coberta de folha e limos, se desmanchava, apodrecente. Chegaram a tirar mel na cambota de uma. Cozinheiros de comitiva, acampados debaixo da carreta, chegavam de usar o cabeçalho para tirar gravetos. Enchia-se o rodado de pequenas larvas, que ali se reproduziam, quentes. Debaixo da carreta, no chão fresco, os buracos de areia, para onde os cachorros e os perus velhos corriam fugindo do sol. E a carreta ia se enterrando no chão, se desmanchando, desaparecendo.

Isso fez que o rapaz, vindo de fora pescar, relembresse a teoria do Pantanal estático. Falava que no Pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não movimento.

A carreta, pois, para ele desaconteceu apenas. Como haver uma cobra troncha.

(Livro de Pré-coisas, 2021, p. 31)

Agroval

“...onde pululam vermes de animais e plantas e subjaz um erotismo criador genésico”
M. Cavalcanti Proença

Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraías enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo, – e se enterra. Ali vai passar o período da seca. Parece uma roda de carreta adernada.

Como pouco, por baixo de suas abas, lateja um agroval de vermes, cascudos, girinos e tantas espécies de insetos e parasitas, que procuram o sítio como um ventre.

Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rumem que ali se instaura, é como um grande tumor que lateja.

Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo, transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia. É o próprio gromel dos cascudos!

Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão. Nas descargas de ajudas; no equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos. Entre os corpos truncados. As teias ainda sem aranha. Os olhos ainda sem luz. As penas sem movimento. Os remendos de vermes. Os bulbos de cobras. Arquétipos de carunchos.

Penso nos embriões dos atos. Uma boa disforme de rapa-canoa que começa a querer se grudar nas coisas. Rudimentos rombudos de um olho de árvore. Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras ideias de uma convivência entre lagartos e pedras. O embrião de um mussum sem estames, que renega ter asas. Antepassados de antúrios e borboletas que procuram uma nesga de sol.

Penso num comércio de frisos e de asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e de sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais; de gosma e de lêndeas; de cheiro de íncolas e de rios cortados. Comércio de pequenas jias e suas conas redondas. Inacabados orifícios de tênias implumes. Um comércio corcunda de armaus e de traças; de folhas recolhidas por formigas; de orelhas-de-pau ainda em larva. Comércio de hermafroditas de instintos adesivos. As veias rasgadas de um escuro besouro. O sapo rejeitando sua infame cauda. Um comércio de anéis de escorpiões e sementes de peixe.

E ao cabo de três meses de trocas e infusões, – a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olhos de feto, fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas.

É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza.

Uma festa de insetos e aves no brejo!

(Livro de Pré-coisas, 2021, p. 26)

Vespral de chuva

Nem folha se move de árvore. Nenhum vento. Nessa hora até anta quer sombrear. Peru derrubou a crista. Ruminam algumas reses, deitadas na aba do mato. Cachorro produziu chão fresco na beira do rancho e deitou-se. Arichiguana foi dormir na serra. Rãs se ajuntam detrás do pote. Galinhas abrem o bico. Frango d'água vai sestar no sarã. O zinco do galpão estala de sol. Pula o canção na areia quente. Jaracambé encurta o veneno. Baratas escondem filhotes albinos. E a voz de certos peixes fica azul.

Faz muito calor durante o dia. Sobre a tarde cigarras destarraxam. De noite ninguém consegue parar. Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. Os bichos de luz assanharam. Mariposas cobrem as lâmpadas. Entram na roupa. Batem tontas nos móveis. Suor escorre no rosto. Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. Um homem foi recolher a carne estendida no tempo – e na volta falou: – Do lado da Bolívia tem um barrado preto. Hoje ele chove!

No oco do acurizeiro o grosso canto do sapo é contínuo. Aranhas-caranguejeiras desde ontem aparecem de todo lado. Dão ares que saem do fundo da terra. Formigas de roseiras dormem nuas. Lua e árvore se estudam de noite. Por dentro da alma das árvores, orelha-de-pau está se preparando para nascer. Todo vivente se assanha. Até o inseto de estrume está se virando. Se ouve bem de perto o assobio dos bugios na orla do cerrado. Cupins estão levantando andaimes. Camaleão anda de farda.

O homem foi reparar se as janelas estão fechadas. Mulheres cobrem espelhos. Se sente por baixo do pomar o assanhamento das porcas. Em véspera de chuva o cio das porcas se afrouxa. Como os areais. Lobinho veio de noite até perto do galinheiro e fugiu. Relâmpagos mostram cavalo dormindo, em pé, sob os ingazeiros. Mostraram também os lobinhos. Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres. O homem nos seus refolhos pressente o desabrochar. Caem os primeiros pingos. Perfume de terra molhada invade a fazenda. O jardim está pensando... Em florescer.

Mundo Renovado

No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo pileque com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.

Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um refofoar de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.

Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram o cerrado até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer!

Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as éguas irrompem no cio os limites do pátio. Um cheiro de ariticum maduro penetra as crianças. Fugiram dos buracos cheios de água os ofídios lisos. E entraram debaixo dos fogões de lenha. Os meninos descobrem de mudança formigas-carregadeiras. Cupins constroem seus túneis. E há os bem-te-vis-cartolas nos pirizeiros de asas abertas.

Um pouco do pasto ficou dentro d'água. Lá longe, em cima da peúva, o ninho do tuiuiú ensopado. Aquele ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!

A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde.

(Livro de Pré-coisas, 2021, p. 29)

Águas

Desde o começo do mundo água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.
Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar as árvores.
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das
suas lesmas.
As águas são a epifania da criação.
Agora eu penso nas águas do Pantanal.
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives
para escorrer.
Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas para
alegria das garças.
Estes pequenos corixos ainda precisam de formar
barrancos para se comportarem em seus leitos.
Penso com humildade que fui convidado para o
banquete destas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.
Acho agora que estas águas que bem conhecem a
inocência de seus pássaros e de suas árvores.
Que elas pertencem também de nossas origens.
Louvo, portanto, esta fonte de todos os seres e de todas
as plantas.
Vez que todos somos devedores destas águas.
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa
inocência de nossas origens.

(Meu quintal é maior do que o mundo, 2015, p. 144)

Menino do Mato - II

Nosso conhecimento não era de estudar em livros.
Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.
Seria um saber primordial?
Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor
e não por sintaxe.
A gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavras.
Um dia tentamos até de fazer um cruzamento de árvores
com passarinhos
para obter gorjeios em nossas palavras.
Não obtivemos.
Estamos esperando até hoje.
Mas bem ficamos sabendo que é também das percepções
primárias que nascem arpejos e canções e gorjeios.
Porém naquela altura a gente gostava mais das palavras
desbocadas.
Tipo assim: Eu queria pegar na bunda do vento.
O pai disse que vento não tem bunda.
Pelo que ficamos frustrados.
Mas o pai apoiava a nossa maneira de desver o mundo
que era a nossa maneira de sair do enfado.
A gente não gostava de explicar as imagens porque
explicar afasta as falas da imaginação.
A gente gostava dos sentidos desarticulados como a
conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de
mosca.
Certas visões não significavam nada, mas eram passeios
verbais.
A gente sempre queria dar braço às borboletas.
A gente gostava bem das vadiações com as palavras do
que das prisões gramaticais.
Quando o menino disse que queria passar para as
palavras suas peraltagens até os caracóis apoiaram.

A gente se encostava na tarde como se a tarde fosse
um poste.

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam
os sentidos normais da fala.

Esses meninos faziam parte do arrebol como
os passarinhos.

(Meu quintal é maior do que o mundo, 2015, p. 142)

Sabiá com trevas - XV

- Quem é sua poesia?

- Os nervos do entulho, como disse o poeta

português José Gomes Ferreira

Um menino que obrava atrás de Cuiabá também

Mel de ostras

Palavras caídas no espinheiro parecem ser (para mim

É muito importante que algumas palavras saiam

Tintas de espinheiro).

- Difícil de entender, me dizem, é sua poesia, o
senhor concorda?

- Para entender nós temos dois caminhos: o da
sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da
inteligência que é o entendimento do espírito.

Eu escrevo com o corpo

Poesia não é para compreender mas para incorporar

Entender é parede: procure ser uma árvore.

- Pedras fazem versos? Pergunta Fernando Pessoa.

- Ó Vassily Ordinov, irmão nosso, acaso ervas
dão vinho?

E mosca de olho afastado dá flor?

Raiz de minha fala chama escombro

Meu olho perde as folhas quando a lesma

A gente comunga é sapo
 Nossa maçã é que come Eva
 Estrela que tem firmamento
 Mas se estrela fosse brejo, eu brejava.

- Natureza é fonte primordial?
 - Três coisas importantes eu conheço: lugar
 apropriado para um homem ser folha; pássaro que se
 encontra em situação de água; e lagarto verde que
 canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma
 força que inunda os desertos. que me enche
 de flores, calores, insetos, e me entorpece até a
 paradeza total dos reatores
 Então eu apodreço de fazer poesia
 Em meu labor se inclui o Paracleto.

- E o poema é seus fragmentos?
 - É muito complicado dar ossos à água. Passei anos
 enganchado num pedaço de serrote na beira do rio
 Coxim. Veio uma formiguinha de tamanho médio,
 me carregou. Eu ia aos trancos como mala de louco.
 E não podia entender a razão pela qual aquela
 formiguinha, me carregando, não evitava os
 barrancos os buracos os abismos
 Me carregava obstinada para o seu formigueiro
 Ia comer o meu escroto!
 Nossa grandeza tem muito cisco
 Há mistérios nascendo por cima das palavras
 desordenadamente como bucha em tapera
 E moscas portadoras de rios.

- É de um ser inseguro a imagem plástica?
 - Nos resíduos das primeiras falas
 eu cisco meu verso

A partir do inominado
e do insignificante
é que eu canto
O som inaugural é tatibitate e vento
Um verso se revela tanto mais concreto quanto seja
seu criador coisa adejante
(Coisa adejante, se infira, é o sujeito que se quebra
até de encontro com uma palavra.)

- E sobre a palavra, ela?
- Mexo com palavra
como quem mexe com pimenta
até vir sangue no órgão.

- Alguns dados biográficos?
- O lajedo interior do poema me urde
Por uma fresta saio hino e limos.

- E como é que o senhor escreve?
- Como se bronha
E agora peço desculpas
Estou arrumado para pedra.

(Arranjos para assobio, 2016, p. 43)

Desejar Ser – 9

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá
mas não podem medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o cordão de
Adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

(Livro sobre nada, 2016, p. 41)

Retrato do artista quando coisa – 6

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.
É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.
O ser que na sociedade é chutado como uma
barata – cresce de importância para o meu
olho.
Ainda não entendi por que herdei esse olhar
para baixo.
Sempre imagino que venha de ancestralidades
machucadas.
Fui criado no mato e aprendi a gostar das
coisinhas do chão –
Antes que das coisas celestiais.
Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

(Retrato do artista quando coisa, 2022, p. 29)

ANEXO 3 – Letras das músicas selecionadas

As Três Cuiabanas (1951)

Carreirinho/Zé Carreiro

Eu nasci numa data feliz bem depois do dia dezesseis
Por eu ser um menino sem pai fui criado com titio Inês
Titio era cuiabano nessa lida também me criei

Ele era criador de gado no seu regime me acostumei
Tinha laço couro de mateiro não escapava um rês do mangueiro
Eu deixava correr trinta dias por mês

Fiz viagem pra Mato Grosso na comitiva de um Calabrês
Titio me deu um burro pampa que atendia por nome Truquês
Foi tirado da tropa rio grande outra escolha melhor não achei

Eu deixei pra mostrar minha ciência quando lá em Mato Grosso cheguei
Eu bambeeí a rédea do pampa e o laço pegou pelas guampas
Berrava na chinha o Zebu Jaguanês

Tinha três mocinhas na janela Juviliana, Clarice e Inês
Uma delas estava me gabando paulistinha ainda surra vocês
Cuiabano quiseram achar ruim o meu trinta na cinta eu bambeeí

Pra mostra minha ciência melhor por capricho o mestiço soltei
Ele tinha as guampas revessa e o laço escapou da cabeça
Pelas duas mãos eu lacei outra vez

O patrão me chamou lá pra dentro eu entrei com meu jeito cortês
Eu entrei no salão de visita lá fiquei arodeado das três
Perguntou qual era a mais bonita vejam só que apuro eu passei

Respondi todas as três são iguais foi do jeito que eu desapurei
A mais velha é uma flor do campo, a do meio é um cravo vermelho
A mais nova é uma rosa quando está de vez

Na hora da despedida foi preciso eu falar o português
O meu coração ficou roxo foi da cor de uma alho chinês
Eu deixei pra dar meus três suspiros quando o porto pra cá atravessei

As meninas me escreveram cartas brevemente a resposta eu mandei
Vou tomar linha sorocabana quero ver as três cuiabanas
Vou ver Juviliana, Clarice e Inês

Desgarrado (2018)

Grupo Canto da Terra

Sou filho do tempo e da mãe natureza
Acompanho o vento pra onde ele for
Criado no campo cresci desgarrado
Maniador nas patas ninguém vai me por
Pra correr estradas tenho meu cavalo
Bagual ensinado só falta falar
Se alguém se atrever a pôr a mão no toso
O bicho sestroso pega a manotiar

Nunca fui querido pelos invejosos
Por isso uma história agora vou contar
Perto da fazenda que estou trabalhando
De uma carreirada quis participar
Não me convidaram por ser forasteiro
Também meu dinheiro ninguém quis pegar
Me viraram as costas foram me falando
Para bandoleiro aqui não tem lugar

Preparei meu pingo para ir embora
No galpão meus trastes comecei juntar
Senti no meu ombro uma mão macia
E uma voz suave começou falar
Sou dona da estância e estou resolvida
Sua montaria já mandei selar
Seu pingo é de raça e eu dou garantia
Que essa carreirada nós vamos ganhar

Meu Pingo ligeiro ganhou a carreira
E a fazendeira veio me falar
Quero que prometa que não vai embora
Se seu potro nele me deixar montar
O bicho manhoso tornou-se amistoso
Quando a caprichosa em seu lombo saltou
Sorriu maliciosa pra mim, já orgulhosa
Certa que também meu coração pialou
Agora em seus braços vivo apaixonado
E o pingo na invernada ela mesma soltou

Peão (1982)

Almir Sater

Diga você me conhece
 Eu já fui boiadeiro
 Conheço essas trilhas
 Quilômetro, milhas
 Que vem e que vão
 Pelo alto sertão
 Que agora se chama
 Não mais de sertão
 Mas de terra vendida
 Civilização

Ventos que arrombam janelas
 E arrancam porteiras
 Espora de prata riscando as fronteiras
 Selei meu cavalo
 Matula no fardo
 Andando ligeiro
 Um abraço apertado
 E um suspiro dobrado
 Não tem mais sertão

Os caminhos mudam com o tempo
 Só o tempo muda um coração
 Segue seu destino boiadeiro
 Que a boiada foi no caminhão

A fogueira, a noite
 Redes no galpão

O paiero, a moda,
 O mate, a prosa
 A saga, a sina
 O "causo" e a onça
 Tem mais não

Ô peão....

Tempos e vidas cumpridas
 Pó, poeira, estrada
 Estórias contidas
 Nas encruzilhadas
 Em noites perdidas
 No meio do mundo
 Mundão cabeludo
 Onde tudo é floresta
 E campina silvestre
 Mundão "caba" não

Sabe, "prum" bom viajante
 Nada é distante
 "Prum" bom companheiro
 Não conto dinheiro
 Existe uma vida
 Uma vida vivida
 Sentida e sofrida
 De vez por inteiro
 E esse é o preço "preu" ser brasileiro

Coração Pantaneiro (1990)

Sérgio Reis

Meu coração pantaneiro
Onde pulsa a natureza
Sol nascente do desejo
Da paixão em correnteza

Comandante em meu cavalo
Nos caminhos boiadeiros
Navegante pelas águas
Desses rios canoeiros

Meu coração pantaneiro
Que o amor já fez morada
Dor de peão boiadeiro
Que procura sua amada

Uma garça majestosa
Flor campeira de mulher
Bate asas tão distante
Inda não sabe o que quer

Tuiuiú, ai tuiuiú (2Xs)
Voa, vai dizer a ela
Que a paixão é verdadeira
Diz que sou peão escravo
Dessa garça pantaneira

E assim, eu vou levando
Essa dor apaixonada
Em cada ponto de estrela
Vejo o rosto dessa amada

Ponteando na viola
A esperança de um sinal
De poder em suas asas
Revoar o pantanal

Tuiuiú, ai tuiuiú
Voa, vai dizer a ela
Que a paixão é verdadeira
Diz que sou peão escravo
Dessa garça pantaneira

Morena Linda de Mato Grosso (1996)

João Bosco & Vinícius

Eis a homenagem que te ofereço
Morena linda de mato grosso
Seus lábios lindos de beijos longos
Faz o menino tornar-se moço (2Xs)

Meu coração hoje te convida
Cantar a vida falar de amor
A natureza tem alegria
A luz de poesia querida flor

Vou te falar com toda franqueza
Que a tua beleza é sem igual
E me despertas paixão infinda
Morena linda do pantanal

Eis a homenagem que te ofereço
Morena linda de mato grosso
Seus lábios lindos de beijos longos
Faz o menino tornar-se moço (2Xs)

Calar não posso porque preciso
Nos teus sorrisos me acalantar
E fascinado por teus encantos
Nem sei o quanto ei de te amar

Tu és talvez o mau de uma crença
Que a mente pensa, porém não diz
Se eu pudesse te dar meu nome
Seria um homem muito feliz

Eis a homenagem que te ofereço
Morena linda de mato grosso
Seus lábios lindos de beijos longos
Faz o menino tornar-se moço (2Xs)

Peão de Boiadeiro

Sérgio Reis

Sou um peão de boiadeiro
Procurando paz
O caminho das estrelas
Eu deixei prá trás

Vou seguindo nesse mundo
Nesta solidão
Eu no meu cavalo, estrada de chão
Vou pensando nela, triste ilusão

Quero ser o seu amigo
Ser o seu abrigo
Tudo que lhe falta
Ser o seu peão

Quero estar sempre ao seu lado
Ter o seu perfume
Ser o seu amado
E não sentir ciúme, ciúme

Sou peão de boiadeiro
Amando demais
Eu que não acreditava
Um dia ser capaz

E se esse amor existe, pode confessar
Não me deixe triste
Basta um olhar
Para que eu sinta que o amor nasceu

Quero ser o seu amigo
Ser o seu abrigo
Tudo que lhe falta
Ser o seu peão

Quero estar sempre ao seu lado
Ter o seu perfume
Ser o seu amado
E não sentir ciúme, ciúme
Sou peão de boiadeiro
Amando demais

A Garça Pantaneira
Milionário e José Rico

A Garça Branca Matogrossense
Levanta o voo do Pantanal
Não sei se foi pro estado de Minas
Se foi pro estado de Goiás

Só sei que aqui fiquei sozinho
Com muita vontade de ir atrás
Pra conhecer a nova morada
Da linda flor do meu Pantanal

Quem teve um grande amor nesta vida
Lembranças guarda no coração
Se este alguém regressar um dia
Darei meu amor, minha paixão
Vamo lá

As águas claras do rio Bonito
Ficaram escuras para mim
Depois que meu amor foi embora
O meu cantar ficou triste assim

Só sei que aqui fiquei sozinho
Com muita vontade de ir atrás
Pra conhecer a nova morada
Da linda flor do meu Pantanal

Quem teve um grande amor nesta vida
Lembranças guarda no coração
Se este alguém regressar um dia
Darei meu amor, minha paixão

Chalana

Almir Sater

Lá vai uma chalana
Bem longe se vai
Navegando no remanso
Do rio Paraguai

Oh, Chalana, sem querer
Tu aumentas minha dor
Nessas águas tão serenas
Vai levando meu amor

E assim ela se foi
E nem de mim se despediu
Oh Chalana, vai sumindo
Lá na curva do rio

E se ela vai magoada
Eu bem sei que tem razão
Fui ingrato, eu feri
O seu pobre coração

E assim ela se foi
E nem de mim se despediu
A Chalana vai sumindo
Lá na curva do rio

E se ela vai magoada
Eu bem sei que tem razão
Fui ingrato, eu feri
O seu pobre coração
Fui ingrato, eu feri
O seu pobre coração

Meu Veneno (2012)

Renato Teixeira

No Mato Grosso fui a Poconé, Sinop
Cuiabá, Barra do Garça, Alto Floresta, Porto Jofre
Também passei por Várzea Grande, Rondonópolis
Em Barão de Melgaço, eu parei pra pernoitar
No Mato Grosso do Sul tem Três Lagoas
Campo Grande, Corumbá

Aquidauana, meu coração não me engana
De Potim saí um dia só pra ver Ponta Porã
Ji-Paraná, Rondônia, Guajará-Mirim, Cacoal
Ariquemes, Pimenta Bueno
Logo, logo eu estarei em Porto Velho
Que é a menina dos meus olhos, meu veneno
Hum-hum, ei, ei, ei! Vai, velho!

Ji-Paraná, Rondônia, Guajará-Mirim, Cacoal
Ariquemes, Pimenta Bueno
Logo, logo eu estarei em Porto Velho
Que é a menina dos meus olhos, meu veneno
Hum-hum, ei, ei, ei!
Que é a menina dos meus olhos, meu veneno
Hum-hum

Cunhataiporã

Geraldo Espíndola

Onde você quer ir meu bem?
Diga logo pra eu ir também
Você quer pegar aquele trem?
É naquele trem que eu vou também

É pra Ponta Porã?
Cunhataiporã, chero rai rô
É pra Corumbá?
É lá que eu vou pegar um barco

E descer o rio Paraguai
Cantando as canções que não se ouvem mais
E descer o rio Paraguai
Cantando as canções que não se ouvem mais

Você quer pegar aquele trem?
É naquele trem que eu vou também

É pra Ponta Porã?
Cunhataiporã, chero rai rô
É pra Corumbá?
É lá que eu vou pegar um barco

E descer o rio Paraguai
Cantando as canções que não se ouvem mais
E descer o rio Paraguai
Cantando as canções que não se ouvem mais

Trem de lata (2003)

Almir Sater

De repente lá bem longe
Aparece outro lugar
Novos campos e horizontes
Tão ali pra eu passar

Trem de ferro, trem de lata
Tem alguém a me esperar
Não sei se eu que tô indo
Ou ela quem vai chegar

Quanta alegria, tanto prazer
Tô aqui, vamos chegar
A casa é sua, pode entrar
Meus braços vão te abraçar
Há tanto pra plantar
Por aqui

É assim, quando posso
Vou aí lhe visitar
São dois trilhos me levando
Daqui pra outro lugar

Somos pares que o destino
Preferiu aproximar
Dois amores, dois desejos
E um trem pra se esperar

Quanta alegria, tanto prazer
Tô aqui, vamos chegar
A casa é sua, pode entrar
Meus braços vão te abraçar
Há tanto pra plantar
Por aqui

A saudade é uma estrada longa (1994)

Almir Sater

A saudade é uma estrada longa
Que começa e não tem mais fim
Suas léguas dão volta ao mundo
Mas não voltam por onde vim

A saudade é uma estrada longa
Que começa e não tem mais fim
Cada dia tem mais distâncias
Afastando você de mim

Tantas foram as vezes
Que nos enganamos
Outras vezes nos desencontramos
Sem nem perceber

Mesmo sem razão eu quero lhe dizer
Sem intenção
Ver tudo se perder
Dói tanto, tanto

A saudade é uma estrada longa
Nem é boa e nem é ruim
Vou seguindo sempre adiante
Nunca volto
Eu sou mesmo assim

A saudade é uma estrada longa
Que hoje passa dentro de mim
Me armei só de esperanças
Mas usei balas de festim

Tantas foram as vezes
Que nos enganamos
Outras vezes nos desencontramos
Sem nem perceber

Mesmo sem razão eu quero lhe dizer
Sem intenção
Ver tudo se perder
Dói tanto, tanto

Comitiva Esperança (1991)

Almir Sater e Paulo Simões

Nossa viagem não é ligeira
Ninguém tem pressa de chegar
A nossa estrada é boiadeira
Não interessa onde vai dar

Onde a comitiva Esperança chega já começa a festança
Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás
Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai

Tá de passagem, abre a porteira
Conforme for pra pernoitar
Se a gente é boa, hospitaleira
A comitiva vai tocar
Moda ligeira, que é uma doideira
Assanha o povo e faz dançar
Oh moda lenta que faz sonhar

Onde a comitiva Esperança chega já começa a festança
Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás
Vai descendo o Piqueri, o São Lourênço e o Paraguai

Ê, tempo bom que tava por lá
Nem vontade de regressar
Só vortemo, eu vô confessar
É que as águas chegaram em janeiro
Descolamos um barco ligeiro
Fomos pra Corumbá

E essa era nossa comitiva

Tuiuiú e Jaburu (2005)

Geraldo Espíndola

Tuiuiú chegou no corixo do jacaré,
pousou onde dava pé
Na beira do Rio Taquari

Logo depois, então, eu vi
Um jaburu chegar de mansinho posando pr'uma fotografia
Quase fim do dia, bem colorido no pé da serra

na primavera
E tão bonito ver tanto bicho vivendo livre por ali
Naquelas barrancas do Taquari

dá até vontade de virar índio
Ficar contente, tirar a roupa
Entrar no rio, pegar corimbatá,
sem medo de arraia

É demais linda a natureza
Que não me traia, seja legal
Como meus amigos, minha mulher e meu filho novo

Este, sim, terá um grande gozo se preservarmos o Pantanal
Pantanal do tuiuiú-jaburu
Pantanal do bugio, da onça e do jaú

Um Violeiro Toca (1989)

Almir Sater

Quando uma estrela cai no escurão da noite
E um violeiro toca suas mágoas
Então os óio' dos bichos vão ficando iluminados
Rebrilham neles estrelas de um sertão enluarado

Quando o amor termina perdido numa esquina
E um violeiro toca sua sina
Então os óio' dos bichos vão ficando entristecidos
Rebrilham neles lembranças dos amores esquecidos

Quando o amor começa nossa alegria chama
E um violeiro toca em nossa cama
Então os óio' dos bichos são os olhos de quem ama
Pois a natureza é isso: sem medo, nem dó, nem drama

Tudo é sertão, tudo é paixão se um violeiro toca
A viola, o violeiro e o amor se tocam
Tudo é sertão, tudo é paixão, se um violeiro toca
A viola, o violeiro e o amor se tocam

Sonhos Guaranis (1982)

Paulo Simões e Almir Sater

Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos guaranis
Por campos e serras a história enterra uma só raiz
Que aflora nas emoções e o tempo faz cicatriz
Em mil canções lembrando o que não se diz

Mato Grosso espera, esquecer quisera o som dos fuzis
Se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país
Amante das tradições de que me fiz aprendiz
Por mil paixões podendo morrer feliz

Cego é o coração que trai
Aquele voz primeira que de dentro sai

E às vezes me deixa assim
Ao revelar que eu vim
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai

E às vezes me deixa assim
Ao revelar que eu vim
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai

Japonês tem três filhas (1993)

Geraldo Roca

Japonês tem três filhas

Uma é Yoshiko-san

Yoshiko é a mais nova

E é uma linda cuña

Ela é índia do Oriente

Eu sou bugre daqui

Falou comigo em japonês

Respondi em guarani

"Wasurenaide", me falou assim

A índia lá do Oriente

Gostou do bugre daqui

Japonesinha é minha cuñataí.

Japonês me comprou o chão

Me comprou roça de arroz

Vendi o arroz e o chão

E não entreguei nenhum dos dois

Vou casar com a filha do japonês

O resto eu vejo depois

"Seu" japonês não se zangue

Foi sua filha quem me propôs

"Wasurenaide", me falou assim

Eu respondi: "Nai moái che

ro rechave"

A índia lá do Oriente

Gostou do bugre daqui

Japonesinha é minha cuñataí.

Plantação lá do japonês

É coisa que nunca vi

Lá tem um pé de pimenta

Que mais parece caqui

Lá cresce jabuticaba

Do tamanho de maçã

Mas sua fruta mais linda

Se chama Yoshiko-san

Yoshiko-san, minha linda

Yoshiko-san my porã

Não casaremos na igreja

Nossa paixão é pagã

Esquece o Deus da igreja

Venera o sol da manhã

Desmaia o corpo na relva

E diga pro seu galã

"Wasurenaide", me falou assim...

Eu respondi: "Nai moái che
ro rechave"

A índia lá do Oriente

Gostou do bugre daqui

Japonesinha é minha cuñataí.

Ciranda Pantaneira (2016)

Grupo Acaba

Carandá é uma planta
É planta do Pantanal
Carandá é um coqueiro
Coqueiro do Pantanal

Da folha sai abanico
Abanico pra abanar
Sai esteira pra deitar
Sai cavalo para brincar

(Grupo Acaba!
Em busca da rez perdida
do casco do cavalo,
um pedaço de poema
Na face pantaneira,
um ponto de partida)

Quem conhece Carandá
Quem conhece camalote
Quem conhece Tarumã
É do Pantanal

(Ser pantaneiro é sentir o cheiro da
fruta
Nadar em águas barrentas, remar em
águas correntes
Ser pantaneiro é a fuga da morte!
É a busca da vida)

Tem cheiro de camalote
Tem gosto de Tarumã

Refrão:
Pantaneiro,
chegou a hora de você cantar
Pantaneira,
chegou a hora de você dançar
Me mostre essa ciranda
Nascida no Pantanal

Marrequinha da lagoa
Tuiuiú do Pantanal
Marrequinha pega o peixe
Tuiuiú já vem tomar

Na beira de mil lagoas
vou remando minha canoa

Eu não faço verso a toa
sou molhado pela cheia

Sou queimado pelo sol
Na beira de mil lagoas

Pipirá que vem subindo
Peixe grande vem atrás

Na flor deste camalote
meu canto não é de morte

Jenipapo é isca forte
pescador do Pantanal

Refrão

Sou burro pantaneiro
Sou vaca pantaneira

Na folha que a água leva
Leva o bem e leva o mal

Eu sou burro pantaneiro
Sou fruta do Pantanal

Mas, onde nasce Carandá
não nasce Caraguatá

Onde tem Caraguatá
tem buraco de tatú

Onde tem Caraguatá
cavalo não pode andar

Boiadeiro do Nabileque (1989)

Almir Sater

Vai boieiro
Rio abaixo
Vai levando gado e gente
O sal grosso e a semente
Eh! Porto de Corumbá!

Um amor, toda beleza
Como um canto de nobreza
Desliza na veia d'água
Eh! Rio Paraguai

Rio acima, peixe bom
Passarada, matagal
Velho bugre entoando
Seu antigo ritual
Pantaneiro

Tocando Em Frente (1992)

Almir Sater

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco eu sei
Eu nada sei

Refrão:

Conhecer as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou

(Refrão)

Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz